

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

LUCAS FRANCISCO FERREIRA DE OLIVEIRA

**A RESENHA CRÍTICA DE FILME NO ENSINO FUNDAMENTAL II: O USO DA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E INTERAÇÃO**

BELO HORIZONTE
2019

LUCAS FRANCISCO FERREIRA DE OLIVEIRA

**A RESENHA CRÍTICA DE FILME NO ENSINO FUNDAMENTAL II: O USO DA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E INTERAÇÃO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientador: Prof. Dr. Luciano Magnoni Tocaia

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2019

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

O48r

Oliveira, Lucas Francisco Ferreira de.

A resenha crítica de filme no ensino fundamental II [manuscrito] : o uso da sequência didática como estratégia de ensino e interação / Lucas Francisco Ferreira de Oliveira. – 2019.
177 f., enc.

Orientador: Luciano Magnoni Tocaia.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual : Diversidade Social e Práticas Docentes.

Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 150-154.

Anexos: f. 155-177.

1. Gêneros textuais – Teses. 2. Produção de textos – Teses. 3. Estratégia textual – Teses. 4. Escrita – Estudo e ensino – Teses. 5. Elaboração de resenha – Técnica – Teses. 6. Professores de ensino fundamental – Formação – Teses. I. Tocaia, Luciano Magnoni. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.07



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/MP

UFMG

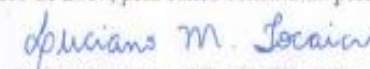
FOLHA DE APROVAÇÃO

**A RESENHA CRÍTICA DE FILME NO ENSINO FUNDAMENTAL II: O
USO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E
INTERAÇÃO**

LUCAS FRANCISCO FERREIRA DE OLIVEIRA

Trabalho submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em LETRAS, área de concentração LINGUAGENS E LETRAMENTOS.

Aprovado em 29 de novembro de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof. Luciano Magnoni Tocaia - Orientador
UFMG


Profa. Elzimar Goenenauer de Marins Costa
UFMG


Profa. Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Belo Horizonte, 29 de novembro de 2019.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado é o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo a aplicação de uma sequência didática para o gênero resenha crítica de filme, a fim de eliminar marcas orais presentes nos textos de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, e aprimorar, a partir da utilização deste gênero, os seus conhecimentos sobre o uso de diferentes estratégias da argumentação. Assim, foi elaborado um modelo didático para o gênero resenha crítica de filme, com base em estratégias de textualização do discurso argumentativo, as quais foram trabalhadas na sequência didática. Em seguida, foram comparados os textos relativos à produção inicial e final dos alunos, verificando o desenvolvimento das capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas, com base nos pressupostos teórico-metodológicos do interacionismo sóciodiscursivo (Bronckart, 2007), nos estudos sobre gêneros orais e escritos no ambiente escolar (Schneuwly e Dolz, 2004), e na análise do processo de aprendizagem e desenvolvimento a partir da noção de mediação (Vygotski, 1989). As ações executadas estão pautadas também nos estudos sobre a relação entre texto e argumentação (Fiorin, 2016; Koch, 2009; 2011); nos trabalhos sobre a elaboração de modelos didáticos de gênero para o desenvolvimento de uma sequência didática de gênero (de Pietro e Schneuwly, 2003; Machado e Cristovão, 2006; Messias, 2014), bem como nos estudos sobre os aspectos do gênero resenha crítica (Medeiros, 1999; Machado, 1996; Carvalho, 2010). O método utilizado para a análise do *corpus* foi o da análise qualitativa de textos, comparando-se a produção inicial dos alunos com a produção final. Esta pesquisa observou que o uso da sequência didática como estratégia de ensino proporcionou redução relativa quanto ao uso de marcas de oralidade pelos estudantes, pois, em algumas produções finais, os alunos não conseguiram eliminar essas marcas em seus textos. Por outro lado, esse método de ensino contribuiu de forma significativa para aprimorar a argumentação dos estudantes e o conhecimento deles sobre o gênero resenha crítica de filme, já que, nas produções finais, os estudantes atenderam à proposta, utilizaram recursos linguísticos relacionados ao gênero, e construíram a argumentação a partir de algumas das estratégias do discurso argumentativo ensinadas na SD. Este trabalho também contribui para a melhoria do ensino e da prática docente, pois comprova a importância da produção textual associada à leitura e reforça a ideia da priorização não só da leitura, mas também da escrita, nas avaliações governamentais.

Palavras-chave: Interacionismo social. Interacionismo sociodiscursivo. Sequência didática de gênero. Resenha crítica de filme. Marcas de oralidade. Argumentação.

SUMÁRIO

Introdução	7
Justificativa	11
Objetivos e perguntas de pesquisa	12
Objetivo geral.....	12
Objetivos específicos	12
Perguntas de pesquisa	12
Capítulo I – Fundamentação teórica	13
1.1 A relação entre língua e texto	13
1.2 O interacionismo sociodiscursivo	16
1.3 Linguagem, mediação, desenvolvimento e aprendizagem	20
1.4 Gêneros orais e escritos	25
1.5 Texto e argumentação	30
1.6 O gênero resenha crítica de filme	34
Capítulo II – Procedimentos metodológicos	38
2.1 O contexto da pesquisa	38
2.2 O professor-pesquisador	40
2.3 Etapas da pesquisa e coleta de dados	42
2.4 Dificuldades para a realização da pesquisa.....	45
2.5 Procedimentos de análise dos dados	46
2.6 Aspectos éticos da pesquisa	47
Capítulo III – Modelo didático de gênero e sequência didática	48
3.1 O modelo didático para o gênero resenha crítica de filme.....	49
3.2 A sequência didática	51
Capítulo IV - Análise dos dados.....	98
4.1 Textos selecionados para análise e transcrições	100
4.2 Análise das capacidades de ação.....	112
4.3 Análise das capacidades discursivas	122
4.4 Análise das capacidades linguístico-discursivas.....	134
Considerações finais	145
Referências	148

Introdução

É característica fundamental da linguagem a sua função como instrumento social que possibilita o processo de interlocução humana. A língua é o meio pelo qual o ser humano interage e estabelece seus interesses. Isso não é diferente no ambiente escolar. O aluno, assim como o professor, ao produzir textos, sejam eles orais ou escritos, deixa subentendido valores, ideologias e significados que expressam o meio do qual faz parte.

Segundo Bakhtin (1997), mesmo que todas as ações do homem sejam muito diversificadas, todas elas estão relacionadas com o uso que fazemos da língua. Por essa razão, o filósofo russo postula que cada utilização que fazemos da língua está relacionada a uma determinada esfera discursiva em que produzimos enunciados, os quais são relativamente estáveis. Existe na vida social uma gama de discursos que se diversificam de acordo com as atividades do ser humano, uma vez que cada uma das esferas de atividades, de acordo com o autor, é composta por uma grande quantidade de gêneros do discurso, que se modificam de acordo com a evolução da esfera discursiva da qual fazem parte.

Dentro desta perspectiva, um tipo de texto que pode ser considerado de grande importância na vida do estudante é o argumentativo. Segundo Koch (2011), o ato de argumentar serve para orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, sendo fundamental o seu domínio para o indivíduo na vida social. Do mesmo modo, é importante que o aluno perceba que, por trás de qualquer texto que lemos ou produzimos, existem ideologias, implicações, silenciamentos, apagamentos, entre outros elementos que mostram a não neutralidade das ações discursivas presentes naquela modalidade textual.

Atualmente, o baixo nível de desempenho dos alunos brasileiros em relação às modalidades oral e escrita pode ser descrito como um reflexo dos problemas de um sistema de ensino que ainda está aquém das diretrizes sugeridas por órgãos internacionais como a ONU e a UNESCO. Prova disso são os péssimos resultados em leitura e escrita dos estudantes brasileiros em redações de vestibular, principalmente em relação a textos da modalidade argumentativa.

Muitos alunos que terminam o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio apresentam dificuldades para argumentar e desconhecem estratégias básicas de textualização do discurso argumentativo, como, por exemplo, formular o ponto de vista a partir de um tema proposto, estabelecer comparações, construir relações de causa e consequência, além de apresentar dificuldades com mecanismos de coesão verbal e nominal, o que mostra a necessidade de ações de intervenção desde o Ensino Fundamental I e II até o Ensino Médio. Essas

dificuldades podem ser comprovadas a partir de dados de avaliações externas do governo, como é o caso do ENEM. Segundo dados do INEP, em 2016, no Exame Nacional do Ensino Médio, a nota média dos alunos na área de linguagens foi de 520,5, enquanto que, em 2017, a nota média caiu para 510,2. Já em relação à produção de texto, os dados do ENEM mostram um pequeno aumento, de 541,9, em 2016, para 558 em 2017, o que comprova a importância da melhoria contínua do ensino de produção escrita em sala de aula.

Do mesmo modo, avaliações externas do governo do Estado de Minas Gerais para os anos finais do Ensino Fundamental, como o Simave ou o PAAE, além de avaliações do Governo Federal como a Prova Brasil, comprovam que a produção de texto em sala de aula ainda não foi colocada como prioridade, já que todas essas avaliações quantificam resultados a partir de dados coletados de provas que envolvem apenas capacidades de leitura, não avaliando também as capacidades desenvolvidas nos alunos em relação ao processo de produção textual.

A partir de um estudo monográfico, realizado por mim em 2017¹, observei² que muitos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Professor Antônio Corrêa de Carvalho, localizada em Varginha, região Sul do Estado de Minas Gerais, utilizavam marcas de oralidade com função conectiva em textos escritos para estabelecer relações de conexão, principalmente relações de sequência temporal, o que pode ser comprovado a partir da análise de paródias de contos maravilhosos produzidos por eles.

Após a aplicação de uma proposta pedagógica de intervenção, com o intuito de minimizar ou eliminar o problema, a análise dos resultados obtidos confirmou a hipótese de que a oralidade exerce ainda forte influência sobre os textos escritos dos alunos e que, muitos deles, não conseguiram aprender, em etapas anteriores, os recursos formais da língua para estabelecer essas relações de conexão, mas atenderam a proposta de produção textual aplicada.

Diante disso, apesar da confirmação das hipóteses e da redução no uso dessas marcas para estabelecer relações de conexão, outras inadequações quanto ao uso formal da modalidade escrita também foram identificadas no estudo supracitado, como problemas de pontuação, paragrafação, acentuação, ortografia, entre outros, o que comprova sérias

¹ Trabalho intitulado *Marcas de oralidade com função conectiva na escrita de alunos do Ensino Fundamental*, apresentado e aprovado pelo curso de Especialização em Gramática da Língua Portuguesa: Reflexão e Ensino, da Universidade Federal de Minas Gerais.

² O uso da 1ª pessoa do singular neste trabalho será utilizado quando fizer referência à prática docente do pesquisador.

deficiências em relação a etapas anteriores do processo de ensino-aprendizagem desses alunos em relação aos aspectos linguísticos relacionados a esse gênero textual.

Do mesmo modo, muitos deles não só demonstraram desconhecimento em relação aos mecanismos formais da língua para estabelecer a coesão textual, como apresentaram em seus textos marcas orais com função conectiva, o que mostra a importância da elaboração de um modelo de ensino a partir do qual os estudantes possam chegar ao final do Ensino Fundamental II, compreendendo de forma adequada a relação entre a oralidade e a escrita, e reconhecendo e utilizando importantes estratégias de textualização de diferentes tipos de textos, não só na vida escolar, mas no seu cotidiano extraclasse.

Neste ano, ao observar que os alunos do 9º ano dessa mesma escola também utilizaram marcas orais em seus textos, assim como desconhecem o uso da modalidade escrita de vários textos argumentativos³, propusemos que uma metodologia de ensino de língua materna pautada no uso de sequência didática de gênero seria eficaz e produziria melhora na escrita dos alunos, pois, ao utilizar o gênero resenha crítica de filme como um instrumento psicológico de mediação (Vygotski, 1989), o estudante poderia não só eliminar as marcas orais presentes em seus textos, mas também ampliar o seu conhecimento sobre as diferentes estratégias de textualização de um texto argumentativo. Ou seja, é fundamental que o estudante possa fazer uso de algum instrumento que facilite a sua compreensão em relação às estratégias de textualização de determinados discursos, como por exemplo, o argumentativo, e, neste contexto, o gênero resenha crítica de filme cumpre esse papel, pois é um gênero mais próximo da vida social do aluno e desperta mais o seu interesse no processo de construção da aprendizagem.

Desse modo, analisando o texto em sala de aula pela perspectiva de Vygotski (1989), percebemos que um determinado gênero textual deixa de ser visto como uma simples modalidade de texto, e passa a ser entendido como um instrumento para a interação do aluno na vida em sociedade. De acordo Schneuwly e Dolz (2004), a leitura, compreensão e produção de um determinado gênero proporciona ao estudante o desenvolvimento de várias capacidades de linguagem que estão atreladas ao seu uso, ou seja, o texto passa a ser um objeto por meio do qual o sujeito age. Na sala de aula, isso possibilita ao aluno melhorar a forma como se posiciona no mundo, e também aprimora as suas diversas potencialidades.

³ A partir de atividades diagnósticas, envolvendo leitura e produção de texto, observei que os alunos não estão familiarizados com textos argumentativos e apresentam muitas dificuldades para produzir textos dessa modalidade.

Assim, com base nos pressupostos teórico-metodológicos estabelecidos pelo interacionismo sóciodiscursivo, doravante denominado ISD, propostos por Bronckart (2007); nos estudos sobre gêneros orais e escritos no ambiente escolar, postulados por Schneuwly e Dolz, (2004); assim como na análise do processo de aprendizagem e desenvolvimento em Vygotski (1989), apresentada por Oliveira (2010), e na noção de mediação proposta por Vygotski, descrita nos trabalhos de Friedrich (2012), esta pesquisa trabalhou com a hipótese de que os alunos não tiveram acesso adequado e suficiente sobre atividades que envolvam, de forma integrada, o contexto de produção, os aspectos discursivos e linguísticos de textos argumentativos, do mesmo modo que, provavelmente, tiveram pouco contato com o uso formal das estratégias de textualização dessa modalidade textual. Por isso, além do quadro teórico acima apresentado, este trabalho tem também como base as pesquisas de Fiorin (2016) e Koch (2009; 2011) sobre a relação entre texto e argumentação; os trabalhos de Machado e Cristovão (2006) sobre a elaboração de modelos didáticos de gênero para o desenvolvimento de uma sequência didática de gênero, doravante denominada SDG, além de estudos sobre os aspectos do gênero resenha crítica, Medeiros (1999), Machado (1996) e Carvalho (2010).

Portanto, utilizamos como metodologia a elaboração de uma SDG, de acordo com os pressupostos de Schneuwly e Dolz (2004), e de Bronckart (2007), que auxiliaram na elaboração de atividades para o gênero resenha crítica de filme, com base em um modelo de SDG desenvolvido por Tocaia (2015), para o gênero resenha crítica de filme, destacando que o modelo proposto por este autor serviu apenas como uma orientação para a elaboração das atividades aqui executadas, já que todas as ações didático-pedagógicas desta pesquisa foram direcionadas para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, e as atividades propostas pelo autor foram direcionadas para alunos do Ensino Superior.

As atividades elaboradas na sequência didática tratam da prática social do gênero, dos aspectos discursivos, assim como dos elementos linguísticos que compõe o gênero, utilizando esse gênero como um instrumento que busca facilitar ao aluno: eliminar marcas orais presentes nos textos escritos por eles e ampliar seu conhecimento sobre as diferentes estratégias de textualização em textos argumentativos⁴. Além disso, este estudo apresenta-se como uma pesquisa de intervenção pedagógica com caráter qualitativo, de acordo com os pressupostos de Chizzotti (2003) e Damiani *et. al.* (2013), os quais tratam da pesquisa qualitativa e da pesquisa de intervenção pedagógica, respectivamente.

⁴ As estratégias de textualização do discurso argumentativo desenvolvidas com os alunos serão apresentadas no início de cada atividade que faz parte da sequência didática elaborada para este fim.

Para Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa adota vários métodos de investigação a fim de analisar um determinado fenômeno que ocorre em um local, buscando os elementos que deram origem a esse fenômeno, assim como o significado que os indivíduos atribuem a ele. Nesse sentido, Damiani *et. al.* (2013), ao tratar da pesquisa intervenção, que é um tipo de pesquisa qualitativa, descreve que as pesquisas do tipo intervenção são aquelas que apresentam em seus planos de investigação os seguintes elementos: planejamento; implementação de mudanças, a fim de alcançar melhorias no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes; e avaliação dos resultados alcançados com a interferência.

Logo, a escolha pelos métodos supracitados se deu devido ao seu caráter emancipador e transformador, o que pode gerar melhoria no aprendizado e na vida dos alunos, já que o domínio da linguagem formal e seus diferentes usos é uma importante ferramenta de poder e um direito básico do aluno, principalmente o aluno da escola pública, o qual já sofre com as precárias condições das escolas e com a falta de recursos para o seu desenvolvimento.

A seguir, descreveremos a justificativa, os objetivos e as perguntas que nortearam a elaboração desta pesquisa, para, em seguida, apresentar a fundamentação teórica, o universo da pesquisa, o detalhamento da metodologia, o modelo didático utilizado, a sequência didática aplicada, a análise dos dados, as considerações finais e as referências bibliográficas consultadas para a realização deste estudo. Por fim, nos anexos, apresentaremos a documentação utilizada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da universidade, assim como as imagens que ilustram as atividades executadas neste projeto.

Justificativa

A justificativa para a realização desta pesquisa foi a de que as atividades aqui propostas poderiam contribuir com os estudos que usam a sequência didática como estratégia de ensino na perspectiva do interacionismo sócio-discursivo, percebendo o uso da linguagem como forma de interação do indivíduo com a sociedade, e o gênero textual em sala de aula como um instrumento de mediação para auxiliar os estudantes no desenvolvimento de determinadas habilidades. Além disso, outra justificativa é a de que este trabalho poderia promover um aprimoramento da escrita dos alunos, e do ensino e da prática docente do professor pesquisador em sala de aula, pois esse tipo de atividade comprova a relevância da produção textual associada à leitura, e traz à tona a discussão sobre a prioridade de avaliar a produção textual dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II também nas avaliações externas do governo.

Objetivos e perguntas de pesquisa

Objetivo geral

Aplicar uma sequência didática para o gênero resenha crítica de filme, trabalhando o gênero como um instrumento de mediação para que o aluno elimine marcas orais presentes em seus textos e aprimore o seu conhecimento sobre o uso da argumentação.

Objetivos específicos

- Elaborar um modelo didático para o gênero resenha crítica de filme;
- Definir as estratégias de textualização do discurso argumentativo que serão trabalhadas na sequência didática;
- Comparar os textos relativos à produção inicial e final dos alunos e verificar o desenvolvimento das capacidades de linguagem;
- Analisar de que forma a sequência didática contribuiu para aprimorar o conhecimento dos alunos sobre a argumentação e para a redução das marcas orais nos textos;

Perguntas de pesquisa

Com base nos objetivos apresentados, elencamos as seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Qual é o modelo didático do gênero resenha crítica de filme?
- b) Qual sequência didática pode ser elaborada para que os alunos desenvolvam as capacidades de linguagem necessárias à produção desse gênero?
- c) Quais são as estratégias da argumentação associadas ao gênero resenha crítica de filme?
- d) Há diferenças entre as produções iniciais e produções finais dos alunos em relação a esse gênero? Quais?
- e) Uma sequência didática para o gênero resenha crítica de filme ajudaria a eliminar possíveis marcas orais encontradas nas produções textuais dos alunos e ampliaria o conhecimento deles sobre o uso da argumentação?

Capítulo I – Fundamentação teórica

1.1 A relação entre língua e texto

A língua é um produto social situado em um determinado tempo e espaço da vida humana. Ela é a expressão das diferentes condições do homem em diferentes contextos. Tal premissa traz à tona a reflexão sobre o que ensinar em uma aula de língua materna, quando, a princípio, o aluno já possui certo domínio da língua materna, uma vez que todo estudante traz consigo uma bagagem linguística marcada por valores diversos e que é construída social, histórica e culturalmente.

Para Bronckart (2007), toda língua baseia-se em um código ou sistema, o qual é organizado a partir de regras relacionadas à fonologia, ao léxico, à sintaxe, à semântica, as quais são relativamente estáveis, o que facilita a comunicação verbal entre as pessoas. Porém, como menciona o autor ao destacar as ideias de Saussure, o sistema de uma língua não pode ser considerado estável senão sob um ponto de vista sincrônico, uma vez que uma língua natural, ao ser apreendida, mostra que o mais relevante, neste contexto, são as produções verbais realizadas em diferentes situações que possibilitam esse aprendizado, isto é, os textos produzidos por nós, em diferentes contextos, são formas empíricas efetivas de realização linguística.

De acordo com Bakhtin (2010), a língua serve para que o locutor satisfaça as suas necessidades enunciativas concretas, em que os textos produzidos, a partir do uso dela, estão orientados no sentido da enunciação. Ao utilizarmos a língua, de acordo com o contexto, estamos atrelados a determinadas formas de dizer que são mais ou menos reguladas, entretanto, essas diferentes formas sofrem ressignificações quando são usadas. Para o autor, o centro de gravidade de uma determinada língua não está presente na forma como a norma é utilizada, mas na nova significação que ela ganha quando é observada dentro de um determinado contexto de produção.

Ela é uma prática social que gere as diferentes formas de vida em sociedade, determinando certas formas de ação e de construção do conhecimento. É ela que nos torna indivíduos singulares, uma vez que nos possibilita o engajamento, comunicação e cooperação uns com os outros. A língua é um bem social que sempre teve destaque, em diferentes épocas, e em diferentes povos, pois trata de uma atividade em conjunto realizada na coletividade a fim de formar diferentes identidades sociais e individuais. Trata-se, pois, de um elemento que

sofre variação, e que pode ser identificado a partir dos textos que são produzidos, sejam eles orais ou escritos (MARCUSCHI, 2007).

Por isso, Marcuschi (2007) descreve que todas as línguas sofrem variação tanto na fala como na escrita e que todas são apreendidas, em primeiro lugar, na modalidade oral, e que jamais podemos afirmar que uma determinada língua está em crise, já que não existe uma mais primitiva, nem mais organizada em relação à outra. Logo, cabe ao professor o papel de ensinar a língua materna a partir dos usos em condições reais, já que o aluno, quando vem para a escola, possui certo domínio de vários recursos e construções linguísticas e de alguns gêneros textuais primários que, possivelmente, fazem parte do seu meio social, o que comprava a ideia do autor de que uma determinada língua é apreendida primeiramente através da fala.

Assim, ao analisarmos a relação entre língua e texto, nasce uma concepção de texto que pode ser vista como qualquer produção linguística, seja ela oral ou escrita, situada em um determinado tempo e espaço. Uma conversa entre amigos, uma carta endereçada a um colega de trabalho, um convite, um telefonema, uma resenha crítica de filme, um ensaio ou artigo acadêmico etc., todos esses tipos de produções linguísticas que podem ser consideradas textos. Cada texto produzido, independente da esfera discursiva da qual faz parte, apresenta uma estrutura interna que lhe assegura certa coerência, isto é, cada texto é articulado de acordo com certas regras que são mais ou menos pré-definidas. Neste sentido, é que se pode dizer, em uma perspectiva sociocognitiva-interacional, que o texto é um “lugar de interação social entre atores sociais e de construção interacional de sentidos” (KOCH, 2013, p. 12).

Segundo Antunes (2010), um texto trata daquilo que exprime uma ideia, um propósito comunicativo, ou seja, ele é a manifestação de uma atividade funcional que apresenta um objetivo específico, além de ser considerado como uma atividade social, pois está inserido em diversas atividades do ser humano. Assim, produzir e compreender um texto de forma autônoma é, acima de tudo, entender que sua composição vai além dos aspectos linguísticos, já que sua produção opera, ao mesmo tempo, nos níveis linguístico, social e cognitivo. Tal definição vai ao encontro do princípio que trata o texto como algo diverso e que sofre variação, como descreve Bronckart (2007), ao dizer que

os textos são produtos da atividade humana e, como tais, estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos. Sendo os contextos sociais muito diversos e evolutivos, consequentemente, no curso da história, no quadro de cada comunidade verbal, foram elaborados diferentes ‘modos de fazer’ textos, ou diferentes espécies de textos (BRONCKART, 2007, p.72).

Por essa razão, a produção de textos, sejam eles orais ou escritos, é o resultado de uma interação social e, em termos de gênero, todo texto produzido pode ser considerado como que pertencente a um gênero específico. Entretanto, Bronckart (2007) afirma que classificar os gêneros textuais ainda pode ser visto como uma atividade muito complexa, já que existe uma variedade de critérios relacionados com as atividades humanas que vão, desde a natureza do suporte utilizado, ao conteúdo temático percebido. O gênero ao qual um texto específico pertence não pode ser definido apenas pelos critérios de uso dos recursos linguísticos. Por essa razão, decidiu-se por não fazer, neste trabalho, uma distinção entre gênero do discurso e gênero textual, sendo ambos tratados com o mesmo significado.

Diante disso, Antunes (2010) afirma que as condições de produção e as propriedades dos textos devem servir de base para que uma análise textual seja realizada. É fundamental, nesse contexto, que o professor amplie o seu repertório acerca do que procura em materiais didáticos, não se prendendo apenas em aspectos gramaticais. Ao trabalhar a leitura, visando preparar o aluno para uma produção textual escrita, é essencial que o professor explore outras capacidades de linguagem, como as capacidades de ação e as capacidades discursivas (Bronckart, 2007) e não somente as capacidades linguístico-discursivas as quais, em alguns manuais, acabam tratadas como conteúdos gramaticais. Isto é, um texto não é formado apenas por elementos gramaticais e lexicais, mas está envolvido em um contexto social, apresentando aspectos discursivos que se encontram subjacentes em sua produção, o que coincide com a visão de Bronckart (2007, p. 76) “ao descrever que cada texto particular exhibe, entre outros termos, características individuais e constitui, por isso, um objeto sempre único”.

Por essa razão, ao trabalhar com leitura e produção de texto em sala de aula, o professor deve compreender que é direito do aluno o de perceber o que está por trás não só dos textos que ele lê, mas também dos textos que produz. Isso é entender o texto de forma crítica. Discurso e texto apresentam-se em uma relação de interinfluência, e, ao compreender o texto nesta perspectiva do discurso, explorando não só os seus aspectos linguísticos, mas os elementos discursivos e o contexto de produção, o professor de língua materna contribui para tornar o aluno um ser autônomo na vida em sociedade. Para Rojo e Cordeiro (2004), o texto, ao ser considerado no ambiente escolar, deve ser visto por todos como a base para o ensino de língua materna. Ele deve ser tratado com um enfoque a partir do seu contexto de produção/leitura, dando ao aluno a oportunidade de perceber as diferentes significações que ele pode adquirir a partir dos diferentes usos que fazemos dos recursos discursivos e linguísticos.

Apesar de ainda existirem correntes da linguística e da psicologia cognitiva que ainda tratam a relação entre as ações verbais e a organização e o funcionamento dos textos em uma perspectiva estritamente interna, grande parte dos estudos contemporâneos sobre o texto e o seu funcionamento adota uma abordagem metodológica contextual, ou seja, considera-se, ao analisar um determinado texto, as suas diferentes relações de interdependência com outros textos, assim como os efeitos de sentido que sua produção pode criar em relação à interpretação feita por seus receptores (BRONCKART, 2007).

Para Koch (2013),

as ações verbais são ações conjuntas, já que usar a linguagem é sempre engajar-se em alguma ação em que ela é o próprio lugar onde a ação acontece, necessariamente em coordenação com os outros. Essas ações não são simples realizações autônomas de sujeitos livres e iguais. São ações que se desenrolam em contextos sociais com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente. Os rituais, os gêneros e as formas verbais disponíveis não são em nada neutros quanto a este contexto social e histórico (KOCH, 2013, p. 31-32).

Cada tipo textual está relacionado com determinados critérios internos de organização e se define a partir de certos aspectos de sua própria natureza linguística tais como: modalidade, elementos sintáticos e lexicais, tempo verbal, relações lógico-discursivas, estilo e modo de organização do conteúdo. Um tipo textual também envolve consigo algumas características relacionadas à categoria a qual faz parte, ou seja, um texto pode ser predominantemente narrativo, argumentativo, expositivo, injuntivo, ou descritivo, já que os seus modos discursivos são organizados a partir de sequências que fazem parte da composição de um gênero específico (PASSARELLI, 2012).

Portanto, em uma visão sociointeracionista, que será detalhada na próxima seção, o texto passa a ser visto como o próprio lugar de interação entre os diferentes sujeitos que ali se encontram. Sujeitos esses que, ao utilizarem a língua, são sujeitos ativos que no texto, dialogicamente, se constroem e a partir dele são construídos, uma vez que a produção da linguagem faz parte de uma ação interativa que é complexa e envolve a produção de diferentes sentidos, com base nos recursos linguísticos que podem ser identificados no campo superficial dos textos que venhamos a produzir (KOCK, 2013).

1.2 O interacionismo sociodiscursivo

O interacionismo social, segundo Bronckart (2007), define que as propriedades oriundas das ações humanas podem ser descritas como um “processo histórico de

socialização”, uma vez que, se o ser humano é um elemento dotado de vida e racionalidade, suas atitudes estão atreladas a sua constituição genética e às condições de sobrevivência no meio social do qual faz parte. Mas só estes elementos não podem ser considerados como fundamentais em uma análise realizada dentro desta perspectiva, pois as condutas do ser humano revelam não só as habilidades que foram desenvolvidas ao longo do tempo por ele, mas as novas capacidades que ainda podem ser desenvolvidas no decorrer de sua história. Logo, uma investigação com base no interacionismo social leva em consideração, não só elementos biológicos, mas as condições sociais em que o ser humano se desenvolveu, do mesmo modo que observa as formas de interação dele com o meio ao qual faz parte. (BRONCKART, 2007).

Nesse contexto, Bronckart (2007) faz um levantamento epistemológico do interacionismo social a fim de apresentar quais correntes linguística, sociais e filosóficas influenciaram em sua elaboração. A princípio, ao mencionar o termo “hominização”, o autor aponta que o interacionismo se inscreve, primeiramente, na problemática proposta por Hegel, pois conserva em sua estrutura elementos que caracterizam o processo de dialética no que se refere ao desenvolvimento das atividades humanas e do próprio psiquismo do ser. Dessa maneira, ele postula que pode ser observado no interacionismo alguns elementos da corrente “neokantiana”, assim como de outras correntes mais recentes da antropologia e da socioantropologia tais como os estudos realizados por Gourban (1964), Morin (1977) e Habermas (1987), respectivamente, não deixando de destacar que o interacionismo também está relacionado com a teoria original dos fatos sociais, proposta por Durkheim, do mesmo modo que se alimenta de trabalhos da sociologia e da psicossociologia, pelos estudos de Bourdie, (1980) e Moscovici (1961).⁵

Entretanto, é a partir da influência de abordagens que agrupam as dimensões psicossociais do ser que o interacionismo social mostrará de que forma as interações verbais podem expandir as relações e interações do ser humano através do uso da linguagem. Além disso, a abordagem interacionista não pode deixar de levar em consideração a relação entre o signo e a sua arbitrariedade, pois essa relação ajuda a compreender o processo de interdependência entre o pensamento humano, a constituição das línguas e o uso da linguagem. Para isso, quando analisamos as bases do interacionismo podemos perceber ainda uma releitura dos estudos de Jean Piaget, já que em sua formulação o social exerce papel elementar no desenvolvimento das capacidades cognitivas de crianças, porém, é pelo uso dos

⁵ Todos os autores mencionados fazem parte do levantamento realizado por Bronckart (2007) em sua análise sobre o interacionismo social, sendo as referências das obras encontradas nos estudos realizados pelo autor.

postulados de Vigotsky que o interacionismo constitui o seu fundamento principal. (BRONCKART, 2007)

Desse modo, um dos estudos desenvolvidos por Vigotsky que influenciou a formulação do interacionismo social foi o que trata sobre os instrumentos psicológicos. Ao tentar resumir a tese central do autor sobre o tema, Friedrich (2012) descreve que, nesta abordagem,

todas as funções psíquicas superiores, como por exemplo, a atenção voluntária ou a memória lógica, surgem com o auxílio dos instrumentos psicológicos e, conseqüentemente, se constituem como fenômenos psíquicos mediatizados. Isso significa claramente que, em relação às concepções reflexológicas e behavioristas, opera-se uma modificação da unidade de análise dos fenômenos psíquicos. Nessas duas concepções, os processos psíquicos são apresentados como sendo compostos por dois elementos: o estímulo (por exemplo: A = a tarefa de memorizar uma determinada informação) e a reação (B = a memorização efetiva dessa informação) (FRIEDRICH, 2012, p. 53-54).

Ao descrever os estudos de Vigotsky sobre o significado histórico da psicologia, Bronckart (2007) mostra que, para o psicólogo bielo-russo, o ser humano é um organismo vivo que possui não só características biológicas, mas apresenta consciência e determinadas capacidades psíquicas que lhe possibilitam a interação com o meio. Entretanto, para Vigotsky, as proposições das escolas de psicologia de séculos anteriores não levavam em consideração essa relação entre o físico e o psíquico. Por essa razão, o pesquisador sustentava que a psicologia deveria considerar que a natureza é formada por um componente único, ou seja, a matéria, e que os componentes físicos e psíquicos fazem parte do processo de constituição dessa matéria, o que propicia o acesso à inteligência humana, a qual só pode apreender essa matéria da qual se originou senão de forma fragmentada e descontínua (BRONCKART, 2007).

Para Vigotsky, o ser humano é o resultado de um processo de evolução que fez com que o homem desenvolvesse capacidades comportamentais que lhe são particulares, o que possibilitou que criássemos, ao longo da história, instrumentos que pudessem mediar as nossas relações com o meio. Além disso, a evolução humana permitiu ao ser humano: organizar formas de cooperação nos ambientes de trabalho, as quais possibilitaram o surgimento de formações sociais; e desenvolver formas verbais que ampliaram a comunicação entre os pares. Tais elementos permitiram ao ser humano o desenvolvimento de uma capacidade autorreflexiva que o conduziu a uma reorganização do seu próprio funcionamento psicológico, o que poderia ser descrito como uma reapropriação de certas propriedades instrumentais e discursivas pelo indivíduo, a partir do próprio meio, o qual é sócio-histórico (BRONCKART, 2007).

Nesse contexto, Bronckart (2007) apresenta uma parte dos estudos de Vigotsky que exemplifica a forma como esses mecanismos de reapropriação ocorrem. Um bebê, ao apropriar-se de algumas unidades de significação da língua do meio ao qual faz parte desencadeia o seu próprio funcionamento psíquico, o que caracteriza a consciência de pensamento. Logo, é possível perceber, a partir deste exemplo, que as intervenções dos seres que fazem parte do meio são o elemento principal que torna este processo de apreensão possível, já que a criança consegue formular, neste contato com outros usuários da língua, certas relações lógicas de uso. Isso possibilitou a Vigotsky cunhar o termo “zona de desenvolvimento proximal”, o qual descreve exatamente essa relação entre o ser, o meio e as intervenções que possibilitam a ele a apropriação e estruturação de alguns elementos (BRONCKART, 2007).

Para demonstrar como se dá esse processo de apropriação do ser humano em relação a algum elemento do meio, Friedrich (2012) cita um dos experimentos realizados por Vigotsky, que ilustra bem esse processo. De acordo com a autora, ao pedir a uma criança de aproximadamente 3 anos que levantasse a mão direita quando lhe fosse mostrado um lápis, e que levantasse a mão esquerda, quando lhe fosse mostrado um relógio, o pesquisador fez apenas com essa criança repetisse a ação por diversas vezes, com alguns erros registrados na hora de indicar o objeto. Entretanto, quando ele colocou ao lado do lápis uma folha de papel, e um termômetro ao lado do relógio, a criança não cometeu mais erros, ou seja, quando ele apresentou instrumentos que serviram de mediadores para a apreensão dos elementos lápis e relógio, Vigotsky fez com que a criança memorizasse os objetos apresentados, o que configura a ideia do pesquisador sobre a dupla estimulação em relação ao processo de memorização, o que será melhor detalhado na seção 1.3 deste trabalho, a qual trata da relação entre aprendizagem e desenvolvimento.

Enfim, o interacionismo sociodiscursivo tem como origem o interacionismo social, que não foi propriamente um movimento formal em sua constituição. Segundo Lousada (2010), o interacionismo social foi mais uma orientação epistemológica geral, formulada a partir de ideias de outros autores como Marx e Vigotsky do que um movimento em si. Ao descrever os postulados de Bronckart, a autora mostra que o ISD conduz trabalhos em três níveis de referência do interacionismo social: pré-construído, mediação e desenvolvimento. No primeiro nível, o ISD aponta que todo texto possui uma organização interna, ou seja, cabe ao educador, ao trabalhar nesta abordagem, levar em consideração as condições sociais que influenciam no processo de constituição de um determinado gênero textual, ao ensiná-lo. Já o segundo nível, propõe que o professor leve em consideração o processo de mediação, já que

os níveis dos aprendizes sempre são diversos, assim como os sistemas educacionais, por isso o ISD desenvolveu vários métodos de ensinar um gênero textual específico como forma de melhorar o aprendizado dos alunos, como é o caso das sequências didáticas. Por isso, o ISD apresenta que o educador não pode se interessar só pela forma como o conhecimento é construído pelas pessoas, mas também pelas condições de transformação desse conhecimento, assim como pelos resultados que ele promove nas pessoas, o que caracteriza o terceiro nível, que é o do desenvolvimento (LOUSADA, 2010).

1.3 Linguagem, mediação, desenvolvimento e aprendizagem

Vigotsky dedicou suas pesquisas ao funcionamento psicológico superior ou processos superiores relacionados com a mente humana. Seus trabalhos tiveram um profundo interesse em compreender os diferentes mecanismos que envolvem o controle do comportamento consciente, as ações de cunho intencional, e a maneira como um indivíduo age em relação ao meio do qual faz parte. (OLIVEIRA, 2009)

Segundo Oliveira (2009), temos a capacidade de pensar os objetos que não estão ao nosso redor, assim como imaginar situações hipotéticas referentes a certos acontecimentos de nossas vidas e da coletividade em que estamos inseridos. Para a autora, esse tipo de atividade se diferencia de mecanismos mais elementares como é o caso das ações que envolvem apenas o reflexo, já que essas ações pressupõem processos de associação mais simplificados, ao passo que as ações que envolvem, por exemplo, atos de abstração ou memorização, estão relacionadas a processos psicológicos mais complexos.

Ao analisar o processo de estímulo e resposta proposto por Vigotsky, Friedrich (2012) explica que o processo de memorização se realiza com o auxílio de um instrumento, o qual a autora destaca, utilizando as palavras do pesquisador, como “instrumento psicológico”, que se torna o elo entre o estímulo e a resposta. Assim, ela chega à conclusão que esses processos psicológicos superiores são formados por três elementos fundamentais: a tarefa a ser realizada, o instrumento que funcionará como mediador da relação entre o sujeito e o objeto, e o processo psicológico necessário para que a tarefa seja executada.

Um exemplo clássico utilizado por Oliveira (2009) é do indivíduo que, ao colocar uma das mãos próximo da chama de uma vela, e retirá-la rapidamente ao sentir o calor da chama, estabelece ali uma relação de estímulo e resposta, mas que pressupõe um processo mental complexo, já que esta pessoa, ao retirar a mão para que não seja queimada, retoma uma lembrança de dor, ou seja, usa de algum tipo de construção mental sobre o efeito que colocar

a mão em um objeto em chamas pode desencadear, para evitar que se machuque ao aproximar-se da vela. Logo, Oliveira (2009, p. 29) afirma que “a presença de elementos mediadores introduz um elo a mais nas relações organismo/meio, tornando-as mais complexas”, isto é, as relações que exigem o processo de mediação passam a exercer certo domínio sobre as relações classificadas como diretas.

Nesse contexto, Oliveira (2009) mostra que as ações humanas tendem a promover uma ação transformadora na natureza a qual estabelece uma ligação entre o ser humano, a natureza, a cultura e a história da humanidade. De um lado temos as ações de caráter coletivo, ou seja, as relações sociais, e, de outro, a confecção de instrumentos que facilitam o nosso contato com o mundo e permitem a ampliação destas relações. Por essa razão, é a partir da maneira como Vigotsky argumenta sobre as diferenças entre “instrumento psicológico” e “instrumento de trabalho” que podemos perceber uma relação mais específica e destacada do primeiro em relação ao segundo. O primeiro tem como tarefa auxiliar o ser humano na compreensão dos fenômenos psíquicos para que uma determinada tarefa seja realizada, à medida que a ferramenta de trabalho auxilia mais na transformação do mundo dos objetos produzidos (FRIEDRICH, 2012).

Assim, o instrumento de trabalho é, nas palavras de Oliveira (2009),

um elemento interposto entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, ampliando as possibilidades de transformação da natureza. O machado, por exemplo, corta mais e melhor que a mão humana; a vasilha permite o armazenamento de água. O instrumento é feito ou buscado especialmente para certo objetivo. Ele carrega consigo, portanto, a função para a qual foi criado e o modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo. É, pois, um objeto social e mediador da relação entre o indivíduo e o mundo (OLIVEIRA, 2009, p. 31).

A partir do exemplo dado sobre o machado, podemos perceber que esse objeto é dotado de uma característica que lhe é particular, pois apresenta uma finalidade que está relacionada com a sua forma material. Já o “instrumento psicológico” não apresenta relação com o mundo material, mas com a atividade psíquica que está envolvida no processo de utilizar o machado para cortar algum elemento da natureza. Esse instrumento é um meio de influenciar o ser humano sobre a ação a ser realizada, isto é, trata de uma maneira de fazer com que o homem se autorregule ou autocontrole mediante o objeto que será transformado (FRIEDRICH, 2012).

Um instrumento fundamental para ampliar a relação do homem com o mundo e consigo mesmo é o signo, o qual também foi chamado por Vigotsky de “instrumento psicológico”. Na visão do pesquisador, os signos são orientados para que o próprio indivíduo

tenha controle de suas ações psicológicas ou para que estabeleça o controle de ações de outros sujeitos, pois são elementos que facilitam a execução dos processos psicológicos e não as ações concretas que estão relacionadas apenas como atos simples de estímulo e resposta. O signo é um componente externo que facilita tarefas do ser humano, fazendo com que a aquisição de certas informações seja mais eficaz do que o aprendizado que não ocorreu com o auxílio de um instrumento mediador (OLIVEIRA, 2009).

Ao citar os trabalhos de Vigotsky sobre o método instrumental em psicologia, Friedrich (2012) mostra que existem vários tipos de instrumentos psicológicos que estão registrados dentro do campo dos signos tais como: a linguagem, as diversas maneiras de contar e realizar cálculos, os símbolos algébricos, as produções artísticas, mapas, entre outros tipos que podem ser caracterizados como signos possíveis. Entretanto, como afirma a autora, não é a definição do que é signo que permite caracterizar um “instrumento psicológico”, mas certas características que um determinado objeto apresenta tais como: adaptação artificial, natureza não orgânica (ou social), relação mediadora com o controle do comportamento psíquico humano e de outros indivíduos (FRIEDRICH, 2012).

Diante disso, ao apresentar os experimentos do psicólogo Alexei Leontinev sobre atividades realizadas com crianças, Oliveira (2009) postula que o processo de mediação a partir do uso de signos é crucial para que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorra, o que nos diferencia dos outros animais, já que esses processos superiores, através do uso da mediação, só ocorrem com o ser humano, o qual pode representar suas atividades de forma voluntária, intencional e controlada. Esses processos de mediação, conforme a autora, podem sofrer algumas modificações de acordo com o processo de transformação do indivíduo ao longo de sua história, pois os processos mediados vão sendo construídos no decorrer do nosso desenvolvimento. Isso pode ser comprovado pelo fato de que muitas crianças pequenas não apresentam certos processos mediados presentes em outros indivíduos em idade mais avançada.

Por essa razão, podemos dizer que, no decorrer da evolução humana duas transformações principais vão acontecendo no uso dos signos: de um lado as marcas externas vão sendo transformadas em processos internalizados de mediação, e, por outro, ocorre o desenvolvimento de sistemas simbólicos que ordenam os signos a partir de estruturas mais articuladas e organizadas. Ou seja, ao longo do seu desenvolvimento, o ser humano deixa de observar as marcas externas e passa a dar mais atenção às marcas internas que foram construídas mentalmente. Essas marcas mentais construídas tratam de representações elaboradas pelo indivíduo que substituem os objetos da realidade, o que comprova a ideia de

que o homem é plenamente capaz de atuar mentalmente sobre o próprio mundo, estabelecendo relações, planejando, comparando, etc. É essa capacidade de representar ou substituir a própria realidade que torna o ser humano capaz de libertar a si mesmo do tempo e do espaço (OLIVEIRA, 2009).

Os processos psicológicos superiores mostram que essas representações que fazemos da realidade são, de fato, os principais elementos de mediação entre o indivíduo e o mundo. Conforme Oliveira (2009) explica,

posso pensar em um gato que não está presente no local em que estou, imaginar um gato sobre uma poltrona que no momento está vazia, pretender ter um gato em minha casa a partir de uma semana. Essas possibilidades de operação mental não constituem uma relação direta com o mundo real fisicamente presente; a relação é mediada pelos signos internalizados que representam os elementos do mundo, libertando o homem da necessidade de interação concreta com os objetos de seu pensamento (OLIVEIRA, 2009, p. 37).

Logo, pode-se dizer que esses processos mentais que envolvem ações mais complexas são os elementos que tornam o pensamento humano possível, isto é, as ações controladas (que envolvem uma atitude voluntária), o pensamento e a intenção comportamental, são situações que caracterizam o que Oliveira (2009, p.38) denomina de “processos mediados por sistemas simbólicos”. Assim, naquilo que tange ao homem e suas relações de trabalho, podemos dizer que o trabalho é uma atividade que faz com que o ser humano tenha que criar e utilizar certos instrumentos que o ajudam na transformação da natureza, enquanto que as ações coletivas exigem que ele utilize de outras ferramentas para realizar planejamentos e estabelecer sua comunicação com o mundo. A partir disso, temos que “o surgimento do pensamento verbal e da linguagem como sistema de signos é um momento crucial no desenvolvimento da espécie humana, momento em que o biológico transforma-se no sócio-histórico” (OLIVEIRA, 2009, p. 48).

Quando acontece a junção entre os processos de desenvolvimento do pensamento humano associado ao uso da linguagem, temos a manifestação do pensamento verbal, através do qual o homem tem a possibilidade de ampliar o seu funcionamento psíquico mediado pelo uso que faz da linguagem. Nesse contexto, o pensamento verbal exerce influencia e certo domínio nas ações do ser humano, pois, a partir do contato com diferentes indivíduos, através do uso da fala, por exemplo, tornamo-nos mais intelectualizados, apresentando uma função mais simbólica, e o pensamento passa a ser, cada vez mais, mediado por significações mais complexas que elaboramos a partir do uso da linguagem. Por exemplo, basta que uma criança

receba os impulsos de um determinado grupo cultural para que ela dê um salto qualitativo em relação ao pensamento verbal (OLIVEIRA, 2009).

Por essa razão, Oliveira (2009) coloca que, para Vigotsky, o desenvolvimento humano e o processo de aprendizagem são os temas principais dos estudos do pesquisador bielo-russo, uma vez que ele buscou em quase todos os seus experimentos compreender de que forma os processos psicológicos se originaram e como são estruturados. O aprendizado propicia que o indivíduo desperte para os seus processos internos, fazendo com ele estabeleça relações entre o ambiente sociocultural em que vive e sua formação enquanto organismo vivo, o qual não consegue alcançar o desenvolvimento sem ter o contato com o outro de sua própria espécie, daí a elaboração, por Vigotsky, do conceito de “zona de desenvolvimento proximal” (OLIVEIRA, 2009, p. 60).

Para Oliveira (2009), é fundamental nos estudos do psicólogo bielo-russo a ideia de que essa zona de desenvolvimento proximal se estabelece entre dois níveis distintos: o nível de desenvolvimento real, que é a capacidade de um indivíduo realizar tarefas de forma autônoma; e o nível de desenvolvimento potencial, que é a capacidade do indivíduo de realizar tarefas com a ajuda de outros que sejam mais capazes do que ele. Assim, a autora descreve que

a zona de desenvolvimento proximal refere-se, assim, ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real. A zona de desenvolvimento proximal é, pois, um domínio psicológico em constante transformação: aquilo que uma criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã. É como se o processo de desenvolvimento progredisse mais lentamente que o processo de aprendizado; o aprendizado desperta processos de desenvolvimento que, aos poucos, vão tornar-se parte das funções psicológicas consolidadas do indivíduo (OLIVEIRA, 2009, p. 62).

Portanto, de acordo com os postulados de Vigotsky, os quais são retomados por Oliveira (2009), o bom ensino é aquele que faz um adiantamento do desenvolvimento, é aquele ensino que está pautado na relação mediada entre o indivíduo e o outro, tomando como ponto de partida o nível real de desenvolvimento do aluno, fazendo com que o aluno, através do uso da mediação, consiga alcançar o seu desenvolvimento potencial. Conforme será descrito na próxima seção deste trabalho, a escola e o professor de língua materna devem estabelecer para o estudante os gêneros textuais (orais ou escritos) a serem estudados e a forma como eles serão trabalhados, pois, o uso destes gêneros servirá de mediação para que o aluno desenvolva não só certas capacidades, mas para que se comunique com sucesso na vida em sociedade. De acordo com a faixa etária em que o aluno se encontra, o professor deve

estabelecer as metas a serem alcançadas permitindo que o aluno, através da assistência, do fornecimento de pistas e de instruções claras, construa caminhos que facilitem o seu processo de aprendizado, o que é fundamental para a sobrevivência do indivíduo na vida em sociedade.

1.4 Gêneros orais e escritos

Diariamente, nossa comunicação em sociedade se estabelece pelo uso que fazemos da linguagem ao produzirmos textos de diferentes gêneros, sejam eles orais ou escritos. A cada uso que fazemos da linguagem, seja para expressar nossas emoções ou interesses, optamos por determinados “modelos” de textos, de que já temos certo conhecimento para organizar nossas ideias a fim de alcançarmos o sucesso na comunicação. Esses modelos podem ir desde a escolha de um bilhete até gêneros eletrônicos como é o caso do e-mail, ou seja, para que a interação social ocorra, “produzimos textos que seguem formas já existentes” (BUENO, 2009, p.1).

Assim, pode-se dizer que cada usuário da língua possui um conhecimento de mundo sobre determinados gêneros. Segundo Bueno (2009), documentos para a regulamentação das diretrizes nacionais da educação, como os PCN, e, atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mostram que o ensino de Língua Portuguesa deve ser pautado não mais no estudo de nomenclaturas gramaticais, mas do estudo dos diferentes usos que se pode fazer da língua, associando este uso aos diferentes gêneros textuais, sejam eles orais ou escritos, que circulam na sociedade, já que os gêneros textuais são frutos de um processo sócio-histórico-cultural da ação humana, e, hoje, são vistos como instrumentos que melhoram e ampliam a comunicação. Tudo isso mostra a relevância em usar os gêneros em sala de aula, já que a sua aplicabilidade pode estar relacionada ao cotidiano dos alunos.

Segundo Bueno (2009),

o texto, enquanto pertencente a um gênero, deve tornar-se a unidade básica da aula de português e o ensino precisa levar o aluno a dominar as situações de comunicação e, portanto, os gêneros necessários para estas a fim de que realmente se torne um cidadão nessa sociedade letrada. Afinal, é por meio da linguagem que agimos e participamos das decisões de nossa sociedade (BUENO, 2009, p.3).

O texto, nas palavras de Rojo e Cordeiro (2004), como um elemento que caracteriza o material concreto da linguagem, exige que o usuário possua certas habilidades e capacidades naquilo que tange a seus mecanismos de uso. Logo, ele deve ser o ponto de partida para que as aulas de língua materna sejam organizadas, em qualquer um dos níveis do ensino básico,

seja no Fundamental ou no Médio. Além disso, ao apresentar um pequeno histórico sobre a evolução do ensino do texto em sala de aula, as autoras mostram que as teorias que se debruçaram a analisar este campo da linguística apontavam para um ensino que apresentava os textos apenas como um conjunto de tipos, de forma muito conceitual e instrumentalizada, o que acabava por conduzir, em muitos casos, a análise do texto apenas pelo campo da extração de informações, e não por um trabalho crítico e reflexivo, que levasse em consideração o contexto e as finalidades de produção.

Nesse contexto, apresenta-se a noção de gênero como forma de substituição ao conceito de tipos de textos, o que favorece o ensino de leitura e produção, já que o termo gênero textual é mais abrangente e faz com que se leve em consideração a oralidade em relação à escrita no processo de produção textual. Isto é, o texto, ao ser produzido, mostra que subjaz à sua existência um determinado contexto e um conjunto de significações, além de que a sua produção vai além das estruturas formais que engendram o seu funcionamento cognitivo, pois a sua forma e o seu conteúdo só passam a ter importância a partir do momento em que são analisados dentro de um quadro social e contextual do gênero (ROJO e CORDEIRO, 2004).

Por essa razão, Schneuwly (2004), ao apresentar seus estudos sobre gêneros e tipos de discurso, postula que os gêneros se desenvolvem a partir de algumas características que lhe são peculiares e que o gênero, no “sentido vigotskiano”, pode ser considerado um instrumento psicológico. Um instrumento tem como função mediar alguma atividade realizada pelo ser humano, porém, ao mesmo tempo, este mesmo instrumento também representa a atividade que se concretiza através do uso. A partir do uso do instrumento promove-se a transformação do comportamento, por isso analisar suas diferentes possibilidades de uso, complementá-las e resignificá-las é também uma maneira de transformar a própria atividade (SCHNEUWLY, 2004).

Entretanto, o instrumento não pode agir por si só, é necessário que ele seja apropriado por um indivíduo. Assim, temos os gêneros textuais, os quais são apropriados pelo sujeito como um instrumento a fim de tornar mais eficaz o processo de comunicação. Ao retomar os estudos de Bakhtin, Schneuwly (2004) descreve que cada esfera social produz gêneros que são relativamente estáveis e que três elementos são fundamentais para caracterizar esses gêneros: o conteúdo temático, o estilo, e a construção composicional. Do mesmo modo, a escolha de um gênero se dá a partir da esfera social a qual o sujeito pertence, de suas necessidades, do conjunto de participantes, assim como da vontade enunciativa do próprio interlocutor, o qual leva em consideração a finalidade da comunicação, a sua relação com o

destinatário e o conteúdo do que pretende dizer em relação ao contexto em que está inserido (SCHNEUWLY, 2004).

Segundo Schneuwly (2004),

mesmo sendo mutáveis, flexíveis, os gêneros têm uma certa estabilidade: eles definem o que é dizível (e, inversamente: o que deve ser dito define a escolha de um gênero); eles têm uma composição: tipo de estruturação e acabamento e tipo de relação com os outros participantes da troca verbal. Dito de outro modo: eles têm uma certa estrutura definida por sua função; eles são caracterizados por aquilo a que chamamos, juntamente com Joaquim Dolz (Schneuwly e Dolz 1987), um plano comunicacional. Finalmente, eles são caracterizados por um estilo, que deve ser considerado não como um efeito da individualidade do interlocutor, mas como elemento de um gênero (SCHNEUWLY, 2004, p.26).

Por isso, ao diferenciar gênero primário de gênero secundário, Schneuwly (2004) afirma que os gêneros primários fazem parte dos primeiros contatos verbais que a criança tem com outros falantes. Ao retomar os estudos de Vigotsky para apresentar esse conceito, o autor postula que os gêneros primários fazem parte do que ele chama de “troca verbal espontânea”, uma vez que eles estão diretamente relacionados com a vivência pessoal do sujeito, na fase da infância, e são quase indissociáveis, pois esse contato é automático, sem que haja outra escolha para o indivíduo. Já os gêneros secundários, configuram-se a partir de uma ruptura em dois níveis: não estar ligado a uma situação imediata de comunicação, e não ter a possibilidade de ser apropriado diretamente pelo sujeito. Esses gêneros fazem parte de um processo de construção complexo, pois, sua constituição se dá dentro de uma relação com outros gêneros, além de que, para ser apropriado, pode ser necessário que o aprendiz seja confrontado com o gênero sem que ele esteja relacionado com a sua necessidade de comunicação e com as suas próprias experiências pessoais.

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), as práticas de linguagem são representações de aquisições que o sujeito acumulou através do seu contato com um grupo social, por essa razão elas são consideradas, na perspectiva do ISD, um instrumento de interação social. Essas práticas podem se manifestar pelo uso dos gêneros. Assim, ampliar a capacidade de comunicação dos alunos, a partir do uso de gêneros orais ou escritos, é adotar um ensino que entenda essas duas modalidades de forma distinta e sistematizada e as ensine desta maneira. Para os autores, uma estratégia válida para ampliar o aprendizado dos alunos sobre essas modalidades é o uso das sequências didáticas, as quais são organizadas em módulos de ensino a fim de melhorar uma determinada prática de linguagem, no caso desta pesquisa, ajudar os alunos a eliminar o uso de marcas de oralidade presentes em seus textos, levando-os a perceber as diferenças entre o oral e o escrito, assim como ampliar o conhecimento deles

sobre as diferentes estratégias do discurso argumentativo através do uso do gênero resenha crítica de filme como um instrumento de mediação para o desenvolvimento destas capacidades.

Um gênero, ao ser trabalhado em sala de aula, pode ser visto como uma maneira de promover a articulação entre o sujeito e determinadas práticas sociais. Ele está relacionado com as práticas de linguagem, as quais estão atreladas a certas dimensões sociais, cognitivas e linguísticas do funcionamento da própria linguagem durante uma situação de comunicação. Ao citar os estudos de Bautier (1995), Dolz e Schneuwly (2004) mostram que as práticas sociais de linguagem são a manifestação do individual e do social na linguagem e que analisar e estudar o seu funcionamento é levar em consideração as variações e diferenciações que a compõem. Por essa razão, os autores apontam que a atividade de linguagem é como uma forma de interação entre o sujeito e o meio, e que a origem dessa atividade está nas situações de comunicação, as quais se desenvolvem em um ambiente de cooperação social, sendo as práticas sociais uma forma de compreensão do funcionamento dessa atividade de linguagem.

Nesse bojo, uma ação de linguagem consiste em certas atitudes que vão desde a produção de enunciados até a compreensão, interação e memorização deles, sejam estes orais ou escritos. Assim, os gêneros assumem o papel de instrumentos que irão propiciar a materialização dessas práticas de linguagem pelos aprendizes. Eles fazem com que os alunos não tenham uma compreensão da linguagem como algo fragmentado, isolado e sem funcionalidade. Pelo contrário, os gêneros servirão para facilitar o aprimoramento de determinadas capacidades relacionadas com a comunicação. O gênero serve como um direcionamento para que o estudante possa construir enunciados de forma adequada ao contexto em que está inserido, ou seja, eles são como uma referência intermediária para a aprendizagem (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004).

Para Dolz e Schneuwly (2004), o gênero apresenta-se, assim, como uma forma de representação da expressão do pensamento humano e das diferentes experiências e percepções de vários grupos sociais no decorrer da história. Por ter um caráter plural e diversificado, os gêneros apresentam uma forma central de referência para a construção do pensamento humano. A exemplo, temos os gêneros escolares, os quais podem sofrer mudanças e são uma forma de referência no processo de escolarização, principalmente no que tange ao ambiente da produção e composição textual.

Os gêneros devem estar ordenados conforme uma sequência que os apresente desde as formas mais simples até as mais complexas, já que eles são uma forma de representação das diferentes manifestações da realidade humana, ou seja, os gêneros estão organizados a partir

da realidade. Eles são instrumentos que servem de modelos valorizados para representar o real. Por exemplo, os textos clássicos servem como modelos concretos para que o ensino de uma determinada habilidade seja realizado. No caso dos gêneros escolares, eles são o resultado do funcionamento da comunicação escolar, sendo a situação de comunicação o elemento gerador deste gênero, o qual não “é descrito, nem ensinado, mas aprendido pela prática de linguagem escolar, por meio dos parâmetros próprios à situação e das interações com os outros” (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 78).

A apresentação de um gênero para o aluno é um processo que pressupõe uma decisão didática, pois tem como objetivo principal a aprendizagem, a qual pode ser dividida de duas maneiras: aprender a ter o domínio sobre o gênero, para que o aluno possa conhecê-lo e apreciá-lo; assim como desenvolver capacidades que estão relacionadas a este gênero, as quais poderão ser utilizadas em outros gêneros com características semelhantes. Ao trabalhar com os gêneros em sala de aula, o professor precisa colocar o aluno em contato com situações que simulem uma situação real de comunicação, para que o estudo do gênero seja eficaz, pois, desta forma, o aluno poderá compreender não só os aspectos discursivos e linguísticos que o compõem, mas os diferentes contextos de produção em que esse mesmo gênero pode estar inserido (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004).

Portanto, ao elaborar uma sequência didática para um gênero específico, o professor deve adaptá-la às capacidades e às dificuldades de seus estudantes, levando em consideração a zona de desenvolvimento real dos alunos. Para isso, Dolz e Schneuwly (2004) enumeram as seguintes estratégias para que a elaboração de uma sequência didática seja eficaz: adaptação do gênero às situações reais de comunicação; antecipação para os alunos sobre as etapas que serão transpostas por eles; adaptação das tarefas de acordo com o nível dos alunos; esclarecimento aos alunos dos caminhos que serão percorridos; tempo suficiente para que o processo de aprendizagem ocorra; promoção de intervenções; escolha adequada do momento de colaboração entre os alunos; e avaliação das transformações produzidas. Enfim, quanto melhor forem definidas as dimensões que formam um gênero e as diferentes estratégias para ensiná-lo, levando em consideração que ele é um instrumento mediador da aprendizagem, mais ele facilitará o desenvolvimento de capacidades de linguagem nos alunos e melhor e mais atrativos será o ensino, como por exemplo, o ensino da argumentação que será tratado na próxima seção, a qual trata da relação entre texto e argumentação.

1.5 Texto e argumentação

Nesta seção, pretende-se descrever a relação entre argumentação e linguagem na produção de textos, a partir dos pressupostos teóricos de Fiorin (2016) sobre a argumentação, e dos estudos de Koch (2011; 2013), referentes à relação entre o processo da argumentação e o uso da linguagem.

Segundo Koch (2013), as ações verbais que realizamos no cotidiano manifestam-se de forma conjunta, uma vez que o uso que fazemos da linguagem ocorre sempre atrelado a alguma atividade que realizamos. Essas ações verbais realizadas se dão em um contexto social específico, em que os textos produzidos, sejam eles orais ou escritos, assumem finalidades específicas, ou seja, o uso que fazemos da linguagem, através da produção de textos, nunca é neutro e traz consigo marcas do contexto social e histórico em que os interlocutores estão inseridos.

Os textos que produzimos proporcionam a sistematização da vida em sociedade, pois são modos de intercomunicação, transmissão e manutenção do saber. É, a partir da produção de textos, que fazemos com que o conhecimento seja percebido e exista sócio-cognitivamente, pois certos elementos da realidade só podem ser compreendidos a partir da representação que fazemos dela. Logo, os textos cumprem essa função, a de representar a realidade, pois só assim eles podem ser considerados de relevância social, já que a transmissão do saber exige algumas formas de representação, sempre novas e eficientes, e o texto possui essas características. (KOCH, 2013).

Nesse contexto, ao tratar do aspecto social da linguagem, e ao retomar o que afirmam alguns estudos linguísticos, a autora descreve que o ser humano utiliza a língua porque sua vida acontece em grupos, dentro dos quais o homem busca estabelecer os mais variados tipos de relações, a partir das quais provocamos reações e comportamentos uns nos outros, interagindo socialmente por meio do discurso. Assim, o uso da linguagem passa a ser realizado de forma intencional, sempre veiculado a uma ideologia, o que caracteriza o processo de argumentatividade. Ou seja, o ato de argumentar consiste em orientar o discurso no sentido de estabelecermos com nosso interlocutor determinadas conclusões, fazendo com que este compartilhe conosco determinadas formas de pensar, a partir da avaliação, julgamento e crítica (KOCH, 2011).

Ao retomar os estudos do filósofo e jurista Perelman (1970), Koch (2011) ressalta também que

a argumentação visa a provocar ou a incrementar a “adesão dos espíritos” às teses apresentadas ao seus assentimentos, caracterizando-se, portanto, como um ato de persuasão. Enquanto o ato de convencer se dirige unicamente à razão, através de um raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas, sendo, assim, capaz de atingir um “auditório universal”, possuindo um caráter puramente demonstrativo e atemporal (as conclusões decorrem naturalmente das premissas, como ocorre no raciocínio matemático), o ato de persuadir, por sua vez, procura atingir a vontade, o sentimento do(s) interlocutor(es), por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se, pois, a um auditório “particular” (KOCH, 2011, p.18).

Logo, no nível do texto, podemos observar diferentes graus de complexidade, os quais variam desde os níveis morfológico e fonológico até os níveis sintático, semântico e pragmático, estabelecendo relações de entonação, concordância, relações de causa e consequência, causalidade e finalidade, relações essas marcadas de intencionalidade e inseridas em um contexto. Desse modo, ao produzirmos textos, sejam eles orais ou escritos, estabelecemos também uma relação argumentativa, que implica na apresentação de justificativas, explicações e razões referentes a atos de enunciação produzidos anteriormente, o que comprova ser o discurso sempre marcado por ideologias e ausência de neutralidade (KOCH, 2011).

Por essa razão, o texto argumentativo traz consigo marcas linguísticas (tempos e modos verbais, advérbios, itens lexicais, expressões como “é fato” “é certo”, “é verdade”, etc), que auxiliam na construção de determinadas relações subjacentes ao texto como: pressuposições, intenções, atitudes, imagens e encadeamentos de enunciados. Por exemplo, é a partir do uso de determinados tempos verbais que, ao produzir um enunciado, um locutor consegue transmitir ao seu locutário uma percepção do mundo, isto é, o uso do tempo verbal feito por ele(a) no presente ou no pretérito pode dar ao ouvinte uma percepção comentada ou narrada do mundo (KOCH, 2011). Por exemplo, em uma resenha crítica de filme, ao utilizar verbos no presente, o locutor cria um efeito de sentido de proximidade entre o locutário e o objeto resenhado, no caso o filme, dando a ideia de que a produção cinematográfica resenhada, mesmo que produzida há mais tempo, pareça ser recente.

Do mesmo modo, ao analisar as bases da argumentação, observa-se também, a partir dos estudos de Fiorin (2016), que as palavras que usamos em um ato de enunciação carregam consigo também uma pluralidade de sentidos e ambiguidades, e, no que tange a análise de marcas linguísticas da argumentação, observamos que o uso de uma determinada palavra pode produzir diferentes efeitos de sentido. Como exemplo, Fiorin (2016, p.79) cita o uso do sufixo

“-ismo”, que na palavra “denuncismo”, em vez de denúncia, produz efeitos de sentido diferentes no interlocutor, de acordo com o contexto.

Segundo Fiorin (2016), as palavras ou termos carregam consigo vários significados, o que comprova a afirmação do autor de que os termos da língua não podem ser vistos de forma unívoca, já que é essa relação de pluralidade de significados que proporciona ao locutor construir com seu interlocutor determinados jogos de palavras. Ou seja, todo acesso à realidade se dá a partir do uso da linguagem, a qual nunca será neutra, já que toda relação interdiscursiva, que é contraditória, aponta para uma interpretação acerca de um ponto de vista sobre um fato ou acontecimento. Por exemplo, em uma crítica de filme, sempre haverá uma apreciação que pode sofrer variação de acordo com o contexto em que foi produzida e pode ser contestada, uma vez que passa pelo âmbito da subjetividade, mesmo que a linguagem seja construída em torno da objetividade.

Em muitos jornais e revistas, observa-se, em seus editoriais, a alegação de que seus textos primam pela imparcialidade, objetividade e neutralidade na transmissão de informações, o que sugere notícias transmitidas de um modo que não permite ao leitor perceber marcas de subjetividade, conferindo ao jornal ou revista maior credibilidade. Porém, “em qualquer construção linguística, a objetividade, a neutralidade e a imparcialidade são impossíveis, pois a linguagem está sempre carregada dos pontos de vista, da ideologia, das crenças de quem produz o texto” (Fiorin, 2016, p. 83).

Por isso, ao tratar da organização e sistematização da argumentação e ao retomar os estudos de Perelman e Tyteca (2005), Fiorin (2016) afirma que os tipos de argumentos que utilizamos subdividem-se em dois grupos: os que se valem de processos de ligação e os que são utilizados em processos de dissociação, sendo que o primeiro visa aproximar elementos distintos, enquanto que o segundo busca separá-los. Nesse contexto, Fiorin (2016) postula que os argumentos que tendem ao processo de ligação, partindo do princípio da identidade, quando sujeito e predicado remetem ao mesmo referente, sustentam a tautologia, a definição, a comparação e a reciprocidade, que são responsáveis por construir proposições do tipo $a=a$.

Do mesmo modo, com base nos estudos de Perelman e Tyteca (2005), Fiorin (2016) também afirma que todos os argumentos que se baseiam no conflito de interesse estão estruturados no princípio da não contradição, como é o caso da autofagia e retorsão, que é uma incompatibilidade de proposições com suas condições de enunciação, assim como o uso de argumentos probabilísticos, que estão estruturados em uma sequência quantitativa, conduzindo o leitor a um apelo pela maioria, seja ela numérica ou por elementos compartilhados por um determinado grupo, o que sustenta uma proposição dada como

verdade por uma maioria. Tais argumentos estão organizados dentro um grupo, denominado por Fiorin (2016, p.116) como quase lógicos, “os quais são os que lembram a estrutura de um raciocínio lógico, mas suas conclusões não são logicamente necessárias.”.

Outros argumentos, na visão do autor, fundamentam-se na estrutura da realidade e estão sistematizados em relações de significação consideradas como existentes no mundo objetivo como a causalidade, sucessão, coexistência e hierarquização. Por exemplo,

A argumentação por causalidade opera em dois grandes tipos de esquemas: a implicação (se a, então b) e a concessão (a, embora b). Como diz Claude Zilberberg, a lógica implicativa é a de fazer o que se pode (fez, porque é possível; não fez, porque não é possível); a concessiva é a de impossibilidade (fez, apesar de não ser possível; não fez, apesar de ser possível). A implicação fala de regularidades, a concessão rompe as expectativas e dá acesso à descontinuidade do que é marcante na vida (FIORIN, 2016, p. 149).

Em seguida, Fiorin (2016) descreve o terceiro e último grupo de argumentos de ligação que, na visão de Perelman e Tyteca (2005), são os argumentos que fundamentam e estruturam o real. Esses argumentos são aqueles considerados como mecanismos de construção da realidade, ou seja, “indutivos ou analógicos”, eles criam generalizações a partir de casos particulares, como é o caso dos argumentos que usam da exemplificação. Em um determinado texto, ao citar exemplos, o autor (a) propõe um princípio geral sobre um elemento a partir de casos particulares relacionados a casos idênticos. Assim, “a proposição geral pode aparecer no início, no final ou no meio do texto” (FIORIN, 2016, p.185). Por exemplo, no caso da resenha crítica de filme, ao elaborar uma apreciação sobre uma produção cinematográfica, a partir de exemplos da própria obra, o resenhista pode conduzir o leitor a acreditar que todo o filme também seja emocionante, e isso pode ser contestado, já que todo argumento não é neutro e traz consigo marcas linguísticas da subjetividade.

Fiorin (2016) também preocupou-se em estudar outras técnicas argumentativas além das expostas acima, sendo algumas delas: a argumentação por implícitos, o uso de perguntas capciosas, a distorção do ponto de vista do adversário, uso de argumentos de excesso, paradoxos e ironias, além do apelo ao “éthos” do enunciador. Por essa razão, “os procedimentos argumentativos podem ser estudados como organizações discursivas e podem então ser descritos de maneira bastante fina com uma metalinguagem bem precisa.” (FIORIN, 2016, p. 260).

Enfim, a natureza dos argumentos é bem distinta, e a escolha de cada um deles, em um ato de enunciação, se dá sempre de acordo com a intencionalidade do discurso. Assim como argumentos de causalidade se organizam em torno de um esquema de implicação e concessão,

argumentos por analogia estruturam-se a partir de uma natureza metafórica, o que não ocorre em argumentos de autoridade, os quais tomam um ator como forma de garantia de um enunciado (FIORIN, 2016). Logo, muitos são os tipos de argumentos, mas, o fundamental, ao trabalhar com textos de natureza argumentativa em sala de aula, é levar em consideração que o processo da argumentação vai além de apenas dar uma opinião sobre um assunto ou objeto, mas exige de quem produz o texto um bom conhecimento sobre o processo argumentativo, o que pode tornar a comunicação mais eficaz.

1.6 O gênero resenha crítica de filme

Quando tratamos de um determinado gênero textual em sala de aula, é fundamental levar em consideração que cada um pode ser utilizado de diferentes maneiras, seja como um instrumento para auxiliar no desenvolvimento de alguma capacidade que o estudante ainda não concretizou, ou como um meio que facilite a interação do aluno em sociedade. A forma como um gênero textual é apresentado em sala de aula dependerá sempre das estratégias definidas pelo professor, dos objetivos traçados com os seus alunos, assim como das características do gênero que será estudado, o que não é diferente com o gênero resenha crítica de filme.

Ao citar Andrade (1995), Medeiros (1999) descreve o ato de resenhar como um trabalho que exige de quem escreve o conhecimento sobre um determinado assunto, para que seja estabelecida uma comparação com outras obras e assim desenvolver uma avaliação seguida da emissão de um juízo de valor, ou seja, de uma apreciação. Assim, o autor afirma que a resenha seria um relato minucioso das características de um objeto, assim como das partes que o compõe, incluindo várias modalidades discursivas como a descrição, narração e dissertação⁶.

Na visão de Medeiros (1999), uma resenha

estruturalmente, descreve as propriedades da obra (descrição física da obra), relata as credenciais do autor, resume a obra, apresenta as suas conclusões e metodologia empregada, bem como expõe um quadro de referências em que o autor se apoiou (narração) e, finalmente, apresenta uma avaliação da obra e diz a quem a obra se destina (dissertação) (MEDEIROS, 1999, p. 137).

Desse modo, seria um equívoco considerar a resenha simplesmente como um resumo, uma vez que este se caracteriza como um elemento que faz parte da estrutura de uma resenha,

⁶ Entende-se o termo dissertação neste trabalho como argumentação.

além disso, um resumo não admite emissões de juízo de valor e comentários, o que já exigido na produção de uma resenha crítica. Logo, “o objeto de uma resenha pode ser um acontecimento, ou textos, ou obras culturais, como romance, peça de teatro, filme.” (MEDEIROS, 1999, p.141).

Enquanto que uma resenha descritiva dispensa comentários e apreciações, a resenha crítica traz isso como elemento fundamental. Segundo Machado (1996), a resenha descritiva possui uma organização sequencial prototípica e defende que a resenha crítica também se organiza desta forma. Ao descrever essas sequências prototípicas, com base nos estudos de Adam (1992; 1994), a autora mostra que elas podem ser do tipo dialogal, argumentativa, explicativa, narrativa ou descritiva, fazendo com que o gênero apresente homogeneidade ou heterogeneidade sequencial em sua composição.

Segundo Machado (1996), em uma crítica cinematográfica, podemos perceber três operações básicas: descrição, apreciação e interpretação. Na descrição de uma produção cinematográfica, por exemplo, é possível observar elementos que dizem “respeito ao assunto, ao conteúdo, podendo ela conservar ou reorganizar a estrutura básica desse conteúdo”. É possível notar em uma resenha crítica de filme, no ato da descrição de cenas ou de características dos personagens, a presença de marcas linguísticas da terceira pessoa, assim como de tempos verbais que marcam o ato da enunciação, sem a presença de elementos que evidenciem o enunciador ou o destinatário (MACHADO, 1996, p.142).

Com base nos estudos de Beacco & Darrot (1984), Machado (1996) apresenta a segunda operação em uma resenha crítica de filme que é a apreciação. Para a autora,

essa operação pode aparecer, ou concomitantemente aos elementos descritivos, ou após esses elementos, podendo ser ela facilmente isolável ou não da descrição propriamente dita. Do ponto de vista das unidades linguísticas que a caracterizam, essa operação distinguir se-ia da descrição, fundamentalmente, por comportar marcas do sujeito enunciador, o que permite diferenciá-la pela possibilidade do acréscimo de expressões do tipo “eu acho”. (MACHADO, 1996, p.143)

Além disso, para Machado (1996), em uma resenha crítica de filme é possível encontrar marcas linguísticas que evidenciam emissões positivas ou negativas de valor, comparações com outras obras cinematográficas, além de verbos que remetem ao campo psicológico e emocional de quem escreve. Em informativos mais curtos, como resenhas críticas publicadas em *sites* e *blogue*, podemos não identificar a presença de uma justificativa para a apreciação, enquanto que em textos mais críticos e acadêmicos, a justificativa estaria sempre presente.

A terceira e última operação apresentada por Machado (1996) em uma resenha crítica de filme é a interpretação, a qual consiste em explicar e comentar a significação do filme, a fim de explicar a lógica do enredo, o posicionamento do diretor e a coerência entre os personagens. Essa ação é constituída por aspectos descritivos que permitem a realização de uma atividade interpretativa por parte de quem escreve a resenha. Nesse contexto, o enunciador pode utilizar de diferentes estratégias como: relacionar ao diretor do filme determinadas interpretações que, na verdade, fazem parte de suas próprias intenções; usar de perguntas retóricas, induzindo o leitor à interpretação desejada; e usar recursos linguísticos que marquem a incerteza de significação do que está sendo produzido.

Além dos aspectos discursivos e linguísticos relacionados ao gênero resenha crítica de filme, é essencial também levar em consideração o contexto de produção desse gênero. Segundo Carvalho (2013), a crítica cinematográfica está relacionada ao jornalismo cultural e levou muito tempo para ser reconhecida como um produto que está relacionado com a análise de obras fílmicas. Para o autor,

o trabalho do analista se constitui como sendo de viés claramente científico, com a finalidade de encontrar respostas a inflexões feitas acerca de uma dada obra fílmica. Em contraponto, tem-se o estilo jornalístico que se apropria da crítica como forma de alcançar o leitor médio, algo pertinente à função do jornalismo que é levar informações ao maior número possível de pessoas. (CARVALHO, 2013, p. 227)

Assim, para Carvalho (2013), a crítica de filme começou a ocupar, cada vez mais, espaços em jornais diários e revistas semanais de grandes veículos midiáticos, além de outros meios como redes sociais, *sites* de curiosidades, *sites* específicos de cinema e blogues. Quando uma resenha crítica de filme está relacionada a uma revista, o gênero, geralmente, passa pelo crivo do editor da seção de jornalismo cultural e assume um caráter mais objetivo, enquanto que, em um blogue, o gênero assume um caráter mais subjetivo e procura-se manter viva, através da resenha, a discussão sobre cinema entre o proprietário do blogue e seus leitores (CARVALHO, 2010).

Conforme os estudos de Carvalho (2010), tanto em resenhas publicadas em jornais e revistas pertencentes a grandes meios de comunicação, como em críticas de filme publicadas em sites específicos de crítica de cinema, ou blogues e redes sociais, o papel de quem escreve e de quem lê, pode sofrer variação. Por exemplo, quando uma resenha crítica de filme está vinculada a algum jornal ou revista de renome, o jornalista assume um papel de especialista, o qual emite uma apreciação sobre a obra cinematográfica a partir de um posicionamento objetivo em relação ao filme, posicionamento esse que não pode ser considerado como

ausente de subjetividade. Assim, o veículo em que o texto é publicado estabelece uma hierarquização social entre quem escreve e quem lê.

Portanto, cabe ao professor, ao trabalhar os aspectos sociais relacionados a este gênero, levar em consideração não só o papel do enunciador e do enunciatário durante as aulas de produção de texto, mas discutir com seus alunos os diferentes elementos relacionados ao contexto de produção deste gênero, como os diversos meios de circulação em que uma crítica de filme pode circular, mostrando aos estudantes que este gênero não pode ser encontrado somente em jornais e revistas impressos, mas em outros meios não tradicionais como os que serão utilizados neste trabalho.

No próximo capítulo, descreveremos a metodologia utilizada nesta pesquisa e alguns aspectos relacionados ao seu universo.

Capítulo II – Procedimentos metodológicos

2.1 O contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada com uma turma de 9º da Escola Estadual Professor Antônio Corrêa de Carvalho, localizada na cidade de Varginha, região Sul do Estado de Minas Gerais. A escola fica localizada em um bairro mais afastado da cidade e atende, em geral, alunos de baixa renda e, em alguns casos, alunos em situação de vulnerabilidade. A escola possui 13 salas e funciona em dois turnos: matutino e vespertino. As turmas de Ensino Fundamental II e Ensino Médio têm aulas no período da manhã e as turmas do Ensino Fundamental I, no período da tarde.

A escola conta ainda com um laboratório de informática e uma biblioteca (com acesso à internet), uma sala de multimídia, a qual está desativada por falta de equipamentos, além de um computador e televisão interligados (também com acesso à internet) que se encontram disponíveis na biblioteca, e uma quadra poliesportiva que é cedida pela prefeitura para o uso da escola. O corpo docente da instituição é formado por aproximadamente 60 professores, além de funcionários da área administrativa e serviços gerais. A escola possui parcerias com empresa do setor privado, como a empresa FERMAVI, a qual disponibiliza cursos profissionalizantes para os alunos carentes no contra turno.

A cidade de Varginha está localizada no centro da região Sul do Estado de Minas Gerais, entre as cidades de Três Corações, região do Circuito das Águas, Elói Mendes, Três Pontas, São Gonçalo do Sapucaí e Pouso Alegre. Varginha conta com uma população de aproximadamente 135 mil habitantes, de acordo com o último censo do IBGE, e é considerada um dos polos comerciais e industriais da região, além de ser um dos pontos estratégicos para o escoamento da produção cafeeira. A cidade possui shopping, museu, praças e muitas igrejas, já que a maior parte da população é católica. Além disso, a cidade conta com um espaço recreativo para a prática de esportes, a SEMEL, a qual promove atividades esportivas para as crianças e adolescentes da cidade, e também conta com emissoras locais de TV afiliadas as redes: Globo, SBT, Record e Band.

Figura 1 – Mapa com a localização da cidade de Varginha



Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Varginha#/media>>. Acesso: 15 out. 2018.

Figura 2 – Imagem de uma parte da cidade de Varginha



Fonte: <http://www.simi.org.br/noticia/Varginha-tera-meetup-para-auxiliar-empresendedores-a-transformar-ideias-em-negocios-inovadores>. Acesso: 15 out. 2018.

Figura 3 – Escola Estadual Professor Antônio Corrêa de Carvalho



Fonte: <http://facebook.com/storage/emulated/0/dcmi/FB_IMG_151371109.jpg>. Acesso em: 15 out. 2018.

2.2 O professor-pesquisador

Em 2008, iniciei meus estudos em Letras na Universidade Federal de São João del Rei, e, naquele mesmo ano, tive um projeto de iniciação científica aprovado pela universidade e recebi, durante um ano, uma bolsa de iniciação científica pela FAPEMIG, com o projeto⁷ intitulado “Processos de refração e reflexão na formação discursiva de duas professoras do Ensino Fundamental”, sob a orientação do Prof. Dr. José Antônio Oliveira de Resende.

Em 2010, com a finalização do projeto e da bolsa, e recebimento de uma menção honrosa por sua execução, ingressei no magistério como professor autorizado em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, lecionando as duas disciplinas para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II. No ano seguinte, mudei para a cidade de Lavras, onde consegui outro contrato como professor designado em Língua Portuguesa, lecionando para o 7º e 8º ano, até a conclusão do curso, que ocorreu no final daquele mesmo ano. Em 2012, como o contrato de designação havia finalizado, fui contratado como professor de produção de textos em uma escola da rede privada, permanecendo nesta escola até o 2º semestre do mesmo ano.

⁷ Do referido projeto, utilizando o mesmo título, redigi um artigo como TCC para a integralização do curso de graduação em Letras da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ).

Em 2013, após ter regressado para Varginha, minha cidade natal, tornei-me professor efetivo da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, lotado na Escola Estadual Pedro de Alcântara, lecionando Língua Portuguesa para turmas de Ensino Fundamental II e Médio. Mas ainda me sentia frustrado por não ter conseguido dar sequência à minha formação continuada, e, por outro lado, feliz por estar fazendo o que mais gosto, que é levar o conhecimento da língua materna para que meus alunos possam usá-la em seu favor, além de ajudá-los a usar todo o conhecimento linguístico e literário obtido nas aulas ministradas por mim para que eles se posicionem melhor na vida em sociedade.

Por essa razão, no final do ano de 2014, resolvi participar do processo seletivo para o curso de especialização em “Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino”, da Universidade Federal de Minas Gerais, sendo aprovado para o ingresso na turma do ano subsequente. Foi um período de grande aprendizagem e de trocas de experiências, o que me possibilitou desenvolver o trabalho intitulado “Marcas de oralidade com função conectiva na escrita de alunos do Ensino Fundamental II”, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho.

No ano de 2017, solicitei a minha transferência para a Escola Estadual Professor Antônio Corrêa de Carvalho, localizada também na cidade de Varginha, e, ao observar o fenômeno de marcas de oralidade com função conectiva em textos escritos por alunos do 7º ano, decidi investigar de que forma esse fenômeno acontecia e as razões pelas quais ocorria. Tal estudo me possibilitou não só a integralização do curso de especialização em Gramática, mas me despertou a curiosidade por conhecer novos métodos além do que eu utilizei no trabalho de especialização para intervir no problema. Então, faltando seis meses para a conclusão do curso de especialização, decidi participar do processo seletivo do curso de Mestrado em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Minas Gerais, sendo aprovado na turma de ingressos do ano de 2018.

No decorrer de 2018, fui percebendo em sala de aula, não só o fenômeno das marcas de oralidade como algo recorrente nos textos dos alunos do 9º ano, mas também a dificuldade deles em compreender o uso de estratégias argumentativas associadas ao ensino do gênero artigo de opinião, apresentadas pelo livro didático de língua portuguesa⁸ adotado pela escola. Desse modo, como parte dos requisitos do curso de Mestrado em Letras, propus um projeto, agora intitulado “A resenha crítica de filme no Ensino Fundamental II: o uso da sequência didática como estratégia de ensino e interação”, sob a orientação do Prof. Dr. Luciano

⁸ A referência completa do livro encontra-se no campo Referências deste trabalho.

Magnoni Tocaia, com o objetivo não só de auxiliar os alunos a eliminar essas marcas de oralidade em seus textos escritos, mas de ajudá-los a ampliar o conhecimento sobre o processo da argumentação,

Acredito que a pluralidade do ambiente de sala de aula faz com o que o trabalho docente seja sempre motivador, pois, a cada ano, temos novas experiências que nos possibilitam ver o ensino por ângulos diferentes. E, apesar de todas as dificuldades que já enfrentei e enfrento no ensino básico, como salas superlotadas, indisciplina, ausência de recursos, falta de planejamento por parte de algumas secretarias, pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos, além do excesso de burocracias exigidas pelo governo, o desejo por lecionar ainda sobrevive em mim. Com tantas ações governamentais que caracterizam retrocessos para a educação na atual conjuntura, entendo que o ato de ensinar é mais do que a mera transmissão de conteúdos, mas um ato de resistência que pode ajudar a promover mudanças significativas na vida daqueles que sofrem com as desigualdades sociais históricas deste país.

E é para essas pessoas que sofrem com essas desigualdades que eu decidi trabalhar. É para essas vozes, que muitos não querem ouvir, que eu decidi lecionar. Vozes de um 9º ano do Ensino Fundamental que disseram nas primeiras semanas de aula que não sabiam o que é argumentação, vozes que, na primeira etapa da aplicação deste projeto, disseram que nunca tinham ido a um cinema ou a um museu, vozes que ficaram felizes quando viram seus textos expostos no mural da escola, vozes que se encantaram quando viram o telão a frente e sentiram aquele frio na barriga antes do filme começar, vozes que se encantaram com a pipoca e o refrigerante e que me disseram com o olhar: “Professor, muito obrigado por me trazer aqui!”.

2.3 Etapas da pesquisa e coleta de dados

Este trabalho foi realizado a partir da elaboração e aplicação de uma sequência didática (SD) para o gênero resenha crítica de filme, a fim de comparar a produção inicial e final dos alunos, verificando se a aplicação de uma SD, com o aparato teórico-metodológico proposto pelo interacionismo sóciodiscursivo de Bronckart (2007) e com base nos estudos de Schneuwly e Dolz (2004) sobre os gêneros orais e escritos na escola, contribuiriam para a redução do uso de marcas orais nos textos dos alunos, além de aprimorar o conhecimento deles sobre o gênero “resenha crítica de filme” e o uso da argumentação. Assim, após analisar uma SD para esse gênero textual, proposta por Tocaia (2015), visando ao ensino do mesmo

gênero no ensino superior, algumas resenhas críticas de filme foram selecionadas e serviram de base para a elaboração de um modelo didático de gênero, conforme os pressupostos de De Pietro e Schneuwly (2003), Machado e Cristovão (2006) e Messias (2014). Em seguida, as atividades elaboradas na SD foram divididas em módulos e aplicadas junto aos alunos. As atividades propostas tiveram como fim o estudo da prática social do gênero, do contexto de produção, dos aspectos discursivos do gênero, e dos elementos linguístico-discursivos.

Para Dolz e Schneuwly (2004) existem estratégias que devem ser consideradas ao elaborarmos uma sequência didática, tais como: adaptação do gênero às situações de comunicação que simulem situações reais; antecipação para os alunos sobre as etapas que serão transpostas por eles; adaptação das tarefas de acordo com o nível dos alunos; esclarecimento aos alunos dos caminhos que serão percorridos; tempo suficiente para que o processo de aprendizagem ocorra; promoção de intervenções; escolha adequada do momento de colaboração entre os alunos; e avaliação das transformações produzidas. Ou seja, o uso de uma sequência didática, nesta perspectiva, tem como propósito não só trabalhar o ensino de gêneros textuais de forma sistematizada, mas, a partir deste método, levar o aluno a ter o domínio sobre o gênero, para que ele possa conhecê-lo e apreciá-lo; assim como desenvolver capacidades que estão relacionadas ao gênero, as quais poderão ser utilizadas em outros gêneros com características semelhantes.

Segundo Messias (2014), o desenvolvimento de uma sequência didática deve ser realizado a partir da elaboração de um modelo didático de gênero, o qual faz parte de uma das etapas de elaboração da SD. É a partir do uso deste modelo que todas as atividades da sequência didática serão elaboradas, levando-se em consideração as capacidades de ação, as capacidades discursivas e as capacidades linguístico-discursivas (CRISTOVÃO, 2009). Retomando Messias (2014), ao elaborar um modelo didático para um determinado gênero, é necessário que o professor tenha o conhecimento sobre o nível escolar de seus alunos, assim como o conhecimento prévio que eles apresentam, além das competências e capacidades linguísticas que eles dominam. Assim, dois fatores devem ser considerados ao elaborarmos um MD: a) o gênero escolhido para ser trabalhado será sempre uma variação de um gênero discursivo de referência; b) é necessário que o professor tenha conhecimento teórico sobre os elementos que fazem parte da constituição do gênero.

Logo, ao retomar os estudos de Machado e Cristovão (2006), Messias (2014) explica que existem alguns elementos que devem ser levados em consideração ao elaborar o modelo didático de um gênero específico, sendo eles: os parâmetros de constituição da situação de produção; o tipo de conteúdo que aquele determinado gênero costuma trazer e quais são as

características de linguagem percebidas nele; a sua estrutura composicional, ou seja, o seu plano de desenvolvimento global; e, por fim, os aspectos discursivos e linguísticos que aquele gênero pode apresentar.

Para Machado e Cristóvão (2006), o uso de uma SD como estratégia de ensino permite ao professor realizar um trabalho interligado que, em sua constituição, proporciona ao aluno: o aprendizado de conteúdos determinados pelas diretrizes nacionais sobre educação; permite que o estudante tenha acesso a atividades diversificadas; e gerar mais motivação com o processo de ensino-aprendizagem, já que, com o uso de uma sequência didática, o educando pode perceber não só os caminhos que serão trilhados, mas os objetivos a serem alcançados, isto é, as habilidades que ele poderá desenvolver ou aprimorar com o uso da SD aplicada.

Deste modo, as atividades aqui propostas foram aplicadas em sala de aula, seguindo a sequência didática elaborada⁹, para, então, promover a exposição dos textos dos alunos em um material impresso que foi utilizado em um mural na escola, a fim de influenciar os leitores da escolha a escolher um dos filmes que seriam exibidos em uma mostra de cinema¹⁰, produzida pelos alunos e pelo professor com o apoio da escola e da Secretaria de Cultura da cidade de Varginha. Esta pesquisa envolveu também o apoio da Secretaria Regional de Educação, além de patrocínio de outras entidades, públicas e privadas, relacionados à cultura e ao entretenimento.

Este trabalho está pautado nos métodos de pesquisa de intervenção pedagógica, conforme os pressupostos de Damiani *et. al.* (2013), e Chizzotti (2003), por tratar-se de um trabalho de caráter qualitativo, já que as ações aqui pretendidas têm como base o envolvimento entre pessoas, visando não só à mera descrição de dados, mas também uma transformação social. Para Chizzotti (2003), o pesquisador que opta pela pesquisa qualitativa deve contestar a neutralidade do discurso positivista, já que em uma pesquisa desta natureza, há um comprometimento do pesquisador com a prática dentro da qual está envolvido e não apenas o comprometimento com a apresentação de números.

Portanto, em uma pesquisa que visa promover a transformação do sujeito aluno, como neste trabalho, é necessário levar em consideração as especificidades que envolvem o seu processo de aprendizagem, tal como o seu nível real de desenvolvimento e o seu

⁹ A SD elaborada por esta pesquisa será apresentada no item 5 deste trabalho, destacando-se que a sequência didática pretende levar em consideração os quatro elementos fundamentais de constituição do gênero: a prática social do gênero, o contexto de produção, os aspectos discursivos e os aspectos linguístico-discursivos, conforme os pressupostos teóricos de Dolz e Schneuwly (2004) e com base no modelo de SD para o gênero resenha crítica de filme apresentado por Tocaia (2015).

¹⁰ É importante destacar que a mostra de cinema ainda está em processo de realização (todas as 5ª feiras), com previsão de término até novembro, em um espaço no museu da cidade, cedido pela prefeitura. A cada quinta-feira, uma turma da escola assiste a um filme da mostra e aproveita para visitar o museu.

conhecimento prévio sobre o gênero a ser estudado. Cabe ao professor-pesquisador, ao adotar o método qualitativo em um trabalho de pesquisa, compreender que teoria e prática não são coisas opostas, mas elementos que se interinfluenciam, dando voz aos sujeitos participantes do trabalho, já que a ação pretendida neste tipo de pesquisa é transformadora e nada mais justo do que dar voz aos sujeitos envolvidos no processo a partir de atividades que propiciem um aprendizado libertador.

2.4 Dificuldades para a realização da pesquisa

Durante a aplicação dos módulos da sequência didática, um dos principais desafios foi lidar com a infrequência dos alunos. Percebi que a principal causa da infrequência de muitos deles, mesmo os que demonstraram motivação durante a execução dos filmes ou leitura das resenhas, é que a não participação dos pais na vida escolar desses alunos faz com que muitos não tenham tanto compromisso com os estudos e não encontrem muito sentido em ir às aulas todos os dias. Durante uma das aulas, ao ver que alguns alunos estavam bem desmotivados, pude notar, pelo relato de alguns deles que, o motivo da desmotivação era por terem dormido tarde e os pais não se importarem com isso, e pelo fato de, na aula anterior, um professor tê-los xingado e dito, nas palavras de um deles, “coisas pesadas para a turma”.

Nesse contexto, no decorrer do processo, também enfrentei outras dificuldades como a ausência de recursos por parte da escola que, nesse período, passou pela troca de direção. Como consequência, a mostra de cinema só pode ser realizada no final do mês de agosto, pois, devido a essa troca, ficamos quase um mês sem diretor na escola, e não tínhamos autorização para sair com os alunos para o museu. Além disso, todo o material impresso distribuído para os alunos ficou a cargo do professor pesquisador desta pesquisa. Somente os recursos para o custeio do mural, utilizado para a divulgação dos textos dos estudantes, foram disponibilizados pela escola, o que gerou um pouco de atraso na realização da mostra, pois, para a compra de materiais foi necessário um processo burocrático de licitação.

Por outro lado, mesmo não tendo o apoio da Secretaria Regional de Educação para conseguirmos um ônibus para levar os alunos ao local da mostra, ou seja, ao museu da cidade, foi permitido que enviássemos aos pais uma circular, informado que a aula daquele dia seria realizada no museu. Assim, a cada semana, agendamos com o responsável pelo museu de levarmos duas turmas de uma das séries da escola para assistir a um dos filmes da mostra e visitar o museu, lembrando que o objetivo da mostra foi o de proporcionar aos alunos da

escola acesso à capital cultural, algo tão escasso nas escolas públicas brasileiras. Infelizmente, devido à ausência de recursos para o transporte, muitos desses estudantes não compareceram à mostra e ficaram tristes, o que pude perceber quando ouvi o relato de muitos deles ao me explicarem o motivo pelo qual não puderam ir.

Finalmente, a mostra de cinema foi produzida pelos alunos, mesmo não podendo ser estendida para a comunidade local, pois, devido aos problemas com direitos autorais, ficou restrita apenas ao ambiente escolar, o que gerou muita frustração para mim e para os alunos, pois estávamos muito empolgados em divulgar os textos no principal *site* de notícias da cidade e por realizar a mostra na principal praça de Varginha. Assim, como já mencionado, os textos dos alunos não foram divulgados no *site*, mas em um mural dentro da escola, no qual os textos foram expostos e utilizados como forma de divulgação dos filmes exibidos no evento. O evento foi realizado, mas não com o alcance que pretendíamos no início das atividades.

2.5 Procedimentos de análise dos dados

Após a aplicação da sequência didática, que será apresentada no Capítulo III desta pesquisa, o procedimento utilizado para a coleta do *corpus* foi o da escolha de três produções iniciais e três produções finais de estudantes que participaram de todas as etapas da sequência didática elaborada neste trabalho. Compararam-se, então, as produções (inicial e final) desses alunos, com base no seu desenvolvimento em relação às capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas, de acordo com os pressupostos de Dolz e Schneuwly (2004).

Ao retomar os estudos de Dolz e Schneuwly (2004), Cristovão (2009) descreve que as capacidades de ação são aquelas que proporcionam ao sujeito organizar a produção da linguagem ao ambiente em que está inserido, isto é, a representação da situação de comunicação tem uma relação direta com o gênero. Por outro lado, as capacidades discursivas estão associadas à infraestrutura geral do texto, ou seja, às escolhas de sequências textuais, do discurso, assim como da elaboração dos conteúdos relacionados ao texto produzido. Do mesmo modo, as capacidades linguístico-discursivas relacionam-se aos processos de textualização como coesão nominal e coesão verbal, aos mecanismos enunciativos de vozes e modalizações, às construções de enunciados e às escolhas lexicais.

Para tanto, os textos selecionados apresentaram diferentes níveis de desenvolvimento, de acordo com as capacidades¹¹ elencadas anteriormente, e foram produzidos em sala de aula, durante a aplicação dos módulos para esta finalidade. Os textos selecionados estão apresentados neste trabalho de forma digitalizada e transcrita, com o intuito de facilitar a compreensão dos resultados alcançados. Em várias passagens da análise, trechos dos textos também foram apresentados de forma digitalizada e transcrita, a fim de complementar a descrição do que foi observado com a aplicação deste projeto.

Em seguida, elaborou-se um quadro com três níveis de desenvolvimento (total, parcial ou não desenvolvido) para cada capacidade relacionada ao gênero resenha crítica de filme, utilizando o mesmo quadro para se comparar a produção inicial (PI) à produção final (PF) desses estudantes. O quadro não só mostra o desenvolvimento dessas capacidades, mas também permite uma análise da zona de desenvolvimento de cada um desses estudantes, na perspectiva de Vigotsky (1989), em relação a essas capacidades.

2.6 Aspectos éticos da pesquisa

As atividades do projeto foram desenvolvidas pelo Prof. Lucas Francisco Ferreira de Oliveira, no primeiro semestre de 2019, no horário regulamentar das aulas, de 7h às 11h30, na própria escola. No decorrer das atividades, buscamos registrar, em fotografias e por escrito, algumas aulas em que o projeto foi desenvolvido. O material registrado ficará armazenado por um prazo de no máximo cinco anos, em mídias como pen drive e computador pessoal, e só será utilizado o material do estudante que tenha a autorização¹² do seu responsável legal.

Todas as tarefas realizadas durante as aulas foram aproveitadas como atividades avaliativas, o que ficou acordado entre os alunos e o Professor Lucas Francisco Ferreira de Oliveira, antes do início de cada atividade. Não houve nenhum custo para que os estudantes participassem da pesquisa, pois todo o material utilizado foi disponibilizado gratuitamente para cada um deles. Já a divulgação dos textos produzidos em sala e das fotografias foi considerada como opcional, e cada aluno poderá solicitar a não utilização de seu texto ou das fotografias a qualquer momento, mesmo após a conclusão deste trabalho. Para isso, o responsável legal deverá preencher um novo termo de autorização, informando a opção pela não divulgação dos textos e das imagens.

¹¹ Destaca-se que os elementos relacionados a essas capacidades são sempre diferentes, de acordo com a SD utilizada, pois cada SD é elaborada para um gênero textual específico.

¹² Os termos de autorização utilizados nesta pesquisa estão disponíveis no campo ANEXOS deste trabalho.

A cada estudante que participou deste trabalho foi informado que, caso se manifestasse um quadro de estresse durante as atividades, ou algum desconforto, fazendo com que o(a) aluno(a) se sentisse constrangido(a) ao ser fotografado(a) ou ao ter os seus dados divulgados, poderia procurar o seu responsável legal ou o Prof. Lucas Francisco Ferreira de Oliveira e relatar o ocorrido. Os alunos também foram informados que, caso alguma dessas ocorrências fosse observada, providências seriam tomadas para que ele(a) se sentisse seguro(a) e à vontade. Durante a execução das atividades, nenhuma ocorrência foi registrada.

Em relação à participação na mostra de cinema e à visita ao museu, todos os estudantes tiveram a oportunidade de participar do evento e nenhum deles ficou prejudicado, pois a primeira exibição da mostra foi realizada no Museu Municipal da cidade, com entrada franca. Todos os estudantes receberam passe escolar e lanche no dia do evento, cedidos pela prefeitura. Foi oferecido também, aos que não quiseram ir ao museu, o direito de permanecer na escola, com o acompanhamento de um professor substituto e atividades relacionadas ao conteúdo programático do bimestre letivo.

Capítulo III – Modelo didático de gênero e sequência didática

Neste capítulo, apresentaremos o MDG desenvolvido para a compreensão dos diferentes aspectos relacionados ao gênero resenha crítica de filme, que serviu de base para a elaboração da sequência didática nesta pesquisa, na qual trabalhamos as três capacidades relacionadas ao gênero, de acordo com os pressupostos de Dolz e Schneuwly (2004). A partir daí, responderemos a duas perguntas de pesquisa elaboradas: a) Qual é o modelo didático mais adequado para o gênero resenha crítica de filme? b) O que uma sequência didática deve apresentar para que os alunos desenvolvam as capacidades de linguagem necessárias à produção desse gênero?

3.1 O modelo didático para o gênero resenha crítica de filme

Quadro 1 - Modelo didático para o gênero resenha crítica de filme

1. Gênero trabalhado	Resenha Crítica de Filme	
2. Levantamento teórico sobre gêneros e modelo didático de gênero	Bronckart (2007; 2010), Bueno (2009), Lousada (2010), Machado e Cristóvão (2006), Messias (2014), Schneuwly e Dolz (2004), Vigotsky (1989) e Tocaia (2015);	
3. Levantamento sobre o gênero por profissionais da área	✓ “A crítica é um gênero textual que tem por finalidade orientar o leitor de um jornal ou revista, estimulando-o ou desestimulando-o a consumir um objeto cultural, isto é, um livro, um filme, uma peça de teatro, um concerto de música clássica, um <i>show</i> de música popular, uma exposição de artes plásticas, etc.” (CEREJA e MAGALHÃES, 2013, p. 334); ✓ “A resenha crítica é um texto que avalia uma produção artística ou intelectual. Seu objetivo é orientar o leitor, alertando-o para as qualidades e os defeitos de um bem cultural, que pode ser um livro, filme, CD, exposição, peça de teatro, entre outros. A resenha se fundamenta no conhecimento especializado do crítico e na sua argumentação para convencer o leitor a conhecer ou não a obra.” (RAMOS, 2013, p. 360); ✓ “Produzir uma resenha sobre um texto, um filme, um CD ou qualquer outro produto cultural consiste em sintetizar o que lemos, vemos, ouvimos, dar nossa opinião e realizar um comentário crítico.” (AMARAL <i>et. al.</i>, 2016, p. 297).	
4. Textos selecionados	✓ Cinderela e o Príncipe Secreto: A bela e a feiurinha (Taine Mendes); ✓ Venon: Planeta dos simbioses (Francisco Russo); ✓ 22 de Julho: Fundamentalismo em foco (Lucas Salgado); ✓ Temporada: espaços de afeto (Bruno Carmelo); ✓ Vingadores: Ultimato (Marcelo Hessel).	
5. Situação e contexto de produção do gênero	Qual é o objetivo do texto?	Apresentar um filme, expressar uma avaliação sobre ele e convencer o leitor assistir ou não ou filme.
	Quem é o enunciador?	Estudantes, blogueiros, professores ou especialistas na área de cinema.
	Quem é o destinatário?	Adolescentes, jovens e/ou adultos que se interessam por aquele tipo de filme.
	Quais informações o texto apresenta?	Informações técnicas sobre o filme e descrição de algumas cenas, seguidas de comentários do autor da resenha.
	Em qual veículo o texto foi publicado?	Em sites especializados em divulgação de filmes.

6. Estrutura composicional (aspectos discursivos)	Qual é o plano global deste tipo de texto?	- Inicialmente, é apresentado o título da resenha com o nome do filme, seguido do nome do autor. O nome do autor pode vir ao final do texto também, mas, nos textos selecionados, o nome foi apresentado no início. - Há uma contextualização sobre o filme; - No decorrer do texto, são utilizadas descrições de cenas, seguidas das apreciações realizadas pelo autor da resenha, seja a favor ou contra o filme; - Imagens das cenas são utilizadas com o intuito de reforçar o que é dito pelo autor da resenha; - Os textos terminam com uma pequena síntese dos argumentos utilizados, seguida de uma apreciação final.
	Qual é o tipo de discurso?	Discurso teórico.
	Qual é voz do discurso?	Predominantemente em 3ª pessoa.
	Outras vozes aparecem no texto?	Sim. Trechos com a fala de personagens dos filmes.
	Quais são as sequências textuais?	Sequências expositivas, seguidas de sequências argumentativas.
7. Aspectos linguísticos	Quais são os mecanismos de conexão?	Presença de conectores como conjunções e locuções.
	Quais são os mecanismos de coesão verbal?	Predominância de verbos no presente do indicativo.
	Quais são os mecanismos de coesão nominal?	Uso de substantivos e adjetivos.
	Qual foi a variedade linguística utilizada?	Padrão formal.

Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa, 2019.

3.2 A sequência didática

A sequência didática utilizada nesta pesquisa foi elaborada a partir de um modelo didático de gênero, conforme o item 3.1, do Capítulo III, e está organizada em quatro módulos respectivamente: conhecimento prévio, contexto de produção, aspectos discursivos do gênero e aspectos linguístico-discursivos. Além disso, esta sequência de atividades conta com uma produção inicial e final que serão utilizadas para que o professor-pesquisador possa estabelecer uma comparação entre as produções, verificando o desenvolvimento dos alunos dentro das três capacidades propostas por Dolz e Schneuwly (2004). Além disso, há no início de cada um dos módulos os objetivos a serem alcançados em cada uma das etapas das atividades, para que os estudantes pudessem perceber os caminhos percorridos, assim como as capacidades desenvolvidas no decorrer da aplicação dos módulos.

O GÊNERO RESENHA CRÍTICA DE FILME



Vamos ao
cinema?



Escola Estadual Professor Antônio Corrêa de Carvalho

Nome: _____

Turma: _____ **Série:** _____

Prof. Lucas Oliveira

Apresentação

Prezado aluno(a),

A leitura e a escrita são práticas fundamentais para que possamos ter autonomia na vida em sociedade. Diariamente, temos contato com textos de diferentes gêneros, sejam eles orais ou escritos. Os gêneros textuais fazem parte da nossa vida, pois são instrumentos que facilitam a nossa comunicação com o outro e ampliam as nossas possibilidades de sucesso na vida pessoal e profissional.

Por isso, esta sequência didática tem como objetivo propor atividades diferenciadas que possibilitem a você explorar não só as características do gênero resenha crítica de filme, para que os seus conhecimentos linguísticos e discursivos sejam ampliados, mas também aprimorar o seu poder de convencimento, ou seja, a sua argumentação, para que ela se torne ainda mais eficaz. Pretendemos apresentar a você diferentes estratégias de uso do discurso argumentativo.

A partir de agora, você terá a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o universo do cinema, além de aprender a elaborar uma resenha crítica de filme, pois teremos momentos para desfrutarmos de um bom filme, e também ler algumas resenhas, além de compreender o contexto social e os aspectos discursivos e linguísticos desse gênero tão presente em nosso dia a dia.



Prof. Lucas Francisco Ferreira de Oliveira

A sessão vai começar!

MÓDULO I – CONHECIMENTO PRÉVIO



Neste módulo vamos realizar as seguintes atividades:

- Entrevistar um colega para descobrir o que cada um conhece sobre o universo do cinema;
- Identificar, a partir de inferências, quais são os elementos que podemos encontrar quando vamos ao cinema;
- Assistir a um filme e produzir uma resenha crítica sobre ele, a fim de identificar o que cada um conhece e não conhece sobre o gênero resenha crítica de filme.

- 1) Discuta com um colega e responda se as imagens abaixo representam elementos que encontramos quando vamos ao cinema.

O professor deverá pedir aos alunos que sentem em duplas para a realização desta atividade.

Encontramos no cinema...		
a) lanterninha		☐ sim ☐ não
b) doces		☐ sim ☐ não
c) pipoca		☐ sim ☐ não
d) assentos		☐ sim ☐ não
e) televisão		☐ sim ☐ não

f) banheiros		() sim () não
g) óculos 3D		() sim () não
h) palco		() sim () não
i) refrigerante		() sim () não
j) camarim		() sim () não
k) telão		() sim () não
l) projetor		() sim () não

- 2) Você deverá entrevistar algum colega e preencher o quadro abaixo com as respostas dadas por ele(a). Em seguida, apresente as respostas anotadas para a turma.

Pergunta	Respostas
1) Você gosta de ir ao cinema?	
2) Com que frequência você vai ao cinema?	
3) Você prefere ir ao cinema ou assistir a filmes em casa?	
4) Quais das ações a seguir você utiliza para escolher um filme?	☐ Seguir a indicação de um amigo ☐ Ler a sinopse do filme ☐ Ler resenhas críticas sobre o filme ☐ Assistir ao trailer ☐ Outras formas
5) Quais são os seus gêneros de filme favoritos?	☐ Ação ☐ Comédia ☐ Drama ☐ Ficção ☐ Terror ☐ Suspense ☐ Épico ☐ Outros.
6) Por que você gosta desses gêneros de filmes?	
7) Você já leu uma resenha crítica de filme?	☐ sim ☐ não
8) A resenha crítica que você leu era de qual filme?	
9) Você concordou ou discordou da opinião de quem escreveu a resenha?	
10) Se você fosse recomendar um filme, qual filme você recomendaria? Por quê?	

Após o preenchimento do quadro, os alunos irão compartilhar as respostas anotadas com a turma.

- 3) Agora, vamos assistir ao filme “A múmia”, lançado em 2017, pela Walt Disney em parceria com a Pixar, para produzirmos uma resenha crítica sobre ele. Mas, antes, vamos conversar um pouco sobre o cartaz do filme, a fim de discutirmos as possíveis intenções de quem o produziu.

- a) Você conhece o filme “A múmia”?



Pedir que os alunos façam um círculo para discutirem as questões oralmente. Analisar com eles os silenciamentos, apagamentos, implicações e discursos por trás do cartaz do filme.

Elenco

- Tom Cruise
- Annabelle Wallis
- Sofia Boutella
- Jake Johnson
- Marwan Kenzari
- Courtney B. Vance



- b) Quem é o ator principal deste filme? Você o conhece? Por que você acha que ele foi escolhido?
- c) Você conhece os outros atores que fazem parte do elenco do filme?
- d) Por que você acha que a múmia foi representada por uma mulher neste filme e não por um homem como em outras produções?
- e) Como a múmia foi retratada no cartaz?
- f) O que as imagens que estão ao fundo representam?
- g) Quais são as cores que mais aparecem no cartaz? O que elas representam, ou seja, qual é o efeito que elas criam?
- h) Você conhece o diretor deste filme?
- i) Você acha que a escolha do elenco e do diretor traz maior credibilidade para o filme? Por quê?
- j) A classificação indicativa para este filme é livre. O que não pode ter em um filme com esta classificação?

Caso os alunos desconheçam o ator principal, o diretor, ou algum integrante do elenco, assim como as duas produtoras, pedir que eles realizem uma pesquisa na *internet* para obter essas informações.

Enfatizar para os alunos que a situação de produção é hipotética e que esta produção inicial é diagnóstica, servindo para que todos possam avaliar o que conhecem sobre o gênero “resenha crítica de filme”. Além disso, comentar com os estudantes que esta produção será comparada com a produção final, a fim de mostrar o que eles aprenderam de fato ao utilizar este gênero.

PRODUÇÃO INICIAL

Após termos assistido ao filme “A múmia”, você irá produzir uma resenha crítica sobre ele. Imagine que seu texto será divulgado no *site* www.adorocinema.com.br, um *site* de crítica de filmes, onde todos poderão ler a sua apreciação. Escolha bem as ideias que irão representar o seu ponto de vista sobre o filme.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

MÓDULO II – O CONTEXTO DE PRODUÇÃO

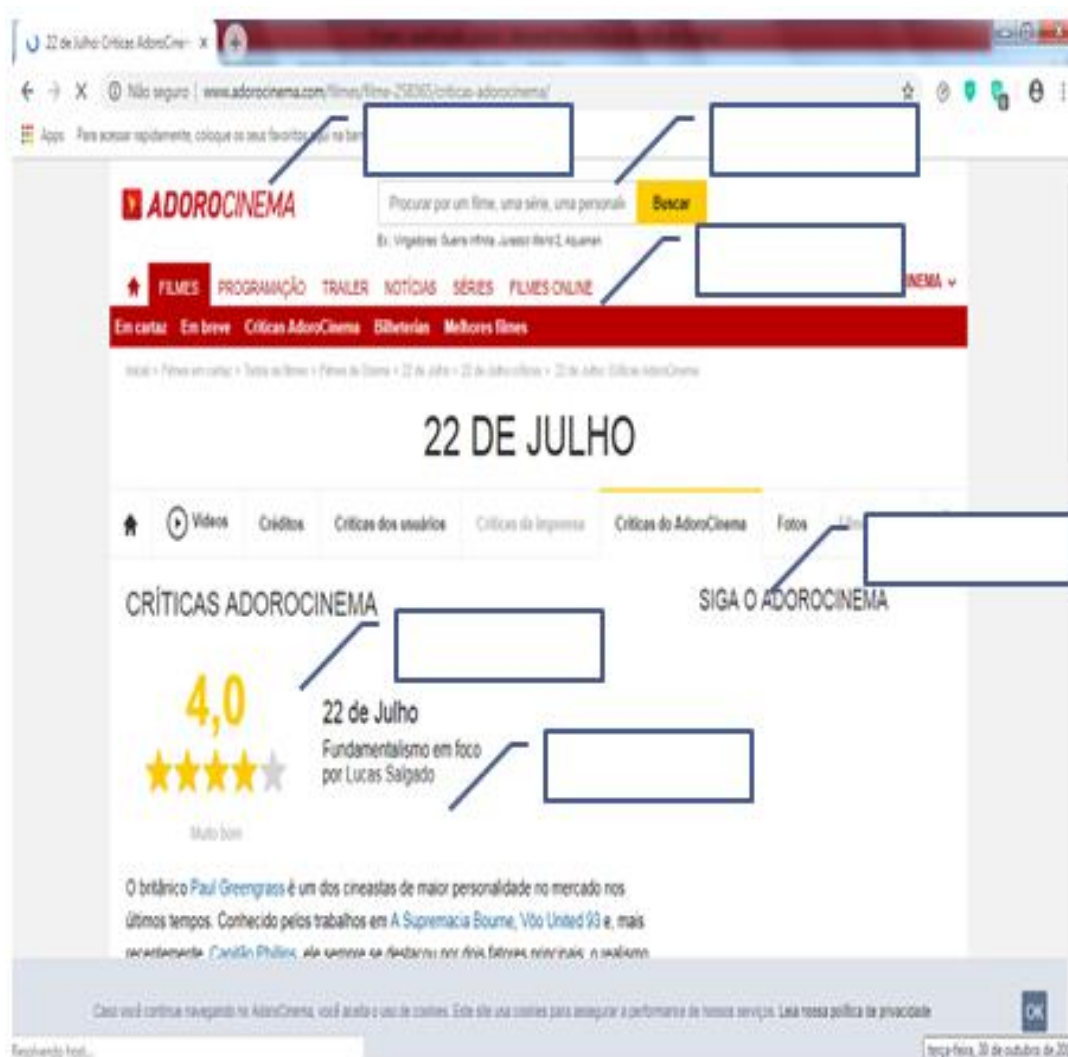


Neste módulo vamos realizar as seguintes atividades:

- Ler uma resenha crítica sobre o filme “22 de Julho”;
- A partir de inferências e atividades de localização de informações explícitas, identificar para quê, quando e onde utilizamos uma resenha crítica de filme;
- Diferenciar a crítica de filme do gênero sinopse;
- Elaborar uma definição sobre o gênero crítica de filme.

O Texto que você vai ler é uma resenha crítica do filme “22 de julho”, lançado em 2018. A resenha foi retirada de um *site* específico de críticas de filmes, conforme você pode observar pela imagem abaixo. Antes de ler o texto, organize os elementos que fazem parte do *site*, de acordo com as palavras listadas a seguir. Use os balões em branco para escrever o nome desses elementos.

Nome do site	Propaganda	Nota do filme
Autor da resenha	Opções de acesso	Sistema de busca no site



Os alunos realizarão as atividades deste módulo em duplas. O professor deve selecionar as equipes com o objetivo de agrupar os estudantes conforme o grau de desenvolvimento observado nas produções iniciais, agrupando os alunos com dificuldade juntos com os que apresentaram maior domínio sobre o gênero.

TEXTO I

ADOROCINEMA Procurar por um filme, uma série, uma personalidade...
Ex.: Hellboy, After, Aladdin, Playmobil, Amigos para Sempre

FILMES PROGRAMAÇÃO TRAILER NOTÍCIAS SÉRIES FILMES ONLINE MEU ADOROCINEMA

Em cartaz Em breve Críticas AdoroCinema Bilheterias Melhores filmes

Inicial > Filmes em cartaz > Todos os filmes > Filmes de Drama > 22 de Julho > 22 de Julho críticas > Crítica de AdoroCinema para 22 de Julho: Fundamentalismo em foco

22 DE JULHO

🏠 Vídeos Créditos Críticas dos usuários Críticas da imprensa **Críticas do AdoroCinema** Fotos Filmes Online +

CRÍTICAS ADOROCINEMA

4,0
★★★★★
Muito bom

22 de Julho
Fundamentalismo em foco
por Lucas Salgado

O britânico **Paul Greengrass** é um dos cineastas de maior personalidade no mercado nos últimos tempos. Conhecido pelos trabalhos em *A Supremacia Bourne*, *Vôo United 93* e, mais recentemente, *Capitão Phillips*, ele sempre se destacou por dois fatores principais: o realismo de suas obras; e o domínio na condução de cenas de tensão.

Com relação ao realismo, e isso fica claro em *Voo United 93*, uma coisa que ajuda muito o diretor é a opção por atores pouco conhecidos do grande público. E é o que acontece no novo **22 de Julho**. As duas obras, por sinal, têm tudo para ser vendidas lado a lado em um box de DVD no futuro, uma vez que conversam bastante tematicamente.

O novo filme conta a história do atentado de 22 de julho de 2011, na Noruega. O fundamentalista Anders Behring Breivik planejou dois ataques, que resultou na morte de 75 pessoas, muitas delas crianças.



SIGA O ADOROCINEMA

AdoroCinema
8.901.154 curtidas

Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

MA
★★★★★ 2,5
Diretor: Tate Taylor
Elenco: Octavia Spencer, Diana Silvers, Juliette Lewis
Trailer

Codzilla II: Rei dos Monstros
★★★★★ 3,0
Diretor: Michael Dougherty
Elenco: Kyle Chandler, Vera Farmiga, Millie Bobby Brown
Trailer

The Perfection
★★★★★ 3,5
Diretor: Richard Shepard
Elenco: Allison Williams, Logan Browning, Alaina Huffman
Trailer

Críticas adoroCinema

MELHORES FILMES EM CARTAZ

22 de Julho

Fundamentalismo em foco

por Lucas Salgado

O britânico Paul Greengrass é um dos cineastas de maior personalidade no mercado nos últimos tempos. Conhecido pelos trabalhos em *A Supremacia Bourne*, *Vôo United 93* e, mais recentemente, *Capitão Phillips*, ele sempre se destacou por dois fatores principais: o realismo de suas obras; e o domínio na condução de cenas de tensão.

Com relação ao realismo, e isso fica claro em *Voo United 93*, uma coisa que ajuda muito o diretor é a opção por atores pouco conhecidos do grande público. E é o que acontece no novo *22 de Julho*. As duas obras, por sinal, têm tudo para ser vendidas lado a lado em um box de DVD no futuro, uma vez que conversam bastante tematicamente.

O novo filme conta a história do atentado de 22 de julho de 2011, na Noruega. O fundamentalista Anders Behring Breivik planejou dois ataques, que resultou na morte de 75 pessoas, muitas delas crianças.



Diferentemente de Voo, o novo longa usa o dia do atentado apenas como ponto de partida. Boa parte da trama se passa após os ataques, mostrando a repercussão dos mesmos nas vidas dos sobreviventes e do país, além de abordar o julgamento do terrorista.

Como destacado acima, o realismo é elemento importante da obra. E aí nasce o principal problema do filme: o fato de ser falado em inglês. É verdade que isso nunca foi um problema em Hollywood e que já tivemos a oportunidade de ver as pessoas falando inglês por todas as partes do mundo. Mas em 2018, e com um cineasta que preza pela autenticidade, a opção pelo áudio acaba soando fake.

Adaptação do livro "One of Us", de Åsne Seierstad, 22 July (no original) conta com ótimos trabalhos de direção de fotografia e, principalmente, montagem. Vencedor do Oscar por Argo, o montador William Goldenberg entrega um trabalho de ritmo envolvente. O filme começa de forma impactante e chocante, e mesmo mudando o tom, segue sempre intrigante.

As atuações conseguem passar autenticidade, mas também não se destacam. E, é claro, são prejudicadas gravemente pela opção de manter as falas em inglês. O discurso do filme, no entanto, não se perde, propagando ideias de tolerância e sempre refletindo sobre tendências fundamentalistas ou radicais.

Filme visto durante o Festival de Toronto, em setembro de 2018.

Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-258365/criticas-adorocinema/>, acesso em 30 out. de 2018.

Após ter lido a resenha do filme “22 de julho”, faça as atividades abaixo, que vão ajudar a compreender a finalidade deste gênero textual, além de auxiliar a percebermos quando podemos escrever uma resenha crítica de filme e onde podemos encontrá-la.

1) O texto que você leu sobre o filme “22 de julho” tem como finalidade?

- a) trazer somente fatos.
- b) fazer uma avaliação do filme.
- c) descrever cenas do filme.
- d) falar sobre o diretor do filme.

2) Quem é o autor da resenha que você acabou de ler?

3) Para que tipo de público você acha que ele escreveu este texto?

4) Após ter lido o texto e observado as características do *site* em que ele foi publicado, marque as opções abaixo que representam quais pessoas, possivelmente, produzem mais o gênero resenha crítica de filme no seu dia a dia.

- | | | |
|------------------------|-------------------------------|---------------------------|
| () professores | () estudantes | () críticos de cinema |
| () jornalistas | () médicos | () engenheiros |
| () <i>bloguers</i> | () proprietário de cinema | |

5) Qual dos trechos a seguir, representa uma opinião positiva feita pelo autor do texto sobre o filme “22 de julho”?

- a) “...o novo longa usa o dia do atentado apenas como ponto de partida.”
- b) “O britânico Paul Greengrass é um dos cineastas de maior personalidade no mercado nos últimos tempos.”
- c) “O filme começa de forma impactante e chocante, e mesmo mudando o tom, segue sempre intrigante.”
- d) “É verdade que isso nunca foi um problema em Hollywood...”

- 6) Além do site “Adoro cinema”, assinale abaixo em quais outros veículos uma resenha crítica escrita poderia ser publicada.



()



()



()



()



()



()

O texto a seguir é uma sinopse sobre o filme “22 de julho”. Observe o *site* em que ele foi publicado e as informações trazidas pelo texto para responder às questões.

TEXTO II



Em “22 de julho”, o cineasta indicado ao Oscar Paul Greengrass (Capitão Philips, Voo United 93) conta a história real do maior ataque terrorista da história da Noruega. Em 22 de julho de 2011, 77 pessoas foram mortas por um fanático de extrema-direita que detonou um carro-bomba em Oslo e em seguida disparou contra adolescentes em um acampamento. “22 de julho” segue a jornada física e emocional de um dos sobreviventes para retratar o caminho de uma nação rumo à superação e reconciliação.

Disponível em: <https://www.tvepipoca.com/22-de-julho-trailer-oficial-e-sinopse-do-filme/>, acesso 30 out. de 2018.

- 7) Todas as definições a seguir referem-se ao gênero sinopse. Qual delas melhor define o texto que você acabou de ler?
- a) Resumo; relato breve: de um filme, de um livro, de um espetáculo.
 - b) Relato breve ou resumo de uma teoria, de um manual, de um livro escolar, de um compêndio, de uma doutrina.
 - c) Breve explanação no início de artigos acadêmicos e científicos para situar o leitor sobre o tema a ser apresentado.
 - d) Visão de conjunto, síntese, resumo, sumário, resenha.

e) Síntese generalista sobre uma ciência em específico, um objeto de estudo ou pesquisa.

8) Quais foram as diferenças que você observou entre o *site* “Adoro cinema” e o *site* “TV e pipoca”?

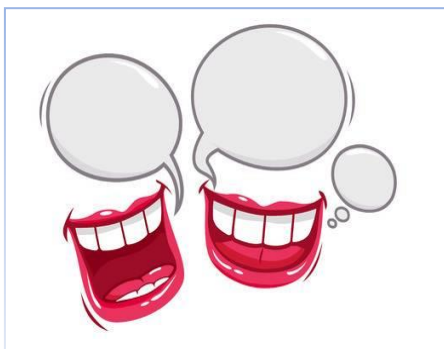
9) O que há de semelhante entre a resenha crítica que você leu sobre o filme “22 de julho”, escrita por Lucas Salgado, e a sinopse, retirado do *site* “TV e pipoca”?

10) Qual dos dois textos convida o leitor a assistir ao filme? A resenha ou a sinopse? Por quê?

- 11) Junto com o seu colega marque no quadro abaixo as principais características do gênero resenha crítica de filme em relação ao contexto de produção.

Características do gênero resenha crítica de filme			
Avalia uma produção cinematográfica		Relata uma experiência pessoal	
Traz informações sobre um filme		Faz parte do meio jornalístico	
É publicada somente em jornais		É publicada apenas em revistas	
Conta uma história fictícia		Destina-se a pessoas que gostam de cinema	
Busca convencer o leitor		Apresenta uma apreciação do autor da resenha sobre o filme	
Apresenta qualidades e defeitos do filme		É escrita por médicos e engenheiros	
É produzida, em geral, por jornalistas e críticos de filme		Pode circular em jornais, revistas, blogs e redes sociais como <i>facebook</i> e <i>whatsapp</i>	

MÓDULO III – ASPECTOS DISCURSIVOS DO GÊNERO



Neste módulo vamos realizar as seguintes atividades:

- Ler duas resenhas: uma sobre o filme “Cinderela e o príncipe encantado” e outra sobre o filme “Temporada”;
- Reconhecer a organização textual do gênero resenha crítica de filme;
- Identificar conteúdos evocados no texto;
- Diferenciar sequência expositiva de sequência argumentativa;
- Compreender a sequência lógica de uma resenha crítica de filme;
- Estudar como construir as seguintes estratégias do discurso argumentativo: definição, comparação, causalidade, autoridade e exemplificação.

As próximas resenhas que leremos neste módulo foram publicadas no [site www.adorocinema.com.br](http://www.adorocinema.com.br), conforme a imagem abaixo. Observe que uma das resenhas apresenta opinião negativa e a outra uma opinião positiva. Leia atentamente os dois textos para que possamos compreender melhor a organização discursiva do gênero.

Texto I

The screenshot shows the AdoroCinema website interface. At the top, there's a search bar and navigation tabs for FILMES, PROGRAMAÇÃO, TRAILER, NOTÍCIAS, SÉRIES, and FILMES ONLINE. The main header features the movie title 'CINDERELA E O PRÍNCIPE SECRETO' with tabs for Vídeos, Créditos, Críticas dos usuários, Críticas da imprensa, Críticas do AdoroCinema, Fotos, and Filmes Online. Below this, the 'CRÍTICAS ADOROCINEMA' section displays a review by Taiani Mendes. The review has a rating of 1.0 star (out of 5) and is titled 'Cinderela e o Príncipe Secreto: A bela e a ferinha por Taiani Mendes'. The review text discusses the movie as a reimagining of the classic, praising its animation and narrative. To the right, there's a sidebar with 'SICA O ADOROCINEMA' section, listing other movies like 'MA', 'Godzilla II: Rei dos Monstros', and 'The Perfection' with their respective ratings and trailers. At the bottom, there's a 'MELHORES FILMES EM' section.

Cinderela e o Príncipe Secreto

A bela e a ferinha

por Taiani Mendes

Releituras de clássicos infantis foram moda há alguns anos, seja oferecendo novas abordagens por diversos pontos de vista, seja investigando o que acontece após o “felizes para sempre”. A febre dos live-actions (alô, dona Disney!) veio para superar essa onda, mas Cinderela e o Príncipe Secreto anda algumas casas para trás para mostrar que ainda existem inúmeras transgressões possíveis se tratando de contos de fadas.



Para começar, a protagonista aqui não é exatamente a mocinha maltratada pela madrasta e pelas irmãs, mas sim um ratinho educado, simpático, que arrasa na dança, solidário, guerreiro e fofo. Junto com dois amigos ele orbita ao redor de Cinderela, que faz o que pode para alimentá-los e defendê-los da fúria da família. É por eles que ela decide ir ao grande baile do reino e através deles que entra em contato com a fada madrinha - na verdade uma aprendiz - capaz de ajudá-la na empreitada. A partir de então as coisas tomam um rumo até bastante previsível, mas bem distante da trama popularmente conhecida, honrando o anúncio de uma história “muito diferente” feito pelo ratinho narrador no início da aventura.

Cinderela e o Príncipe Secreto propõe uma subversão bacana, meio A Bela e a Fera adocicada, que coloca a mocinha num lugar mais ativo em termos de ação e passa mensagem de altruísmo e autossacrifício, porém é das obras mais mal feitas entre as animações que chegaram aos cinemas brasileiros recentemente. O longa-metragem dirigido por Lynne Southerland (Mulan 2) tem finalização porca, formas que parecem dos primórdios da computação gráfica e arco dramático bem bobo - o que é até menos grave, afinal é destinado às crianças bem pequenas, que ainda se impressionam com movimentos brilhantes na tela e acham muita graça de flatulência. Justamente por conta desse público-alvo, é lamentável que frutas revelem-se sempre traiçoeiras no filme, que também contradiz sua proposta supostamente progressista investindo em piadas arcaicas envolvendo papéis de gênero e homoerotismo.



Um antagonista batizado Olaf soa como alfinetada em Frozen, mas o fato da produtora Gold Valley Films ser tão limitada em termos artísticos faz a referência resultar tão ridícula quanto o gato que mais parece uma pantera negra ou todo o imbróglio a respeito do anel mágico. Com decepcionante final aberto que não resolve muita coisa, direcionando o público praticamente de forma obrigatória à uma (pouco provável) sequência, Cinderela e o Príncipe Secreto tem uma única canção-tema nada memorável e encontra-se perdido entre o modelo

clássico de animação exclusivamente para crianças e o desejo de renovação do formato, desprovido de capacidade técnica ou inventividade criativa que o torne justificável. É um caça-níquel de má qualidade.

Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-251689/criticas-adorocinema/>, acesso em 12 de maio de 2019.

Texto II

ADOROCINEMA

Procurar por um filme, uma série, uma personalidade...

Ex.: Hellboy, After, Aladdin, Playmobil, Amigos para Sempre

FILMES **PROGRAMAÇÃO** **TRAILER** **NOTÍCIAS** **SÉRIES** **FILMES ONLINE** **MEU ADOROCINEMA**

Em cartaz Em breve Críticas AdoroCinema Bilheterias Melhores filmes

Inicial > Filmes em cartaz > Todos os filmes > Filmes de Drama > Temporada > Temporada críticas > Crítica de AdoroCinema para Temporada: Espaços de afeto

TEMPORADA

CRÍTICAS ADOROCINEMA

5,0
★★★★★
Obra-prima

Temporada
Espaços de afeto
por Bruno Carmelo

Hélio (Hélio Ricardo) e Juliana (Grace Passô) se sentam à beira de um laguinho sujo, num gramado pouco convidativo. Eles falam sobre suas vidas repetitivas, sem perspectivas de bairros, os muros descascados, os tetos das casas com suas caixas d'água e as ruas sinuosas dos locais mal iluminados, tudo isso é paisagem, tudo é belo e digno de ser retratado no cinema.

Retomando a sensibilidade ímpar demonstrada em *Ela Volta na Quinta* (2014) e em diversos curtas-metragens, o diretor e a produtora Filme de Plástico voltam a observar o cotidiano da classe média sem miserabilismo nem idealização. As pessoas têm trabalhos mal pagos e pouco gratificantes ("mas pelo menos é concursado"), dividem o cachorro-quente com o cachorro faminto na rua, exibem aos colegas a foto do namorado sem camisa, enrolam no serviço quando já atingiram a meta diária. Oliveira é exímio cronista, capaz de incorporar num roteiro traços comuns do cotidiano que passam despercebidos à maioria dos roteiristas. Seus diálogos são pérolas de informalidade combinada com gírias, provérbios, num linguajar ao mesmo tempo chulo e carinhoso.

SIGA O ADOROCINEMA

AdoroCinema
8.901.212 curtidas

MA
★★★★★ 2,5
Diretor: Tate Taylor
Elenco: Octavia Spencer, Diana Silvers, Juliette Lewis
Trailer

Codzilla II: Rei dos Monstros
★★★★★ 3,0
Diretor: Michael Dougherty
Elenco: Kyle Chandler, Vera Farmiga, Millie Bobby Brown
Trailer

The Perfection
★★★★★ 3,5
Diretor: Richard Shepard

Temporada Espaços de afeto

por Bruno Carmelo

Hélio (Hélio Ricardo) e Juliana (Grace Passô) se sentam à beira de um laguinho sujo, num gramado pouco convidativo. Eles falam sobre suas vidas repetitivas, sem perspectivas de melhora. Questionam então o cheio ruim da água: “Isso aqui, é esgoto, não é?”, pergunta Juliana, ao que Hélio responde: “Mas também é paisagem”. **Temporada**, de André Novais Oliveira, adota um olhar igualmente generoso aos espaços urbanos. Para o diretor, as ruas dos bairros, os muros descascados, os tetos das casas com suas caixas d'água e as ruas sinuosas dos locais mal iluminados, tudo isso é paisagem, tudo é belo e digno de ser retratado no cinema.

Retomando a sensibilidade ímpar demonstrada em *Ela Volta na Quinta* (2014) e em diversos curtas-metragens, o diretor e a produtora Filme de Plástico voltam a observar o cotidiano da classe média sem miserabilismo nem idealização. As pessoas têm trabalhos mal pagos e pouco gratificantes ("mas pelo menos é concursado"), dividem o cachorro-quente com o cachorro faminto na rua, exibem aos colegas a foto do namorado sem camisa, enrolam no serviço quando já atingiram a meta diária. Oliveira é exímio cronista, capaz de incorporar num roteiro traços comuns do cotidiano que passam despercebidos à maioria dos roteiristas. Seus diálogos são pérolas de informalidade combinada com gírias, provérbios, num linguajar ao mesmo tempo chulo e carinhoso.



Os enquadramentos fixos e abertos são ideais para o desenvolvimento dos tempos mortos e a contemplação tanto dos personagens quanto do espectador. Existe muito mais a ver em cada imagem do que os protagonistas: há sempre o fundo das casas, das ruas, dos postes, indissociáveis à existência de Juliana e dos colegas do centro de combate a endemias da prefeitura de Contagem. Que bela ideia, aliás, a profissão da protagonista: Juliana é obrigada a entrar na casa das pessoas para efetuar seu trabalho. Ela revira os potes de plantas, vê as tralhas acumuladas, as piscinas cobertas. Sua profissão apaga as fronteiras entre o público e o privado, o que permite criar amizades com pessoas que Juliana provavelmente jamais encontraria. A protagonista funciona como alter-ego do diretor: a função dela é cuidar da cidade, casa por casa, como quem cuida de pessoas.

No papel principal, Grace Passô tem uma atuação excepcional porque esvaziada dos cacoetes técnicos, além de ser isenta de vaidades: o despojamento nos corpos e nas falas é excepcional. Russo Apr, no papel do colega de trabalho e principal coadjuvante, contribui ao jogo cênico com um humor afiado. Dona Zezé, mãe de André Novais Oliveira e atriz de **Ela Volta na Quinta** e **Quintal**, tem uma aparição póstuma que levou às lágrimas um cinema inteiro: ela interpreta uma figura simples, hospitaleira, que recebe Juliana em casa, oferece e um café e um bolo. E Juliana tem que tomar aceitar sim, porque ela faz questão: "Saco vazio

não para em pé". Este carinho imenso faz da cena um testamento à generosidade da mãe e atriz, peça fundamental de um cinema tão familiar, feito por amigos, namorados, irmãos, mães dos atores e produtores. A intimidade e o cuidado entre essas pessoas são comoventes.

Coroadado pela excelente trilha sonora, o drama ainda traz a sensação agri-doce de que o tempo amarga os relacionamentos, sejam eles de amizade ou amor romântico. Mesmo assim, acredita numa resistência silenciosa, uma união entre essa gente que “vai levando” apesar das dificuldades. O social se mistura com o íntimo de modo orgânico. O diretor possui o talento imenso, e raro, para construir relações e espaços com tamanha naturalidade. Mesmo os quintais comuns são retratados com riqueza de enquadramentos, de escolha das lentes, de paleta de cores (a variação de tons azuis). **Temporada** revela um artesanato rebuscado e um amor maior que o mundo pelas pessoas e pelas cidades onde vivem.

Filme visto no 51º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em setembro de 2018.

Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-266190/criticas-adorocinema/>,
acesso em 12 de maio de 2019.

1) No texto I e no texto II, você observou a presença de título?

2) Quem são os autores das duas resenhas que você acabou de ler?

3) Os trechos a seguir foram retirados dos dois textos que você acabou de ler. Enumere-os de acordo com os elementos abaixo.

- (1) Contextualização sobre o filme
- (2) Descrição de cenas do filme
- (3) Opinião do autor da resenha sobre o filme
- (4) Pequeno resumo sobre o filme
- (5) Falas de outras pessoas

Comentar com os alunos que estas atividades têm como objetivo ajudá-los a compreender melhor a organização textual e discursiva do gênero resenha crítica de filme.

() Releituras de clássicos infantis foram moda há alguns anos, seja oferecendo novas abordagens por diversos pontos de vista, seja investigando o que acontece após o “felizes para sempre”.

() E Juliana tem que tomar aceitar sim, porque ela faz questão: "Saco vazio não para em pé". Este carinho imenso faz da cena um testemunho à generosidade da mãe e atriz, peça fundamental de um cinema tão familiar, feito por amigos, namorados, irmãos, mães dos atores e produtores. A intimidade e o cuidado entre essas pessoas são comoventes.

() Oliveira é exímio cronista, capaz de incorporar num roteiro traços comuns do cotidiano que passam despercebidos à maioria dos roteiristas. Seus diálogos são pérolas de informalidade combinada com gírias, provérbios, num linguajar ao mesmo tempo chulo e carinhoso.

() Hélio (Hélio Ricardo) e Juliana (Grace Passô) se sentam à beira de um laguinho sujo, num gramado pouco convidativo. Eles falam sobre suas vidas repetitivas, sem perspectivas de melhora.

() Para começar, a protagonista aqui não é exatamente a mocinha maltratada pela madrasta e pelas irmãs, mas sim um ratinho educado, simpático, que arrasa na dança, solidário, guerreiro e fofo. Junto com dois amigos ele orbita ao redor de Cinderela, que faz o que pode para alimentá-los e defendê-los da fúria da família.

Pedir que os alunos continuem em duplas e que comparem as respostas que deram nos exercícios 1, 2 e 3. Em seguida, pedir que, juntos, eles façam a atividade abaixo sobre a diferença entre uma sequência expositiva e uma sequência argumentativa.



- 4) Observe atentamente as duas definições a seguir. Em seguida, classifique cada uma das partes do **texto II** apresentadas no quadro, de acordo com o tipo de sequência que ele apresenta.

Sequência expositiva – apresentam-se apenas informações sobre o objeto em análise, a partir da descrição e enumeração de características.

Sequência argumentativa – apresentam-se posicionamentos favoráveis ou contra em relação a algum objeto ou ponto de vista. É formada por suposições, exemplificações, comparações, deduções e opiniões pessoais sobre algo.

Partes do texto	Tipo de sequência
Hélio (Hélio Ricardo) e Juliana (Grace Passô) se sentam à beira de um laguinho sujo, num gramado pouco convidativo. Eles falam sobre suas vidas repetitivas, sem perspectivas de melhora.	
Retomando a sensibilidade ímpar demonstrada em <i>Ela Volta na Quinta</i> (2014) e em diversos curtas-metragens, o diretor e a produtora Filme de Plástico voltam a observar o cotidiano da classe média sem miserabilismo nem idealização.	
Coroadado pela excelente trilha sonora, o drama ainda traz a sensação agri-doce de que o tempo amarga os relacionamentos, sejam eles de amizade ou amor romântico. Mesmo assim, acredita numa resistência silenciosa, uma união entre essa gente que “vai levando” apesar das dificuldades.	
...Grace Passô tem uma atuação excepcional porque esvaziada dos cacoetes técnicos, além de ser isenta de vaidades: o despojamento nos corpos e nas falas é excepcional. Russo Apr, no papel do colega de trabalho e principal coadjuvante, contribui ao jogo cênico com um humor afiado.	

5) Observe que os parágrafos abaixo pertencem ao **texto I** e estão fora de ordem. Enumere-os de acordo com a sequência lógica a seguir.

- (1) Contextualização, ou seja, apresentação de características do filme
- (2) Apresentação de cenas e opiniões positivas ou negativas sobre o filme
- (3) Finalização do texto com um pequeno resumo, seguido de uma recomendação.

() Um antagonista batizado Olaf soa como alfinetada em Frozen, mas o fato da produtora Gold Valley Films ser tão limitada em termos artísticos faz a referência resultar tão ridícula quanto o gato que mais parece uma pantera negra ou todo o imbróglgio a respeito do anel mágico. Com decepcionante final aberto que não resolve muita coisa, direcionando o público praticamente de forma obrigatória à uma (pouco provável) sequência, Cinderela e o Príncipe Secreto tem uma única canção-tema nada memorável e encontra-se perdido entre o modelo clássico de animação exclusivamente para crianças e o desejo de renovação do formato, desprovido de capacidade técnica ou inventividade criativa que o torne justificável. É um caça-níquel de má qualidade.

() Releituras de clássicos infantis foram moda há alguns anos, seja oferecendo novas abordagens por diversos pontos de vista, seja investigando o que acontece após o “felizes para sempre”. A febre dos live-actions (alô, dona Disney!) veio para superar essa onda, mas Cinderela e o Príncipe Secreto anda algumas casas para trás para mostrar que ainda existem inúmeras transgressões possíveis se tratando de contos de fadas.

() Para começar, a protagonista aqui não é exatamente a mocinha maltratada pela madrasta e pelas irmãs, mas sim um ratinho educado, simpático, que arrasa na dança, solidário, guerreiro e fofo. Junto com dois amigos ele orbita ao redor de Cinderela, que faz o que pode para alimentá-los e defendê-los da fúria da família. É por eles que ela decide ir ao grande baile do reino e através deles que entra em contato com a fada madrinha - na verdade uma aprendiz - capaz de ajudá-la na empreitada. A partir de então as coisas tomam um rumo até bastante previsível, mas bem distante da trama popularmente conhecida, honrando o anúncio de uma história “muito diferente” feito pelo ratinho narrador no início da aventura.

() Cinderela e o Príncipe Secreto propõe uma subversão bacana, meio A Bela e a Fera adocicada, que coloca a mocinha num lugar mais ativo em termos de ação e passa mensagem

de altruísmo e autossacrifício, porém é das obras mais mal feitas entre as animações que chegaram aos cinemas brasileiros recentemente. O longa-metragem dirigido por Lynne Southerland (Mulan 2) tem finalização porca, formas que parecem dos primórdios da computação gráfica e arco dramático bem bobo - o que é até menos grave, afinal é destinado às crianças bem pequenas, que ainda se impressionam com movimentos brilhantes na tela e acham muita graça de flatulência. Justamente por conta desse público-alvo, é lamentável que frutas revelem-se sempre traiçoeiras no filme, que também contradiz sua proposta supostamente progressista investindo em piadas arcaicas envolvendo papéis de gênero e homoerotismo.

- 6) Veja a seguir alguns tipos de argumentos que podemos utilizar quando produzimos um texto argumentativo, como é o caso da resenha crítica de filme.

- 1) Realiza uma declaração sobre as características de alguma coisa, sejam elas positivas ou negativas.
- 2) Trata da aproximação entre dois elementos iguais ou distintos expondo suas características.
- 3) Usa a causa de algum fenômeno, utilizando de um encadeamento de fatos que produzem um determinado efeito.
- 4) Utiliza da fala de alguém, baseando-se na autoridade desta pessoa e em seu conhecimento especializado, para fazer com que o interlocutor seja convencido sobre o ponto de vista defendido.
- 5) Apresenta um exemplo geral que serve para ilustrar casos particulares da mesma natureza.

Agora, enumere os tipos de argumentos abaixo, de acordo com as definições que você leu acima.

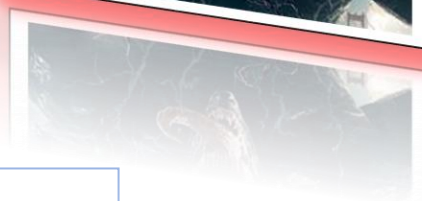
- () Autoridade
- () Causa e consequência
- () Comparação
- () Exemplificação
- (1) Definição

Classifique os argumentos do quadro seguinte, de acordo com os tipos de argumentos que você aprendeu.

Argumento	Tipo de argumento
Para o diretor, as ruas dos bairros, os muros descascados, os tetos das casas com suas caixas d'água e as ruas sinuosas dos locais mal iluminados, tudo isso é paisagem, tudo é belo e digno de ser retratado no cinema.	
Oliveira é exímio cronista, capaz de incorporar num roteiro traços comuns do cotidiano que passam despercebidos à maioria dos roteiristas.	
Existe muito mais a ver em cada imagem do que os protagonistas: há sempre o fundo das casas, das ruas, dos postes, indissociáveis à existência de Juliana e dos colegas do centro de combate a endemias da prefeitura de Contagem.	
No papel principal, Grace Passô tem uma atuação excepcional porque esvaziada dos cacoetes técnicos, além de ser isenta de vaidades: o despojamento nos corpos e nas falas é excepcional.	

- 7) A partir das análises que fizemos sobre as duas resenhas críticas de filme que lemos neste módulo e dos tipos de argumentos que estudamos, redija um parágrafo definindo o que é argumentar e quando e para quê escrevemos uma resenha crítica de filme.

MÓDULO IV – ASPECTOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS DO GÊNERO



Neste módulo vamos realizar as seguintes atividades:

- Ler uma resenha crítica sobre o filme “Venom”;
- Reconhecer a importância dos tempos verbais para a construção do sentido do texto;
- Reconhecer e utilizar conectores textuais para a construção da argumentação;
- Reconhecer e usar os substantivos e os adjetivos no texto;
- Identificar elementos da fala na escrita e diferenciá-los.

A última resenha que iremos ler nesta sequência de atividades também foi retirada do site www.adorocinema.com.br. Leia atentamente o texto para responder às questões a seguir.

ADOROCINEMA

Procurar por um filme, uma série, uma personalidade...

Q

Ex.: Climax, Marighella, O Grito, Dumbo, Eduardo e Mônica

FILMES

PROGRAMAÇÃO

TRAILER

NOTÍCIAS

SÉRIES

FILMES ONLINE

MEU ADOROCINEMA

Em cartaz

Em breve

Críticas AdoroCinema

Bilheterias

Melhores filmes

Inicial > Filmes em cartaz > Todos os filmes > Filmes de Ficção científica > Venom > Venom críticas > Crítica de AdoroCinema para Venom: Planeta dos simbiosites

VENOM

🏠

Videos

Créditos

Críticas dos usuários

Críticas da imprensa

Críticas do AdoroCinema

Fotos

Filmes Online

+

CRÍTICAS ADOROCINEMA

SIGA O ADOROCINEMA

1,5

★ ★ ★ ★ ★

Ruim

Venom

Planeta dos simbiosites

por Francisco Russo

Ao assistir *Venom*, tenha algo muito claro em mente: este é um produto comercial escancarado, mais interessado em explorar a popularidade do personagem-título do que propriamente em desenvolver uma história convincente. Algo até mesmo esperado, ao analisar os bastidores do longa-metragem.

para transformá-los em rentáveis aventuras divertidas ao grande público, a Sony fechou um histórico acordo que pôs o Cabeça de Teia, agora interpretado por *Tom Holland*, no Universo Cinematográfico Marvel. Apesar disto, toda a conjuntura de vilões e coadjuvantes continua sob o guarda-chuva da Sony, que, de olho em lucros maiores, decidiu estabelecer seu próprio universo em torno do Homem-Aranha. Com um detalhe crucial: sem poder usar o Homem-Aranha, preso ao tal acordo de cinco filmes com a Marvel.

Daí nasce o filme-solo do Venom, cuja origem obviamente teve que ser alterada para desligá-lo por completo de seu antagonista dos quadrinhos. Sem uniforme negro nem Guerras Secretas - impossível de ser adaptada nas telonas, diga-se de passagem -, a origem do simbionte é apresentada em poucos minutos, a partir do pouso forçado de uma espaçonave exploratória. Com o ser desconhecido descontrolado, o que inevitavelmente resulta em uma chacina de astronautas, tem início a saga do simbionte em solo terrestre, em busca do hospedeiro ideal, atuando em duas frentes distintas: um foragido, em plena Malásia Central, e os outros trancafiados em laboratório, sujeitos a todo tipo de experiência científica. Sim, foi isso mesmo que você leu: há vários simbiontes neste filme.

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS

Elenco: Octavia Spencer, Diana Silvers, Juliette Lewis

Trailer

Codzilla II: Rei dos Monstros

★ ★ ★ ★ ★ 3,0

Diretor: Michael Dougherty

Elenco: Kyle Chandler, Vera Farmiga, Millie Bobby Brown

Trailer

The Perfection

★ ★ ★ ★ ★ 3,5

Diretor: Richard Shepard

Elenco: Allison Williams, Logan Browning, Alaina Huffman

Trailer

Críticas adorocinema

Venom

Planeta dos simbiosites

por Francisco Russo

Ao assistir *Venom*, tenha algo muito claro em mente: este é um produto comercial escancarado, mais interessado em explorar a popularidade do personagem-título do que propriamente em desenvolver uma história convincente. Algo até mesmo esperado, ao analisar os bastidores do longa-metragem.

Com os direitos do universo do Homem-Aranha em mãos, mas sem a necessária competência para transformá-los em rentáveis aventuras divertidas ao grande público, a Sony fechou um histórico acordo que pôs o Cabeça de Teia, agora interpretado por Tom Holland, no Universo Cinematográfico Marvel. Apesar disto, toda a conjuntura de vilões e coadjuvantes continua sob o guarda-chuva da Sony, que, de olho em lucros maiores, decidiu estabelecer seu próprio universo em torno do Homem-Aranha. Com um detalhe crucial: sem poder usar o Homem-Aranha, preso ao tal acordo de cinco filmes com a Marvel.

Daí nasce o filme-solo do Venom, cuja origem obviamente teve que ser alterada para desligá-lo por completo de seu antagonista dos quadrinhos. Sem uniforme negro nem Guerras Secretas - impossível de ser adaptada nas telonas, diga-se de passagem -, a origem do simbionte é apresentada em poucos minutos, a partir do pouso forçado de uma espaçonave exploratória. Com o ser desconhecido descontrolado, o que inevitavelmente resulta em uma chacina de astronautas, tem início a saga do simbionte em solo terrestre, em busca do hospedeiro ideal, atuando em duas frentes distintas: um foragido, em plena Malásia Central, e os outros trancafiados em laboratório, sujeitos a todo tipo de experiência científica. Sim, foi isso mesmo que você leu: há vários simbiontes neste filme.



Por mais que traga alterações substanciais, a origem dos simbiontes é até aceitável. O problema é a sucessão de "explicações científicas" absolutamente furadas, pelo próprio roteiro: primeiro é dito que ele apenas sobrevive em um hospedeiro que consuma oxigênio, logo em seguida tal condição é esquecida; o simbionte consome os órgãos internos de seus hóspedes, mas com Eddie Brock tal condição torna-se ameaça controlável; a dificuldade em encontrar a simbiose perfeita em laboratório é absolutamente corriqueira mundo afora, seja nas desventuras asiáticas de um deles ou mesmo nas transições de Venom quando esta longe de Eddie Brock. Ou seja, coerência zero.

Entretanto, esta questão está longe de ser o maior dos problemas de *Venom*. Com ares de filme *trash* e uma narrativa absolutamente esquemática, o filme o tempo todo transita entre a violência milimetricamente calculada - leia-se, sem sangue - com absurdos irônicos sem qualquer humor, entremeados por cenas de ação estreladas pelo personagem central onde reinam efeitos especiais questionáveis. Por mais que a dualidade entre Eddie Brock e Venom seja interessante no necessário duelo pelo controle do hospedeiro, muito por causa da capacidade de Tom Hardy em compor personagens introspectivos, a própria construção de Brock é apresentada sem inspiração, se valendo de diálogos bobos em situações óbvias, envolvendo um certo idealismo jornalístico. Pior ainda é Michelle Williams, absolutamente desperdiçada em cena.



Em meio a tantos defeitos conceituais, *Venom* ainda derrapa feio na condução da narrativa. Se a opção por apresentar vários simbiontes serve na concepção da origem do alienígena, este subterfúgio resulta também em uma série de decisões equivocadas de roteiro, seja na criação de um vilão a ser enfrentado ou mesmo nas motivações do simbionte conectado a Eddie Brock. Pífio.

Com tantos problemas, *Venom* somente atende ao desejo comercial da Sony em explorar seu personagem-título, de alguma forma. Trata-se de um mero produto comercial, sem qualquer compromisso com qualidade, que deseja apenas faturar em cima da atual onda de super-heróis e da própria popularidade de seu anti-herói, advinda dos quadrinhos. Se após a sessão ainda houver alguma dúvida sobre isto, basta aguardar a cena pós-créditos, das mais picaretas (e comerciais) já feitas na história do cinema - ironicamente, também muito melhor que o filme em si. Mas isto, no fim das contas, não é um grande mérito.

Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-138473/criticas-adorocinema/>,
acesso em 12 de maio de 2019.

- 1) Observe o trecho abaixo, retirado do texto que acabamos de ler.

Ao assistir Venom, tenha algo muito claro em mente: este é um produto comercial escancarado, mais interessado em explorar a popularidade do personagem-título do que propriamente em desenvolver uma história convincente.

Este trecho está escrito de acordo com a **norma-padrão**? Explique.

- 2) Observe os enunciados abaixo e classifique se as formas verbais em destaque estão no **pretérito** (passado) ou no **presente**.

- a) “...toda a conjuntura de vilões e coadjuvantes **continua** sob o guarda-chuva da Sony...”
-

- b) “Daí **nasce** o filme-solo do Venom...”

As atividades deste módulo podem ser realizadas em duplas, para que os alunos possam comparar as respostas uns com os outros e ampliar a discussão sobre o assunto.

- c) “...a Sony **fechou** um histórico acordo que pôs o Cabeça de Teia...”
-

- d) “...Venom ainda **derrapa** feio na condução da narrativa...”
-

- 3) Em vista do que você observou no exercício 2, podemos dizer que as formas verbais predominantes na resenha crítica sobre o filme “Venom” aparecem mais no presente ou no passado?
-

- 4) Que efeito de sentido o uso dessas formas verbais cria em relação ao texto lido?
-

- 5) Algumas palavras ou expressões da nossa língua desempenham o papel de conectores textuais, exercendo algumas funções nos textos que produzimos. Observe os enunciados abaixo, retirados da resenha sobre o filme “Venom, e tente classificar os conectores em destaque, de acordo com a função exercida por eles naquele trecho.

(A) Com os direitos do universo do Homem-Aranha em mãos, **mas** sem a necessária competência para transformá-los em rentáveis aventuras divertidas ao grande público

(B) Com ares de filme *trash* **e** uma narrativa absolutamente esquemática...

(C) **Se** após a sessão ainda houver alguma dúvida sobre isto...

(D) a dificuldade em encontrar a simbiose perfeita em laboratório é **absolutamente** corriqueira mundo afora

(E) Com o ser desconhecido descontrolado, **o que** inevitavelmente resulta em uma chacina de astronautas...

(F) Mas isto, **no fim** das contas, não é um grande mérito.

() Oposição

() Adição

(**C**) Condição

() Causa e consequência

() Conclusão

() Certeza

Explicar aos alunos que existem outras funções que podem ser desempenhadas pelos conectores e que, caso eles queiram, o professor pode disponibilizar uma lista com essas funções como material complementar.

- 6) A partir do que você observou na atividade 5, para que você acha que servem os conectores textuais?
- a) Separar orações muito extensas.
 - b) Indicar uma ação expressa em um enunciado.
 - c) Unir frases, estabelecendo coesão e sentido.
 - d) Caracterizar um elemento específico na frase.
- 7) Nos enunciados abaixo observe os termos em destaque e marque (N) para aqueles que servem para nomear as coisas e (A) para aqueles que estão atribuindo características a alguma coisa.
- a) () Por mais que traga alterações **substanciais**...
 - b) () ...a origem dos simbiosistas é até **aceitável**.
 - c) () O **problema** é a sucessão de “explicações científicas”...
 - d) () ...primeiro é dito que ele apenas sobrevive em um **hospedeiro**...
 - e) () ...logo em seguida, tal condição é **esquecida**...
 - f) () ...a dificuldade em encontrar a simbiose **perfeita**...
- 8) Quais palavras do texto chamaram mais a sua atenção em relação ao filme? Pela caracterização e opinião do autor da resenha, você assistiria ao filme? Justifique.

- 9) No trecho abaixo foram retirados os substantivos e os adjetivos. Preencha os espaços em branco com as palavras dos dois quadros



Em meio a tantos defeitos conceituais, **Venom** ainda derrapa feio na condução da narrativa. Se a opção por apresentar vários simbiotes serve na concepção da origem do alienígena, este subterfúgio resulta também em uma série de decisões equivocadas de roteiro, seja na criação de um vilão a ser enfrentado ou mesmo nas motivações do simbiote conectado a Eddie Brock. Pífio.

Adjetivos

horrível erradas pontuais

Substantivos

história elaboração surgimento

“Em meio a tantos defeitos _____, Venom ainda derrapa _____ na condução da _____. Se a opção por apresentar vários simbiotes serve na concepção da _____ do alienígena, este subterfúgio resulta também em uma série de decisões _____ de roteiro, seja na _____ de um vilão a ser enfrentado ou mesmo nas motivações do simbiote conectado a Eddie Brock. Pífio.”

- 10) Agora, veja se as palavras que você utilizou para preencher os espaços em branco apresentam o mesmo valor que as palavras utilizadas pelo autor da resenha. Se fosse feita essa alteração das palavras, o sentido deste trecho do texto continuaria o mesmo? Justifique.

- 11) A seguir, marque qual das funções abaixo corresponde ao uso dos adjetivos e qual correspondem ao uso dos substantivos.

- (A) Adjetivo
(S) Substantivo

O professor pode aproveitar esta atividade para construir juntos com os alunos, a partir de exemplos dos textos, a classificação dos substantivos e dos adjetivos.

- () Tem como finalidade nomear seres, objetos, ações, lugares etc.
() Serve para caracterizar seres, objetos, lugares, atribuindo defeitos ou qualidades.

- 12) Em qual dos dois textos podemos observar algumas palavras que se aproximam da maneira como falamos? Em seguida, identifique essas palavras.

Trecho I

Em meio a tantos defeitos conceituais, Venom ainda derrapa feio na condução da narrativa. Se a opção por apresentar vários simbiosites na concepção da origem do alienígena, este subterfúgio resulta também em uma série de decisões equivocadas de roteiro, seja na criação de um vilão a ser enfrentado ou mesmo nas motivações do simbiote conectado a Eddie Brock.

Texto II

Em meio a tantos defeitos conceituais, Venom ainda derrapa feio na condução da narrativa. Se a opção por apresentar vários simbiontes na concepção da origem do alienígena, este subterfúgio resulta também numa série de decisões equivocadas de roteiro, seja na criação de um vilão a ser enfrentado ou mesmo nas motivações do simbionti conectado a Eddie Brock.

-
-
-
-
- 13) Reveja a sua resposta no exercício 1 deste módulo e responda. Em uma resenha crítica de filme, por que não podemos escrever palavras ou utilizar expressões que se aproximem da oralidade?

-
-
-
- 14) A seguir, marque as opções que correspondem aos aspectos linguísticos que estão presentes em uma resenha crítica de filme.

Aspectos linguísticos em uma resenha crítica de filme			
Verbos predominantemente no presente		Uso de expressões orais	
Predominância de verbos no pretérito		Ausência de adjetivos	
Ausência de conectores textuais		Uso de adjetivos	
Verbos em 3ª pessoa		Presença de conectores textuais	
Palavras que indicam ordem		Uso da norma-padrão	
Presença de substantivos			

PRODUÇÃO FINAL



Nesta etapa, vamos realizar as seguintes atividades:

- Avaliar uma resenha crítica de filme;
- Produzir uma resenha crítica de filme;
- Organizar uma mostra de cinema na cidade;
- Utilizar as resenhar produzidas para divulgar os filmes que serão exibidos na mostra de cinema.

Leia a resenha crítica de filme abaixo e, em seguida, preencha a ficha de avaliação. Após, vamos discutir com a turma como estão organizados os aspectos discursivos e linguísticos deste texto, assim como o seu contexto de produção.



[cuidado com possíveis spoilers!]

Vingadores: Ultimato funciona em dois níveis. O mais imediato e esperado, culminação de 11 anos de um **Universo Marvel** cimentado no serviço ao fã, é o da autocelebração. São três horas de uma variedade ininterrupta de reminiscências de filmes antigos, participações especiais, *easter eggs*, *fan services*, resoluções de arco e o que chamaremos aqui de Momentos PQP pensados para recompensar o investimento emocional de um público cativo que ao longo dos anos deparou com filmes de qualidades díspares, dos perenes aos mais episódicos. Nesse nível, **Ultimato** funciona acima de qualquer expectativa: não só entrega uma experiência catártica maior que *Guerra Infinita* como ainda firma posições definitivas em relação aos destinos do MCU.

Vingadores Ultimato

Marvel celebra sua jornada no cinema reafirmando todo o mito dos super-heróis americanos - cuidado com possíveis spoilers!

MARCELO HESSEL 23.04.2019 19H00 ATUALIZADA EM 24.04.2019 18H52

[cuidado com possíveis spoilers!]

Vingadores: Ultimato funciona em dois níveis. O mais imediato e esperado, culminação de 11 anos de um **Universo Marvel** cimentado no serviço ao fã, é o da autocelebração. São três horas de uma variedade ininterrupta de reminiscências de filmes antigos, participações especiais, *easter eggs*, *fan services*, resoluções de arco e o que chamaremos aqui de Momentos PQP pensados para recompensar o investimento emocional de um público cativo que ao longo dos anos deparou com filmes de qualidades díspares, dos perenes aos mais episódicos. Nesse nível, **Ultimato** funciona acima de qualquer expectativa: não só entrega uma experiência catártica maior que *Guerra Infinita* como ainda firma posições definitivas em relação aos destinos do MCU.

É curioso que a estreia aconteça paralelamente à exibição da última temporada de *Game of Thrones*, porque são dois casos em que a entrega final de um serviço ao fã, depois de anos de desenvolvimento de personagens, envolve um caráter acima de tudo funcional. Sabemos quem são esses heróis, quais são suas questões não resolvidas, então o que falta contar além do desfecho? Como dar ao público o que ele espera sem que isso soe como uma coisa burocrática? GoT está pensando para lidar com essa questão. Já **Joe e Anthony Russo** fazem um filme que tinha tudo para parecer mais um capítulo final de novela, mas os realizadores se blindam dessa armadilha, primeiro, ao montar um roteiro de ação sem respiros, enxutíssimo apesar da metragem, e segundo, ao DOBRAR a aposta que a Marvel já faz sobre o caráter autoconsciente de seus filmes e personagens.

Sabemos como é: nos filmes da Marvel os super-heróis brincam entre si com piadas sobre ser super-heróis; a autoconsciência é um elemento central do *blockbuster* desta era do consumo irônico, um antídoto cômico para filmes sobre *action figures* que se prestam à descartabilidade sem se levar a sério demais. O que os Russo fazem em *Ultimato*? Transformam a autoconsciência em ponto de virada de trama. Se antes o Capitão América tinha uma certa autoconsciência de sua condição (daí a piada com a campanha de guerra e o uniforme de pano de O Primeiro Vingador, por exemplo), agora isso fica inscrito no próprio desenrolar da ação: se o Capitão encontrar sua versão do passado, só lhe restará comentar sua própria condição e enfrentá-la.

Seu futuro depende da autoconsciência.

(Evidentemente *Ultimato* bebe demais da fonte de *De Volta para o Futuro* nesse caso. Inclusive - afinal na pós-ironia isso precisa ser sublinhado - a trilogia é mencionada literalmente, ao lado de outros filmes de viagem no tempo.)

E há o segundo nível: não se trata somente da festa da própria Marvel, mas também da celebração do mito dos super-heróis como uma coisa essencialmente americana. Mais profundo e insidioso, o americanismo abre e fecha o filme (no começo, uma fazenda, um almoço com hot dogs em família; no fim, o zoom-in de uma casa de subúrbio ao som de um standard de jazz). Há uma variedade de elementos que demarcam esse nível, da escolha das canções (até nos limites do universo se escuta folk rock) aos cenários (vemos o impacto do estalo de Thanos basicamente em duas metrópoles dos lados opostos dos EUA).

Os elementos principais do americanismo, porém, são os dois temas que estão no enunciado do filme: o do retorno para casa e o da segunda chance. Dos temas tratados no cinema hollywoodiano desde a Era dos Estúdios, nenhum é tão presente quanto esses dois. A questão da segunda chance é evidente: os Vingadores foram derrotados por Thanos, agora buscam vingança; Capitão América e Homem de Ferro tretaram, agora procuram reconciliação. Já o tema da volta pra casa se consoma de formas variadas a partir da premissa que envolve viagem no tempo. Nessa combinação, a autocelebração do MCU soa mais profunda e ideologizada neste filme, e também mais emocional. Se *Guerra Infinita* levava ao paroxismo o jeito Marvel de fazer blockbuster, *Ultimato* é a consagração do ideal americano nesse imaginário do pop do século 21, dominado pelo cinema de super-heróis.

Kevin Feige, Joe e Anthony Russo e os demais nomes que fazem a Marvel do cinema hoje atrás das câmeras vieram de uma geração desesperançada, nascida nos anos 1970, mas os ideais que *Ultimato* carrega consigo são aqueles dos Baby Boomers: a geração anterior, dos filhos nascidos no Pós-Guerra, quando o otimismo político e a bonança econômica permitiram uma explosão demográfica nos EUA. São os anos dos quadrinhos de super-herói como retrato dos ideais americanos - e principalmente os anos que Steve Rogers perdeu congelado na ficção. O núcleo familiar tradicional - de filhos bem alimentados, mães zelosas e pais trabalhadores - está no cerne desse ideário, e se *Vingadores: Ultimato* é uma celebração do mito dos super-heróis americanos do Pós-Guerra, então faz todo o sentido que seja também uma celebração da família.

A rainha asgardiana que passa a mão sobre a cabeça do filho. Uma impensada regente estabelecendo uma nova estrutura de matriarcado. O homem de negócios prestes a ser pai que se vê preocupado por ser workaholic demais. O símbolo do sacrifício pessoal que pensa duas vezes diante da chance de criar um laço familiar. As irmãs de uma família disfuncional que rediscutem suas funções. Tem pra todo mundo em *Ultimato*; o MCU tem tantos personagens, ademais, que não fica difícil encontrar um padrão nas subtramas. É fato, porém, que nesse grande capítulo final de novela, feito de acertos de contas, a questão da família é fundamental. Não por acaso, uma das despedidas mais sentidas ao longo do filme envolve um personagem cuja essência é a inviabilidade do laço de sangue. Tem pra todo mundo em *Ultimato*, sim, mas nem todo mundo pode constituir no fim uma família "tradicional".

Discute-se muito nesta era de incertezas se o papel dos vigilantes na cultura pop, por natureza um papel conservador, se prestaria politicamente a reafirmar esse conservadorismo hoje em dia. A Marvel inclusive sabe trabalhar essa questão em filmes que estão oxigenando o gênero, como *Pantera Negra*. É possível que muito se discuta ainda sobre *Ultimato* nesse sentido, mas à primeira vista temos aqui, principalmente, uma pregação para convertidos. Um filme de serviço. Os leitores mais velhos são atendidos, e os mais novos também. Cita-se desde *Guerras Secretas* (Hulk, escombros) até *Império Secreto* (um dos Momentos PQP). Até os fãs da Marvel na TV são contemplados. E nenhum momento deixa tão claro isso quanto o instante em que o Capitão América sussura uma palavra no clímax. Ele sussurra, ao invés de gritar, porque autoconscientemente não está falando para outros personagens em batalha, e sim para cada um de nós aqui do lado de fora.

Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/vingadores-ultimato>, acesso em 30 de maio de 2019.

FICHA DE AVALIAÇÃO

Características do gênero resenha crítica de filme	Respostas
Qual foi o filme indicado pela resenha?	
Qual é o título do texto?	
O nome do autor da resenha foi apresentado no início ou no final do texto?	
Quantas informações o texto traz sobre o filme?	
O texto apresenta a descrição de cenas do filme?	() sim () não
Há palavras para caracterizar elementos do filme?	() sim () não
Que tipo de argumentos você observou no texto?	() argumentos de definição () argumentos de exemplificação () argumentos por comparação () argumentos de causa e consequência () argumentos de autoridade
A maior parte dos verbos do texto estão em qual tempo?	() Pretérito () Presente () Futuro
Enumere de 1 a 3 a sequência lógica do texto.	() Contextualização, ou seja, apresentação de características do filme. () Apresentação de cenas e opiniões positivas ou negativas sobre o filme () Finalização do texto com um pequeno resumo, seguido de uma recomendação.
A resenha lida convenceu você a assistir ao filme? Justifique.	

A partir de agora, você é um(a) crítico(a) de filme e foi convidado(a) a escrever uma resenha sobre um dos filmes que fará parte da mostra de cinema que organizaremos no segundo semestre. Lembre-se de que o seu texto será publicado no site “Varginha On line”, na seção entretenimento, a fim de convidar as pessoas para assistir ao filme que você está avaliando.

Comentar com os alunos que a ficha de avaliação serve para conferir se o texto atende ao que foi solicitado, e pedir que os alunos entreguem a ficha junto com o texto.

[illegible]

Agora, utilize a mesma ficha de avaliação para conferir se o seu texto atende às características de uma resenha crítica de filme.

FICHA DE AVALIAÇÃO

Características do gênero resenha crítica de filme	Respostas
Qual filme você indicou no seu texto?	
Qual é o título do seu texto?	
Seu nome foi apresentado no início ou no final do texto?	
Você selecionou quantas informações sobre o texto?	
Seu texto apresenta a descrição de cenas do filme?	() sim () não
Você utilizou palavras para caracterizar elementos do filme?	() sim () não
Que tipo de argumentos você utilizou no seu texto?	☐ argumentos de definição ☐ argumentos de exemplificação ☐ argumentos por comparação ☐ argumentos de causa e consequência ☐ argumentos de autoridade
A maior parte dos verbos do seu texto estão em qual tempo?	☐ Pretérito ☐ Presente ☐ Futuro
Enumere de 1 a 3 a sequência lógica do seu texto.	☐ Contextualização, ou seja, apresentação de características do filme. ☐ Apresentação de cenas e opiniões positivas ou negativas sobre o filme ☐ Finalização do texto com um pequeno resumo, seguido de uma recomendação.
Qual nota você daria para o filme que você está indicando?	

Capítulo IV - Análise dos dados

Neste capítulo, apresentaremos a análise dos resultados alcançados com este estudo, pautado nos métodos da pesquisa-intervenção, de acordo com os pressupostos de Damiani *et. al.* (2013) e Chizzotti (2003). Os dados ora apresentados mostram o desenvolvimento de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental em três capacidades de linguagem propostas por Dolz e Schneuwly (2004), a partir da aplicação de uma sequência didática para o gênero resenha crítica de filme, elaborada sob os postulados teórico-metodológicos do interacionismo sócio-discursivo, propostos por Bronckart (2007), a fim de comparar as produções de textos (iniciais e finais) realizadas por esses estudantes.

Dessa forma, buscaremos responder às seguintes perguntas de pesquisa: a) Quais são as estratégias da argumentação associadas ao gênero resenha crítica de filme?; b) Há diferenças entre as produções iniciais e produções finais dos alunos em relação a esse gênero? Quais?; c) Uma sequência didática para o gênero resenha crítica de filme ajudaria a eliminar possíveis marcas orais encontradas nas produções textuais dos alunos e ampliaria o conhecimento deles sobre o uso da argumentação?

De todos os alunos participantes desta pesquisa, selecionamos os textos de três estudantes, os quais participaram de todas as atividades da sequência didática e concluíram a produção inicial e final, conforme a proposta elaborada pelo material oferecido. Após a seleção do *corpus*, observamos o desenvolvimento das capacidades de linguagem comparando as produções iniciais e finais, baseando-nos em um modelo didático de gênero, de acordo com os estudos de Machado e Cristóvão (2006) e de Pietro (2003), assim como nas dimensões ensináveis do gênero que escolhemos para trabalhar na sequência didática.

Desse modo, para analisar as produções iniciais e finais de cada aluno, elaboramos um quadro para facilitar a observação dos textos. Ele vem acompanhado de uma legenda informando se o aluno concluiu totalmente, parcialmente ou se não concluiu aquela operação relacionada ao gênero. Para isso, como mostra a imagem abaixo, a legenda indica, respectivamente: a cor azul representa que o aluno conseguiu realizar aquela operação; a cor verde demonstra que o estudante conseguiu realizar a operação de modo parcial, ao passo que a cor branca mostra que o(a) aluno(a) não conseguiu realizar aquela atividade.

Legenda:  Total  Parcial  Não

O quadro foi desenvolvido com base nas três capacidades de linguagem postuladas por Dolz e Schneuwly (2004) sendo elas: capacidades de ação (contexto de produção do gênero); capacidades discursivas (aspectos discursivos do gênero); e capacidades linguístico-discursivas (aspectos linguístico-discursivos). E, ao associar as dimensões ensináveis da sequência didática ao modelo didático de gênero, o quadro também mostra as habilidades que foram desenvolvidas na SD, de acordo com o MDG, e se esse modelo foi eficaz na orientação da elaboração da sequência didática, e consequente consolidação das capacidades de linguagem pelos estudantes, após a aplicação do material.

A imagem abaixo ilustra o quadro que foi utilizado para auxiliar na descrição do desenvolvimento dos estudantes em relação a essas capacidades de linguagem.

Quadro 2 – Modelo do quadro elaborado para a realização das análises

Capacidades de linguagem	Modelo Didático e dimensões ensináveis (SD)		Estudante 1		Estudante 2		Estudante 3	
			PI	PF	PI	PF	PI	PF
Capacidade de ação	Modelo didático de gênero							
	Dimensões ensináveis (SD)							

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2019.

A seguir, passamos a apresentação das produções iniciais e finais dos estudantes para, então, iniciarmos a análise dos resultados alcançados em cada uma das capacidades, de acordo com os quadros elaborados para esta finalidade. Decidimos por apresentar a versão digitalizada dos textos (PI e PF) de cada aluno (a), seguida da transcrição, antes de iniciarmos a análise, e de trechos digitalizados, seguidos da respectiva transcrição, no decorrer da análise, a fim de facilitar a compreensão dos dados apresentados.

4.1 Textos selecionados para análise e transcrições

Figura 4 – Produção inicial do aluno Matheus P.

Após termos assistido ao filme "A múmia", você irá produzir uma resenha crítica sobre ele. Imagine que seu texto será divulgado no site www.adorocinema.com.br, um site de crítica de filmes, onde todos poderão ler a sua apreciação. Escolha bem as ideias que irão representar o seu ponto de vista sobre o filme.

A Múmia

Em um antigo país um faraó e ele tinha chamada Ahmanet a princesa, o faraó se casou com uma mulher depois eles tiveram um filho, a esposa da época, mas a princesa Ahmanet não gostou muito e fez um pacto com o deus da morte chamado Set, a princesa ficou vingadora e ela matou o seu pai, sua esposa e seu filho, a princesa estava fazendo um sacrifício para libertar o deus Set, mas os soldados de faraó capturaram a princesa e mataram o escolhido dela e os soldados colocaram ela dentro de uma tumba.

Depois de 5.000 anos no Egito dois homens chamados Nick e Ryle eles causaram uma guerra com os rebeldes Egípcios.

O Nick e Ryle acharam a tumba e onde a Ahmanet estava presa, a Ahmanet foi liberta por Nick e a princesa chamou o Nick de escolhido, para fazer um sacrifício. Mas Nick para salvar o mundo ele pegou a espada e empalou na barriga e mata a Ahmanet.

Transcrição da produção inicial do aluno Matheus P.

A múmia

Em um egíto avia um faraó e ele
Tinha chamada Ahamanet a princesa,
o faraó se casou com uma mulher depois
eles tiveram um filho, o erdeiro do trono,
mas a princesa Ahamanet não gostou muito
e fez um pacto com o deus da morte chama-
do Set, a princesa jurou vingança e el
matou o seu pai, sua esposa e seu filho, a
princesa estava fazendo um sacrifício para
libertar o deus Set, mas os soldados de
faraó capturaram a princesa e mataram
o escolhido dela e os soldados colocaram
ela dentro de uma tumba.

Depois de 5.000 anos no Afeganistão dois
Homens chamados Nick e Fail eles
Causaram uma guerra com os rebeldes
Afegãos.

O Nick e Vail achavam a tumba a
Onde a Ahamnet estava presa, a Ahamanet
foi liberte por Nick e a princesa chamou
o Nick de escolhido, para fazer um
sacrifício. Mas Nick para salvar o mundo
ele pega a adaga e enfia na barriga
e Mata a Ahamanet

Figura 5 – Produção final do aluno Matheus P.

A partir de agora, você é um(a) crítico(a) de filme e foi convidado(a) a escrever uma resenha sobre um dos filmes que fará parte da mostra de cinema que organizaremos no segundo semestre. Lembre-se de que o seu texto será publicado no site "Varginha On line", na seção entretenimento, a fim de convidar as pessoas para assistir ao filme que você está avaliando.

Vingadores Ultimato

Uma nova era
Ao assistir o filme Vingadores Ultimato esse filme expõe bastante ação, emoção, sentimento. Quando assisti ao filme gostei muito, porque não conheço nenhum filme da Marvel que foi ruim quando lançou o primeiro filme dos vingadores até agora não achei nenhum ruim.

Os Vingadores buscam as joias do infinito para mudar o seu destino, quando Thanos destruiu todos os seus vingadores no filme Vingadores Guerra Infinita, e agora os Vingadores buscam vingança para o seu planeta.

Transcrição da produção final do aluno Matheus P.

Vingadores Ultimato

Uma nova era

Matheus Pereira Leite

Ao assistir o filme Vingadores Ultimato esse filme expressa bastante ação, emoção, Sentimento. Quando assisti ao filme gostei muito, porque não conheço nenhum filme da Marvel que foi ruim quando lançou o primeiro filme dos vingadores até agora não achei nenhum ruim.

Os Vingadores buscam as joias do infinito para mudar seu pretérito, quando Tanos destruiu todos os vingadores no filme Vingados Guerra Infinita, e agora os vingadores buscam vingança para o seu planeta.

Figura 6 – Produção inicial da aluna Jeovana

Após termos assistido ao filme "A múmia", você irá produzir uma resenha crítica sobre ele. Imagine que seu texto será divulgado no site www.adorocinema.com.br, um site de crítica de filmes, onde todos poderão ler a sua apreciação. Escolha bem as ideias que irão representar o seu ponto de vista sobre o filme.

Filme a Múmia - resenha crítica

Tom Cruise no filme a múmia interpreta Rick um militar do século que está a procura de uma pirâmide egípcia. O filme é muito bom de uma primeira. Quando Rick está com seu pai, o filho do pai dele tem sua morte. Então ele fica um pouco com a dor do pai que é a dor da morte. Logo depois ele encontra um rapaz que ele estava apaixonado, pois ele queria voltar ele para a dor do pai então ele fica dele.

Tom Cruise está lá no mundo, pois a Rick está com sua morte e ele precisa de algo, pois se ele não fizer isso ele vai morrer e a dor da morte então ele entra em seu corpo e ele sempre uma coisa nele. No final Rick sabe a vida de quem tem a dor e então ele sabe a vida de quem é de vida um vídeo no final. Este filme é muito bom, pois de Tom Cruise que um filme posso ter, depois ~~depois~~ recomendo esse tipo de filme além de ser um filme incrível ele é muito interessante por conter boas histórias e que ele mais vontade de assistir esse tipo de filme. Quando está o filme totalmente maravilhoso e de bom e por isso ganhou um 1º lugar de filme mais top de 2019. Um muito tipo de filme que não contém esse tipo de conteúdo então assista pois é muito bom e interessante.

Transcrição da produção inicial da aluna Jeovana

filme a múmia – resenha crítica

tom Cruise no filme a múmia interpreta Nick um militar do exército que está a procura de produtos comercializados totalmente proibidos. O filme também fala de uma princesa chamada Ahamanet que mata seu pai, o filho do pai dela com sua esposa. E então ela faz um pacto com o deus set que é o deus da morte, logo depois ela tenta matar um rapaz que ela estava apaixonada, pois ela queria matar ele para o deus set entrar no corpo dele.

ton cruise tenta salvar o mundo, pois a Ahmenet está em sua mente e ele precisa detela, pois se ele não fizer isso ela irá mata-lo e o deus da morte então entrará em seu corpo e ele se tornará uma pessoa mal. No final Nick salva a vida de Jane com a pedra ele então salva a vida de Jane, ele vira um vilão no final, Esse filme é muito top, pois ele tem tudo que um filme precisa ter, super recumendo esse tipo de filme além de ser um filme incrível ele é muito Interessante por conter cenas chamativas e que dê mais vontade de assistir esse tipo de filme tornando então o filme totalmente maravilhoso e se fosse ir pro oscar, ganharia em 1º lugar de filme mais top de 2019. tem muitos tipos de filmes que não contém esse tipo de conteúdo então assistam pois é muito bom e Interessante.

Figura 7 – Produção final da aluna Jeovana

A partir de agora, você é um(a) crítico(a) de filme e foi convidado(a) a escrever uma resenha sobre um dos filmes que fará parte da mostra de cinema que organizaremos no segundo semestre. Lembre-se de que o seu texto será publicado no site "Varginha On line", na seção entretenimento, a fim de convidar as pessoas para assistir ao filme que você está avaliando.

Um Rio quase perfeito

Escrito por: Jeovana Karla
Ferreira de Assis

O filme Um Rio quase perfeito é dirigido pelo autor Pedro Antonio e foi lançado em 15 de julho de 2017 e apresenta uma história bem diferente, pois os atores do filme sabem interpretar muito bem um filme. O ator Marcos Majella interpreta o Rio Longo um Rio bem diferente e rebelde, que não sabe, nem por onde começar quando seus sentimentos, pois ele não estava acostumado com essa rotina. Há a atriz Letícia Bernard que interpreta a personagem Ângela ela é a mãe das crianças e foi para Londres a procura de um novo emprego pois ela tem que pagar toda sua vida, ela é uma mãe dependente de seu marido Gustavo. Este filme é bem interessante e expressa muito bem que por uma pessoa ser feliz não é necessário viver um conto de fada, ser feliz apenas é viver o momento e aproveitar cada segundo.

Rio Longo é um rapaz brincalhão, divertido e tem um de seus vários aspectos, porque o filme além de ser incrível tem atores e atores profissionais. Este filme é indicado para todos os públicos diz o ator "Pedro Antonio" e por não incluir cenas pesadas e inadequadas para menores, porém este filme é bem divertido e se não prestarmos a atenção não entenderemos muito bem algumas cenas.

Transcrição da produção final da aluna Jeovana

Um tio quase perfeito

Escrito po: Jeovana Karla

Ferreira de Assis

O filme um tio quase perfeito é dirigido pelo autor Pedro Antônio o filme foi lançado em 15 de julho de 2017 e apresenta uma história bem diferente, pois, os atores do filme sabem interpretar muito bem um film. O Ator Marcos Majella interpreta o tio tony um tio bem divertido e malandro que não sabia, nem por onde começar olhando seus sobrinhos, pois ele não estava acostumado com essa rotina. Já a atriz leticia Ismard que interpreta a personagem Ângela ela é a mãe das crianças e foi para Londres a procura de um novo emprego Pois ela tem que Bancar toda sua casa ela é uma mãe separada de seu marido Gustavo. Esse filme é bem interessante e expressa muito bem que pra uma pessoa ser feliz não é necessário viver um conto de fada ser feliz apenas é viver o momento e aproveitar cada segundo.

tio tony é um rapaz Brincalhão, divertido e com isso ele atrai várias pessoas, porque o filme além de ser incrível tem atrizes e atores sensacionais, Este filme é indicado para todos os pubrico diz o ator “Pedro Antônio”, por não indicar cenas pesadas e inadequadas para menores, porém esse filme é bem criado e se não prestamos a atenção não entenderemos muito bem algumas cenas...

Figura 8 – Produção inicial do aluno Matheus H.

Após termos assistido ao filme "A múmia", você irá produzir uma resenha crítica sobre ele. Imagine que seu texto será divulgado no site www.adorocinema.com.br, um site de crítica de filmes, onde todos poderão ler a sua apreciação. Escolha bem as ideias que irão representar o seu ponto de vista sobre o filme.

A nova jornada de sucesso em Hollywood "A Múmia" que conta a história de uma princesa egípcia chamada Ankhkamon (Sofia Boutella) que estava destinada a herdar o trono de seu pai que morreu logo depois, mas sua esposa deu a luz a um filho, que quando se tornou mais velho, ele herda o trono de seu pai. Ankhkamon ficou tão furiosa por terem desobedecido a deusa e começaram a ter vida de realeza, humm vale, em algum site virtual eles começaram o filme da múmia chamado "Set" e esse site virtual mostra a história de Set, logo após ela de volta de sua jornada (Tom) sua vida se duplica, em seu corpo surge sua própria história no idioma dos egípcios antigos, então ela não consegue Set em um momento para que trouxessem a realeza a terra, mas para isso sempre tem a vida de encontrar um homem mortal, e a vida de Set que estava escondida em algum lugar do mundo depois de 5 mil anos passando longe dela que havia sido transformada por poderes, após isso ela foi descoberta em um tipo de prisão sem saída, ali ela se liberta e a maldição de Set e seu amigo Val que logo após a morte ele ajuda Rick e se liberta dessa maldição em uma jornada incrível também acompanhada de uma mulher chamada Jenny que ele encontra em suas lutas emocionais, e depois se encontram com mais de aventuras que "bora lá" (bora lá) não dá pra não rir!

Transcrição da produção inicial do aluno Matheus H.

A nova formula de sucesso em Holywood “A múmia”
que conta a história de uma princesa egípcia chamada Ahmanet
(Sofia Boutella) que estava destinada a herdar o trono de seu pai
que reinava todo o egito, mas sua esposa deu a luz a um filho,
que quando se tornasse mais jovem, ele herdaria o tão desejado
trono, Ahmanet ficou tão furiosa por terem deixado-a de lado
e começou a ter sede de vingança, numa noite, em forma de ritual
ela invocou o Deus da Morte nomeado “Set” e este ritual matou
a esposa de seu pai, logo após, ela se enche de pura ~~escuridão~~ (trevas)
sua íris se duplica, em seu corpo surge sua própria história
no idioma dos Deuses antigos, então ela iria invocar Set em um
mortal para que trouxessem escuridão eterna a terra, mas para
esse reinado das trevas, ela de encontrar um homem mortal,
e a adaga de Set que estava escondida em algum lugar do
mundo depois de 5 mil anos passados longe dela que havia sido
mumificada por sacerdotes, após esses anos ela foi descoberta em
um tipo de prisão com crípita, ele seria o destinado a maldição de
Set e seu amigo Vail que logo após a morte ele ajuda Nick
a se livrar dessa maldição em uma jornada arrepiante também
acompanhada de uma mulher chamada Jheny que ele começa
a criar laços emocionais, é super recomendável esse mar de
aventuras que “você” caro leitor irá viver!

Figura 9 – Produção final do aluno Matheus H.

A partir de agora, você é um(a) crítico(a) de filme e foi convidado(a) a escrever uma resenha sobre um dos filmes que fará parte da mostra de cinema que organizaremos no segundo semestre. Lembre-se de que o seu texto será publicado no site "Varginha On line", na seção entretenimento, a fim de convidar as pessoas para assistir ao filme que você está avaliando.

Lucifer

Exausto de sua rotina de trabalhar e implicar em seu trabalho, Lucifer decide fugir tudo no momento como Deus do Inferno e deixar sua casa para morar em Los Angeles, como dizem "local do pecado" e simplesmente apreciar a vida que ele nunca teve por ter sido enviado para o inferno pelo seu pai, ou seja "DEUS".

Cheio de elegância, um homem sofisticado, um glâ de Hollywood e com todos os pecados do mundo possíveis, ele vive a luxuosa vida de luxo e vive fazendo favores para as pessoas que o procuram, pedindo como retribuição quando pecarem de alguma forma.

Porém ele acaba presenciando o assassinato de uma dessas pessoas e se envolve na investigação pelo seu irmão AMENADIEL ter sido envolvido por esse mesmo assassinato.

Com todo o poder de alguém onipotente, empolgação e poder de quem simplesmente é o chefe em pessoas, intrigado com admiração por Tom Ellis, um homem e sapatos caros, é bem-humorado, fabuloso e irresistível para as mulheres. Com a ajuda de um bom empregado e sarcástico que a deixa em, com o tempo que ocorre durante, vamos descobrindo que o amor existe não só lá no céu como aqui.

Por: Matheus Henrique

Transcrição da produção final do aluno Matheus H.

Lúcifer

Exausto de sua rotina de torturador e infeliz em seu trabalho, Lúcifer decide largar tudo no tormento como senhor das trevas e deixar sua coroa para morar em Los Angeles, como dizem... “local do cecado” e simplesmente aproveitar a vida que ele nunca teve por ter sido banido para o inferno pelo seu Pai, ou seja, “Deus”. cheio de elegância, um homem sofisticado, um galã de HOLLYWOOD e com todos os pecados do mundo possíveis, ele abre a luxuosa boate lux e vive fazendo favores para as pessoas que o procuram, podendo cobrar retribuição quando precisar de algumas delas. Porém ele acaba presenciando o assassinato de uma dessas Pessoas e se envolve na investigação Pelo seu irmão AMADIEL Ter sido roubado por esse mesmo assassino.

Com toda classe de alguém importante, empolgação e poder de quem simplesmente é o Diabo em pessoa, interpretado com admiração por TOM ELLIS, usa ternos e sapatos caros, é bem-humorado, fabuloso e irresistível para as mulheres. Com a ajuda de um tom engraçado e sarcástico que a série tem, com o tempo que ocorre durante, vamos descobrindo que o anjo caído não seja tão ruim assim

Por: Matheus Henrique

A seguir, passamos a análise das capacidades de ação, comparando as produções iniciais e finais de cada um dos três estudantes.

4.2 Análise das capacidades de ação

Quadro 3 - Análise das capacidades de ação

Capacidades de linguagem	Modelo Didático e dimensões ensináveis (SD)		Matheus P.		Jeovana		Matheus H.	
			PI	PF	PI	PF	PI	PF
Capacidade de ação	Modelo didático de gênero	Objetivo						
Contexto de produção		Enunciador						
		Destinatário						
		Meio de circulação						
	Dimesões ensináveis (SD)	Uso de informações sobre o filme						
		Diferenciar sinopse de resenha crítica de filme						

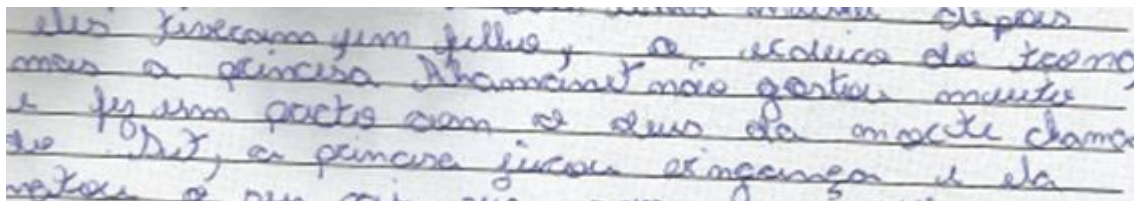
Legenda:  Total  Parcial  Não

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2019.

De acordo com o modelo didático de gênero, uma resenha crítica de filme tem como finalidade apresentar ao leitor uma avaliação crítica de algum filme ou série, em geral, por um crítico que certamente tenha assistido à produção. Nas produções iniciais, os três alunos fizeram mais descrições de cenas do filme e não desenvolveram satisfatoriamente a argumentação em torno da apreciação elaborada, o que é característica neste gênero. Nos trechos abaixo, retirados das produções iniciais dos três estudantes, observa-se que o aluno Matheus P. faz apenas a descrição de cenas, sem apresentar um comentário sobre o filme e sem desenvolver a argumentação, ao passo que os alunos Jeovana e Matheus H. chegaram a

apresentar um comentário sobre o filme, mas desenvolvendo pouco a argumentação em torno da apreciação feita.

Trecho da PI do aluno Matheus P.

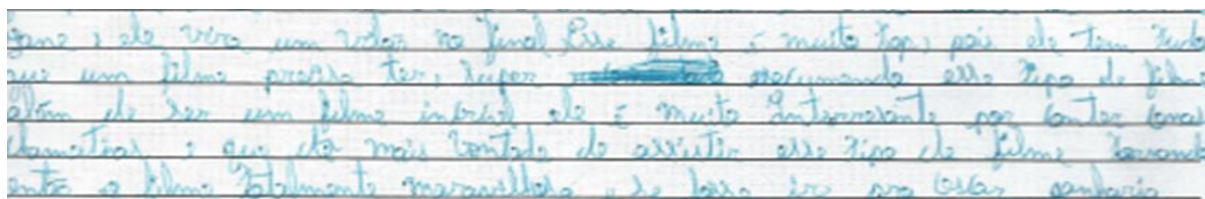


Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus P.

...eles tiveram um filho, o herdeiro do trono,
mas a princesa Ahamanet não gostou muito
e fez um pacto com o deus da morte chama-
do Set, a princesa jurou vingança e ela
matou o seu pai...

Como foi apresentado na transcrição do trecho acima, o aluno Matheus P., no decorrer de toda a produção inicial, faz apenas descrições de cenas do filme assistido, à medida que os outros dois colegas elaboram uma pequena apreciação, mas com desenvolvimento parcial quanto ao uso da argumentação a fim de convencer o leitor a assistir ao filme.

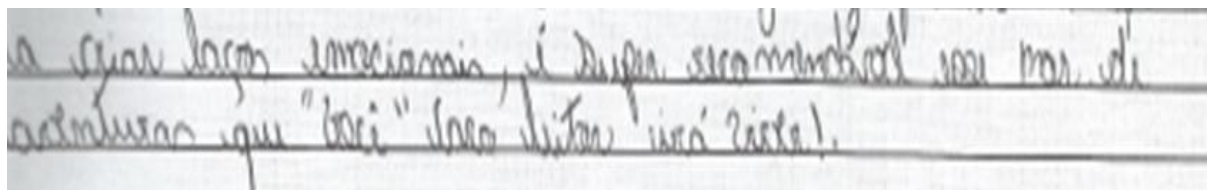
Trecho da PI da aluna Jeovana



Transcrição do trecho da PI da aluna Jeovana

...Esse filme é muito top, pois ele tem tudo
que um filme precisa ter, super recomendo esse tipo de filme
além de ser um filme incrível, ele é muito Interessante por conter cenas
chamativas e que dê mais vontade de assistir esse tipo de filme, tornando
então o filme totalmente maravilhoso...

Trecho da PI do aluno Matheus H.



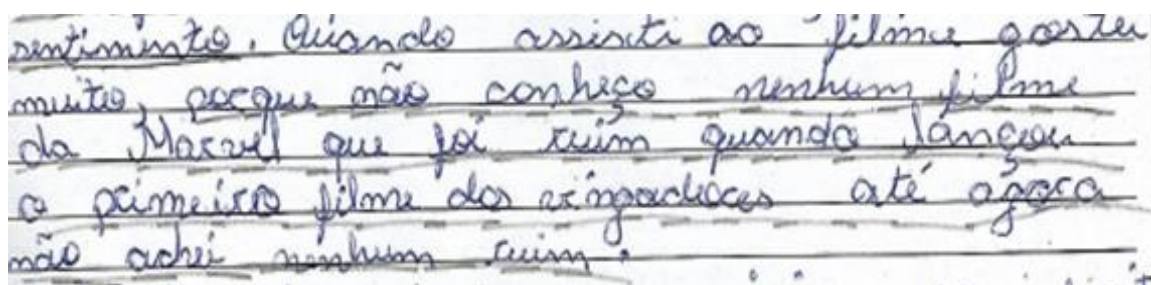
Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus H.

...é super recomendável esse mar de aventuras que “você” caro leitor irá viver!

Na PI, a aluna Jeovana escreve “Esse filme é muito top, pois ele tem tudo o que um filme precisa ter, super recumendo...”. O trecho comprova a elaboração do comentário, mas não convence o leitor a assistir ao filme, já que a aluna não especifica quais elementos da obra comprovam que ele tem tudo o que uma produção cinematográfica precisa ter, o que acabou gerando uma insuficiência de argumentação no trecho. O mesmo ocorre com o estudante Matheus H., quando escreve: “é super recomendável esse mar de aventuras...”, mas não explica por qual razão o filme tem essa característica, o que também configura insuficiência de argumentação. Por essas razões, como a finalidade de uma resenha crítica de filme é a de apresentar uma apreciação sobre um filme, a fim de convencer o leitor a assistir à produção, os dois estudantes (Jeovana e Matheus H.), na produção inicial, apresentam um desenvolvimento parcial, enquanto que o aluno Matheus P. não apresenta conhecimento neste aspecto.

Abaixo, apresentamos os trechos das produções finais dos três estudantes, seguidos das transcrições, para mostrarmos como cada um desenvolveu, na produção final, a elaboração da apreciação sobre o filme, seguida do uso da argumentação.

Trecho da PF do aluno Matheus P.



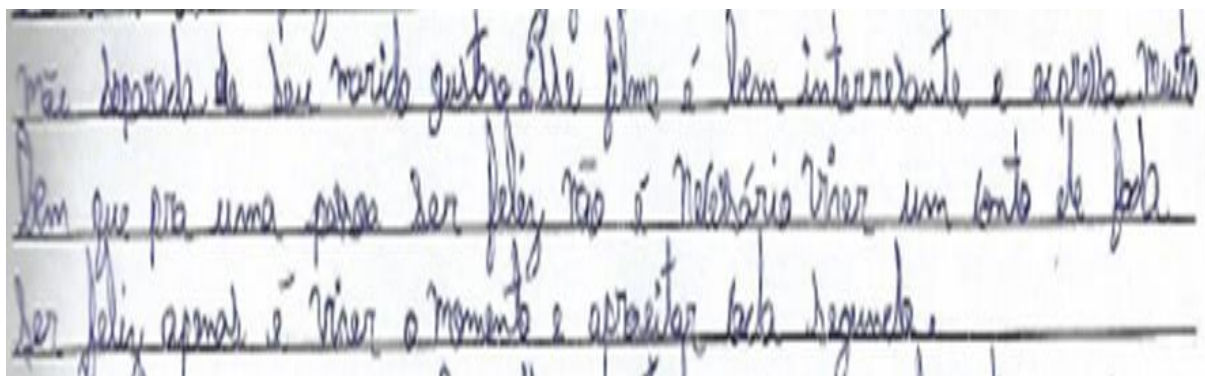
Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus H.

...Quando assisti ao filme gostei
 muito, porque não conheço nenhum filme
 da Marvel que foi ruim quando lançou
 o primeiro filme dos vingadores até agora
 não achei nenhum ruim.

No trecho acima, notamos que, após a aplicação da sequência didática, o aluno Matheus P., em sua produção final, elabora uma apreciação, “quando assisti ao filme gostei muito, porque não conheço nenhum filme da Marvel que foi ruim”, mas desenvolve pouco a argumentação em torno do comentário elaborado por ele. Em comparação com a produção inicial elaborada pelo estudante, nota-se um desenvolvimento parcial, já que o comentário na PI não foi elaborado, ao passo que, na PF, isso foi realizado, entretanto, em ambas as produções, o estudante não explora a argumentação a fim de convencer seu interlocutor a assistir ao filme, o que comprova o desenvolvimento parcial em relação à compreensão da finalidade do gênero.

Por outro lado, os outros dois alunos (Jeovana e Matheus H.) conseguem, na produção final, além de apresentar a apreciação, desenvolver a argumentação em torno do comentário elaborado, o que caracteriza a finalidade do gênero. É importante destacar que dos três estudantes, a aluna Jeovana é a que demonstra melhor desenvolvimento em relação à finalidade do gênero resenha crítica de filme na produção final, uma vez que a estudante elabora a apreciação e consegue desenvolver a argumentação em mais de um parágrafo, para convencer o leitor a assistir ao filme.

Trecho da PF da aluna Jeovana

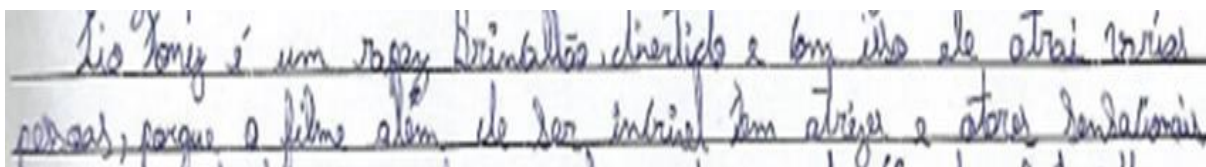


Não depois de ter visto gosto. Este filme é bem interessante e expõe muito bem que pra uma pessoa ser feliz não é necessário viver um conto de fada. Ser feliz apenas é viver o momento e aproveitar cada segundo.

Transcrição do trecho da PF da aluna Jeovana

...Esse filme é bem interessante e expressa muito bem que para uma pessoa ser feliz não é necessário viver um conto de fada ser feliz apenas é viver o momento e aproveitar cada segundo.

Trecho da PF da aluna Jeovana



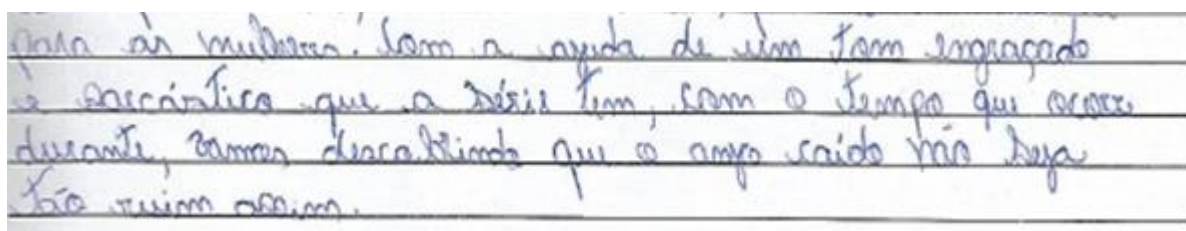
Transcrição do trecho da PF da aluna Jeovana

...Tio Tony é um rapaz brincalhão, divertido e com isso ele atrai várias pessoas, porque o filme além de ser incrível tem atrizes e atores sensacional....

A aluna Jeovana, em sua PF, não só apresenta uma apreciação sobre o filme ao escrever “Esse filme é bem interessante...”, mas desenvolve o comentário a partir de inferências que poderiam ser feitas sobre o filme, como mostra o trecho seguinte “para uma pessoa ser feliz não é necessário viver um conto de fada...”, ou seja, é necessário que o leitor faça uma inferência de que o filme traz esse tipo de temática e que, ao assisti-lo, seria possível compreender por que a autora da resenha relacionou o filme com essa informação de que para ser feliz é necessário “viver o momento e aproveitar cada segundo”. Já no segundo trecho acima, também retirado da PF da estudante, a aluna Jeovana menciona um personagem do filme, para justificar por que o filme, em sua apreciação, é considerado sensacional, o que mostra o uso da argumentação relacionado ao uso de elementos do filme a fim de convencer o interlocutor. Por essas razões, a aluna apresentou um desenvolvimento total em relação à finalidade do gênero, quando comparamos suas duas produções, e isso comprova que a SD foi satisfatória para ajudar no desenvolvimento da estudante não só neste aspecto, mas também no compete ao uso da argumentação, o que será detalhado no quadro que trata do desenvolvimento dos alunos em relação à capacidade discursiva.

Por sua vez, o estudante Matheus H. usa da descrição de características do personagem principal da série “Lúcifer”, para mostrar que a série é divertida e que o leitor encontrará humor e sarcasmo nas cenas, como mostra o trecho a seguir, comprovando que o estudante também apresentou desenvolvimento total na compreensão sobre a finalidade do gênero, já que a sua apreciação, seguida da argumentação, motiva o leitor a conhecer a produção cinematográfica.

Trecho da PF do aluno Matheus H.



Transcrição do trecho da PF do aluno Matheus H.

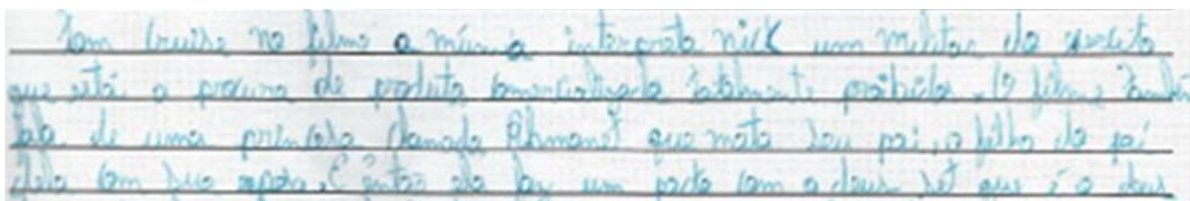
...Com a ajuda de um tom engraçado
e sarcástico que a série tem, com o tempo que ocorre
durante, vamos descobrindo que o anjo caído não seja
tão ruim assim.

Em relação ao destinatário e ao meio de circulação, o modelo didático desenvolvido descreve que o público-alvo deste gênero é, em geral, formado por pessoas que gostam de produções cinematográficas, independente de idade, sexo ou profissão, e que este gênero textual pode circular em diferentes suportes como jornais, revistas, *sites* de crítica de filme (especificamente), blogs, além de outros tipos de *sites* e redes sociais. Logo, nas produções iniciais, os estudantes tinham que produzir uma resenha crítica sobre o filme “A múmia”, o qual foi visto em sala de aula, para, posteriormente, publicá-lo em um *site* de críticas de filme, a fim de apresentar as ideias deles e o ponto de vista sobre esta produção cinematográfica para o público leitor daquele *site*. Já na produção final, todos os alunos tinham que produzir uma resenha crítica sobre um filme ou série que tenham gostado muito e que faria parte de uma mostra de cinema. No material proposto, os estudantes foram informados que uma mostra de

cinema¹³ seria elaborada por eles e que esse evento seria divulgado na seção de entretenimentos de um site que apresenta informações diversas sobre a cidade. Ou seja, o público-leitor dos alunos, na produção final, seria o de todas as pessoas da cidade e de fora que costumam acessar esse *site*. Além disso, os alunos foram orientados que os filmes utilizados por eles para produzir as resenhas seriam os mesmos que fariam parte da mostra de cinema, e que os textos produzidos seriam utilizados para atrair o público-leitor para a mostra de cinema, em geral, pessoas que gostam de cinema e que visitaram a seção de entretenimento do *site* em busca deste tipo de informação.

No que tange às dimensões ensináveis do gênero, podemos notar que o aluno Matheus P. apresentou mais informações sobre o filme na produção inicial do que na produção final, o que nos leva a inferir que o fato de o estudante ter visto o filme antes e, em seguida, elaborado a produção inicial, contribuiu para que ele apresentasse mais informações sobre a produção cinematográfica resenhada. Por outro lado, percebemos que a aluna Jeovana apresenta mais informações sobre o filme do que o aluno Matheus P., em ambas as produções, mas, na produção final, essas informações estão ordenadas de forma mais sistematizada, como podemos notar pelos trechos a seguir, retirados da PI e PF da aluna.

Trecho da PI da aluna Jeovana

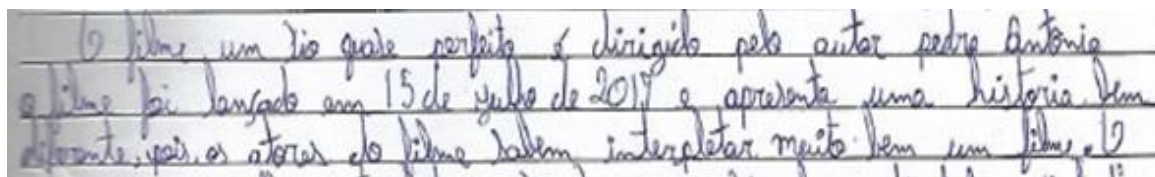


Transcrição do trecho da PI da aluna Jeovana

Tom Cruise no filme a múmia interpreta Nick um militar do exercito que está a procura de produto comercializado totalmente proibido. O filme também fala de uma princesa chamada Ahmanet que mata seu pai, o filho do pai dela com sua esposa.

¹³ Em função de problemas com direitos autorais dos filmes, a mostra de cinema não pode ser organizada para toda a comunidade e ficou restrita apenas ao ambiente escolar. Os textos dos alunos não foram divulgados no *site*, mas em um mural dentro da escola.

Trecho da PF da aluna Jeovana



Transcrição do trecho da PI da aluna Jeovana

O filme um tio quase perfeito é dirigido pelo autor pedro Antônio
o filme foi lançado em 15 de Julho de 2017 e apresenta uma história bem
diferente, pois os atores do filme sabem interpretar muito bem um filme.

Nos dois trechos acima percebemos que a aluna Jeovana, na produção final, inicia o texto falando sobre o filme a partir do nome do diretor e ano de lançamento da produção cinematográfica, ao passo que na produção inicial ela cita o nome do ator principal e faz um breve resumo de algumas passagens do filme, ou seja, por utilizar dados mais técnicos sobre o filme no início da produção final, notamos que o segundo texto apresentou-se de forma mais organizada, pois parte dessas informações para, depois, descrever cenas do filme.

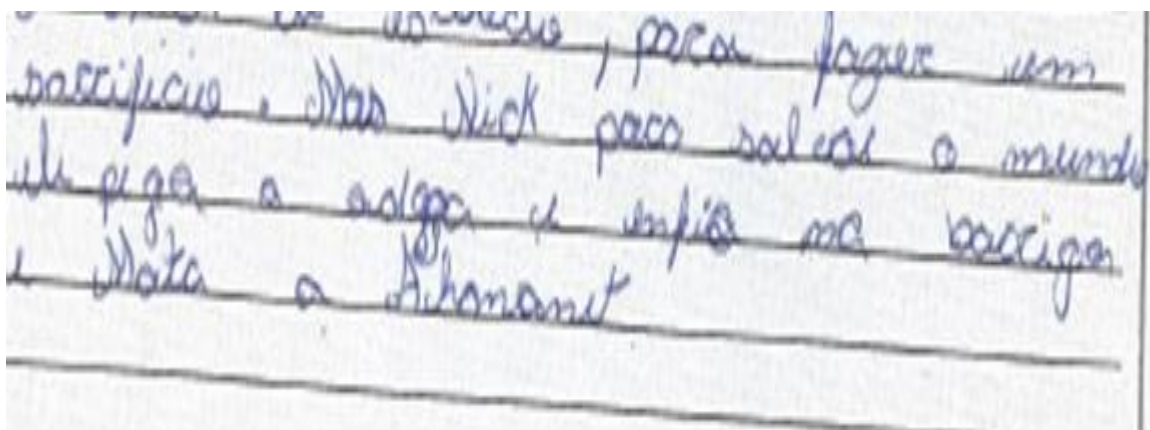
Já o aluno Matheus H., por sua vez, sistematiza melhor as informações, uma vez que, tanto na PI como na PF, o aluno parte de descrições ou elementos do filme para induzir o leitor a perceber o seu posicionamento sobre a produção cinematográfica resenhada, entretanto, percebe-se que essa estratégia é mais satisfatória na segunda produção, já que, na primeira, o aluno não desenvolve a argumentação e apenas apresenta a apreciação acerca do filme, enquanto que, na PF, ele apresenta comentários sobre a série e desenvolve argumentos em torno dos comentários. É importante destacar que tanto o aluno Matheus H. como a aluna Jeovana afirmaram durante as aulas terem o hábito de ler críticas de filme, enquanto que o estudante Matheus P. afirmou, no questionário inicial, proposto na sequência didática, nunca ter lido uma resenha crítica de filme. Isso mostra que o uso da SD para o gênero resenha crítica de filme, como forma de aprimorar a argumentação dos alunos e diminuir o uso de marcas de oralidade em seus textos, não só auxiliou no desenvolvimento da argumentação deste aluno, como complementou os conhecimentos que ele tinha sobre as práticas sociais do gênero, além de mostrar que o conhecimento prévio sobre o gênero proporciona maiores chances de desenvolvimento em relação às três capacidades, propostas por Dozl e Schneuwly

(2004), quando comparamos as produções dos dois alunos que já tinham o hábito de ler críticas de filme com o aluno que relatou nunca ter lido uma resenha crítica de filme.

Em relação ao processo de diferenciação dos gêneros sinopse e resenha crítica de filme, o modelo didático elaborado mostra que uma crítica de filme tem como objetivo apresentar informações sobre um filme, seguindo de uma apreciação sobre a produção resenhada. Logo, a partir das atividades desenvolvidas no módulo II da sequência didática, os estudantes fizeram leituras de textos desses dois gêneros e, a partir de atividades relacionadas ao contexto de produção e circulação de ambos, tiveram a oportunidade de aprender algumas diferenças entre esses gêneros textuais.

Observamos que as produções iniciais dos estudantes Matheus P. e Matheus H. se aproximaram mais do gênero sinopse do que do gênero crítica de filme, pois, o estudante Matheus P. apenas descreve cenas do filme e o aluno Matheus H., além de descrever mais cenas do filme, faz um pequeno comentário sobre a obra ao final do texto, como comprovam as duas imagens abaixo, as quais mostram como os dois alunos finalizaram as suas produções iniciais.

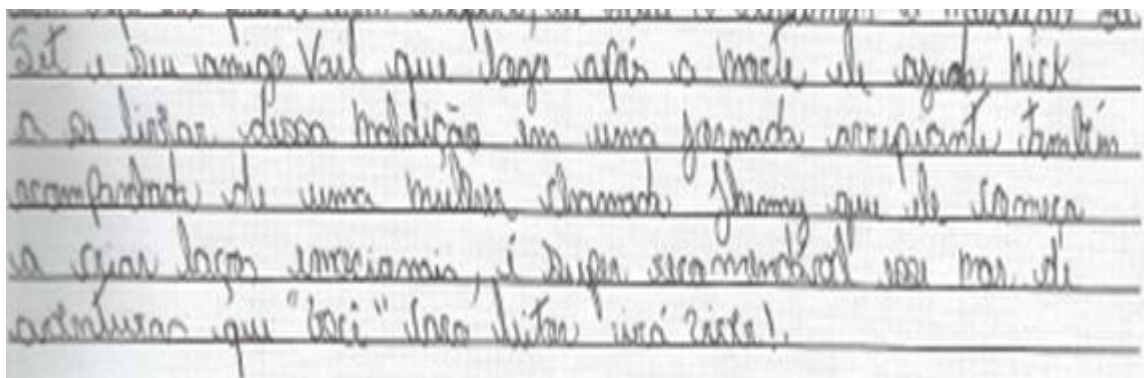
Trecho da PI do aluno Matheus P.



Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus P.

...Mas Nick para salvar o mundo
ele pega a adaga e enfia na barriga
e Mata a Ahamanet

Trecho da PI do aluno Matheus H.

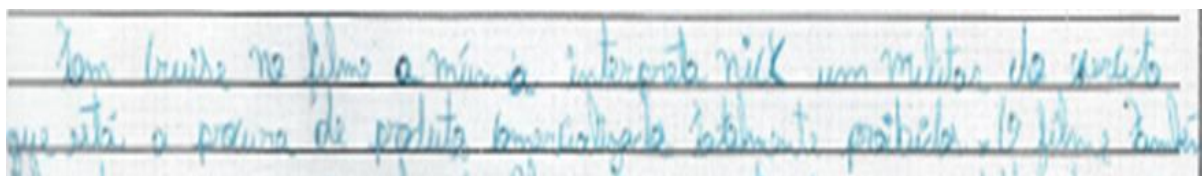


Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus H.

...Vail que logo após a morte ele ajuda Nick
a se livrar dessa maldição em uma jornada arrepiante também
acompanhada de uma mulher chamada Jheny que ele começa
a criar laços emocionais, é super recomendável esse mar de
aventuras que “você” caro leitor irá viver!

A aluna Jeovana, por outro lado, na produção inicial desenvolve melhor o texto, pois parte de descrições de cenas do filme para, depois, apresentar a apreciação e desenvolver a argumentação em torno dela, a fim de convencer o leitor a assistir ao filme, como mostram as imagens a seguir, que detalham a maneira como a estudante iniciou e finalizou o texto.

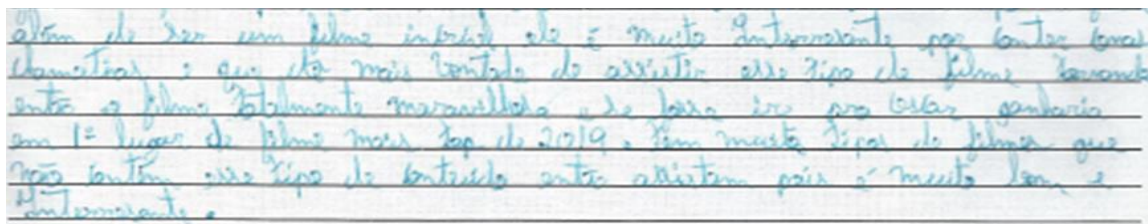
Trecho do início da PI da aluna Jeovana



Transcrição do trecho com o início da PI da aluna Jeovana

Tom Cruise no filme a múmia interpreta Nick um militar do exército
que está a procura de produtos comercializados totalmente proibidos.

Trecho do final da PI da aluna Jeovana



Transcrição do trecho com o final da PI da aluna Jeovana

...além de ser um filme incrível ele é muito interessante por conter cenas dramáticas e que dê mais vontade de assistir esse tipo de filme tornando então o filme totalmente maravilhoso e se fosse pro Oscar ganharia em 1º lugar de filme mais top de 2019. Têm muitos tipos de filmes que não contém esse tipo de conteúdo então assistam pois é muito bom e interessante.

4.3 Análise das capacidades discursivas

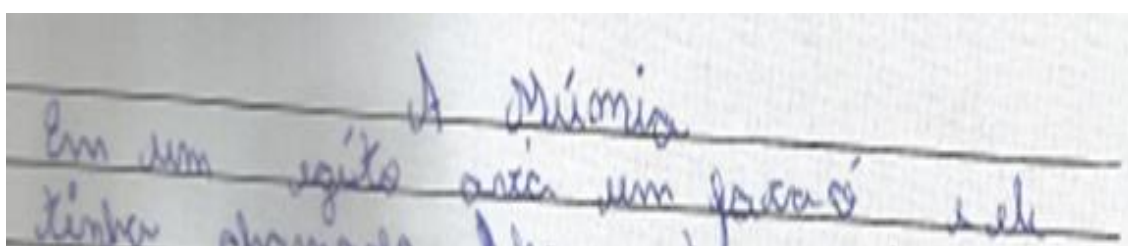
Quadro 4 - Análise das capacidades discursivas

Capacidades de linguagem	Modelo Didático e dimensões ensináveis (SD)		Matheus P.		Jeovana		Matheus H.	
			PI	PF	PI	PF	PI	PF
Capacidades discursivas	Modelo didático de gênero	Plano Global						
Aspectos discursivos		Vozes do discurso						
		Sequências textuais						
	Dimesões ensináveis (SD)	Organização do gênero (sequência lógica do texto)						
		Predominância da voz em 3a pessoa						
		Uso de sequências expositivas						
		Uso de sequências argumentativas						
		Apreciação sobre o filme						

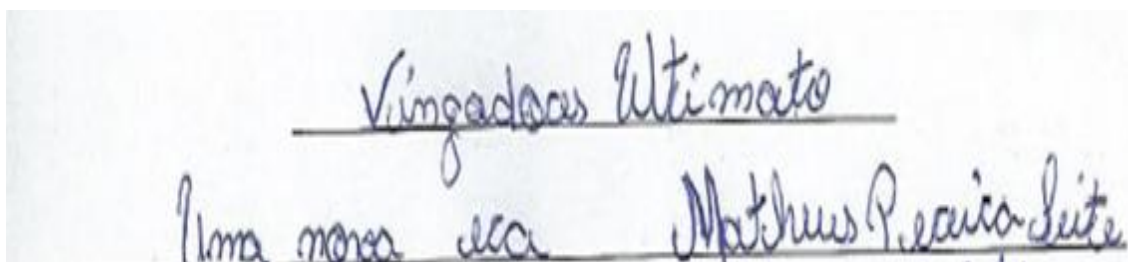
Legenda: Total Parcial Não

Quanto ao plano global do gênero, o modelo didático desenvolvido aponta que, inicialmente, é apresentado o título da resenha com o nome do filme, seguido do nome do autor, o que é realizado de forma parcial pelos três alunos na produção inicial, já que nenhum deles identificou o nome nem no início nem no final do texto. Por outro lado, na produção final, os três estudantes atendem a esse aspecto proposto no modelo didático, o que confirma a eficácia da sequência didática que explorou estes elementos em uma das atividades no módulo II, como pode ser observado nos trechos das PI e PF dos três alunos.

PI – Matheus P.



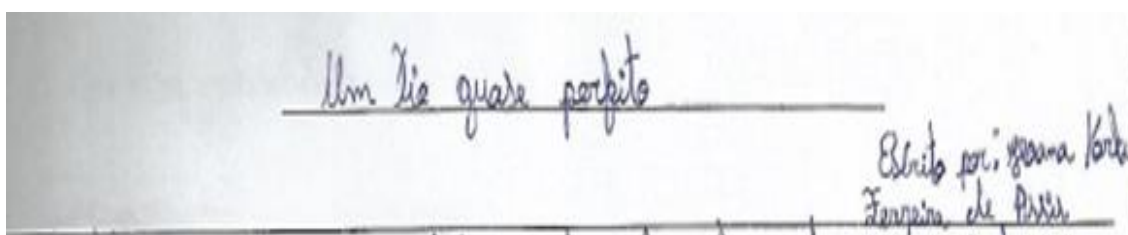
PF – Matheus P.



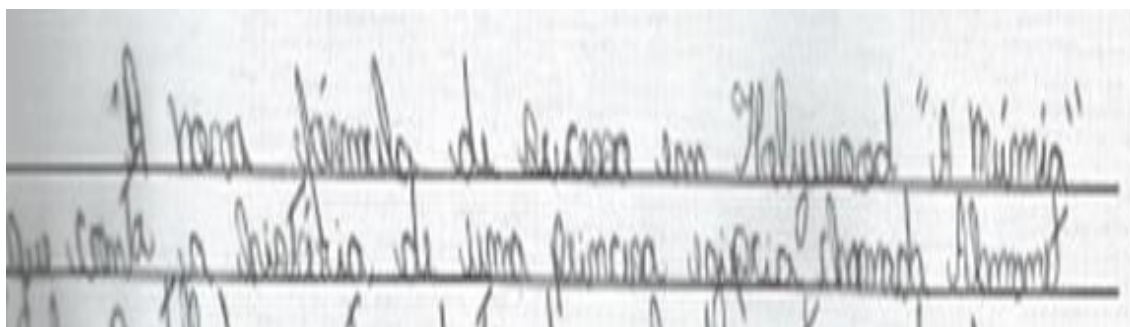
PI – Jeovana



PF – Jeovana

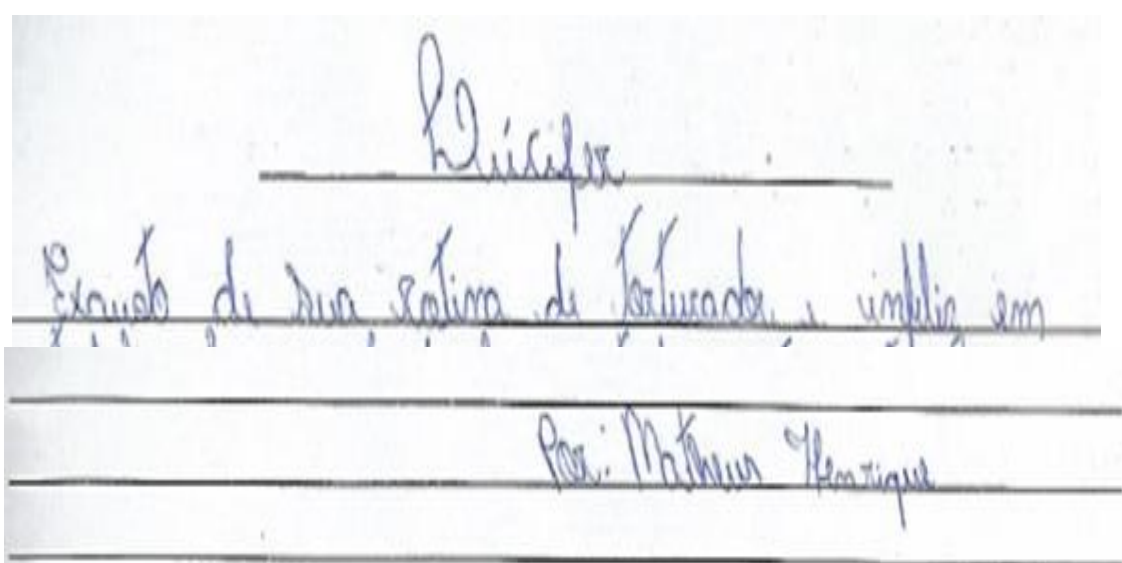


PI – Matheus H.



A nova jornada de sucesso em Hollywood "A Múmia"
que conta a história de um príncipe egípcio chamado Akomut

PF – Matheus H.



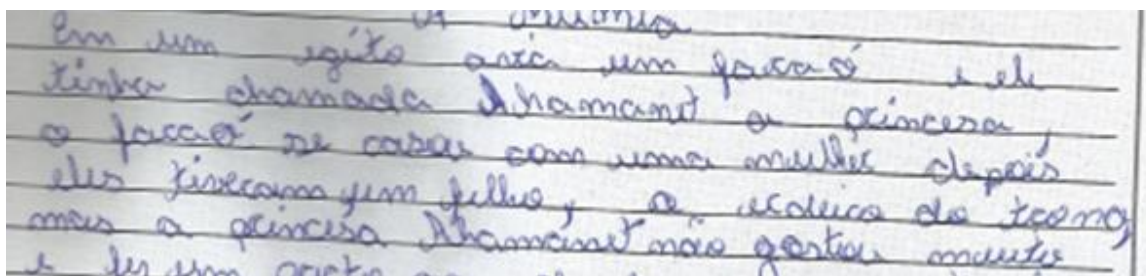
Quisipe

Exemplo de sua sátira de Hollywood, um filme em

Por: Matheus Henrique

De acordo com o MDG, na sequência, é feita uma contextualização seguida da elaboração de um ponto de vista sobre o filme e, no decorrer do texto, são utilizadas descrições de cenas, associadas às apreciações realizadas pelo autor da resenha, seja a favor ou contra o filme. Ao final, o resenhista pode também fazer uma síntese dos argumentos utilizados reforçando a apreciação sobre o filme. Nesse contexto, o aluno Matheus P., na produção inicial, fica preso apenas em descrições de cenas do filme e não utiliza de apreciações nem a favor nem contra, o que contrasta com a sua produção final, a qual apresenta poucas descrições sobre o filme e apenas uma pequena apreciação, como mostram os dois trechos a seguir, seguidos das transcrições, os quais foram retirados do primeiro parágrafo da PI e da PF do estudante, comprovando que ele não concluiu o que seria necessário para a produção de uma resenha crítica de filme nestes aspectos em sua PF.

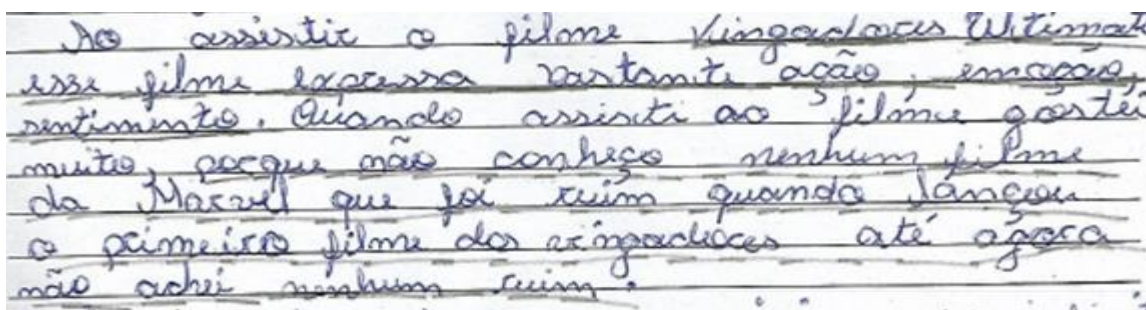
Trecho da PI do aluno Matheus P.



Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus P.

Em um egito avia um faraó e ele
 tinha chamada Ahamanet a princesa,
 o faraó se casou com uma mulher depois
 eles tiveram um filho, o herdeiro do trono,
 mas a princesa Ahamanet não gostou muito....

Trecho da PF do aluno Matheus P.

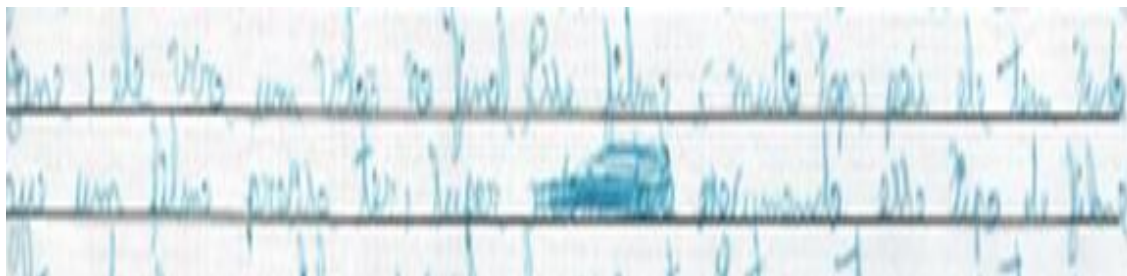


Transcrição do trecho da PF do aluno Matheus P.

Ao assistir o filme Vingadores Ultimato
 esse filme expressa bastante ação, emoção,
 sentimento. Quando assisti ao filme gostei
 muito, porque não conheço nenhum filme
 Marvel que foi ruim quando lançou
 o primeiro filme dos vingadores até agora
 não achei nenhum ruim.

Por sua vez, a aluna Jeovana apresenta, na produção final, maiores detalhes sobre o filme no que compete à contextualização, quando comparamos as duas produções, além de uma apreciação mais bem elaborada na produção final, pois ela atribui ao filme qualidades e as explica com mais clareza por que a produção cinematográfica apresenta estas características, como pode ser observado nos dois trechos a seguir, retirados da PI e PF da estudante. Os trechos comprovam também que na PI, a estudante não desenvolve satisfatoriamente a apreciação, pois só descreve, anteriormente, cenas do filme e elabora a apreciação em seguida, ao passo que, na PF, ela não só contextualiza o filme com descrição de cenas, mas desenvolve em mais de um parágrafo apreciações feitas em relação à produção cinematográfica, utilizando de algumas das sequências argumentativas ensinadas no módulo III da SD. Neste trecho da PF podemos perceber também que a estudante utilizou uma sequência argumentativa com base em uma relação de causa e consequência, levando o leitor a realizar uma inferência sobre o filme, o que, possivelmente, despertaria o interesse do interlocutor em assistir ao filme.

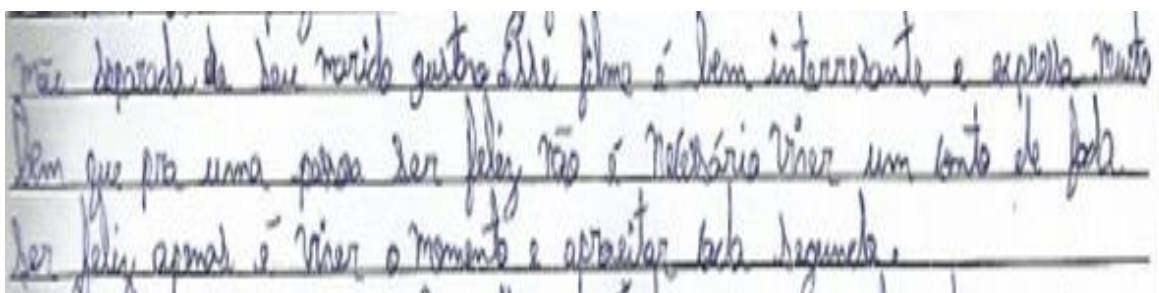
Trecho da PI da aluna Jeovana



Transcrição do trecho da PF do aluno Matheus P.

...Esse filme é muito top, pois tem tudo
que um filme precisa ter, super recumendo esse tipo de filme.

Trecho da PF da aluna Jeovana

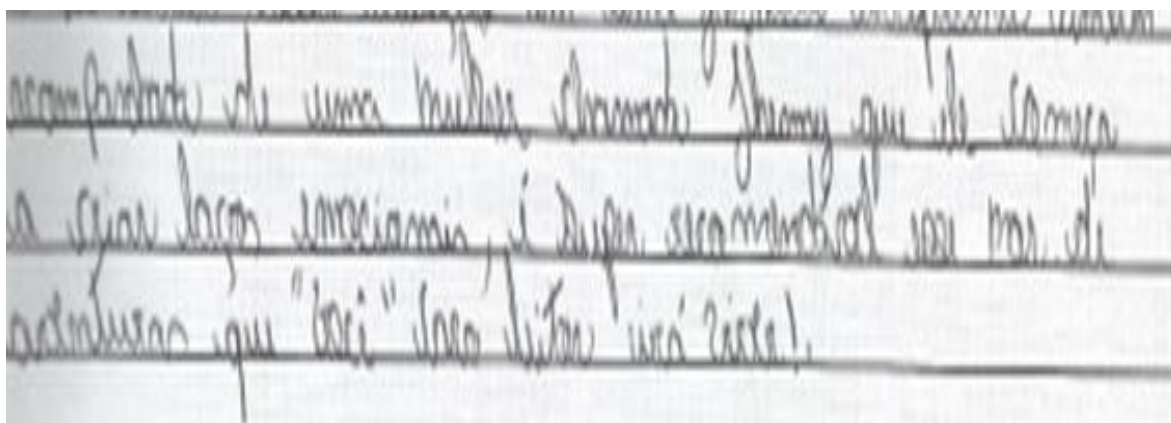


Transcrição do trecho da PF da aluna Jeovana

...Esse filme é bem interessante e expressa muito bem que pra uma pessoa ser feliz não é necessário viver um conto de fada ser feliz apenas é viver o momento e aproveitar cada segundo.

Do mesmo modo, no critério contextualização e construção da apreciação, o estudante Matheus H. demonstrou um desenvolvimento parcial na produção inicial e um desenvolvimento total na produção final, porque, na PI, ele não desenvolve a argumentação em torno da apreciação feita sobre o filme e apenas afirma que o filme é “super recomendável”. Por outro lado, observamos que isso não ocorre na produção final, na qual a apreciação e argumentação foram desenvolvidas de forma mais organizada, pois o estudante mostra primeiro algumas características do personagem principal da série e associa essas características à apreciação que ele faz ao afirmar que a série tem um tom de sarcasmo e humor.

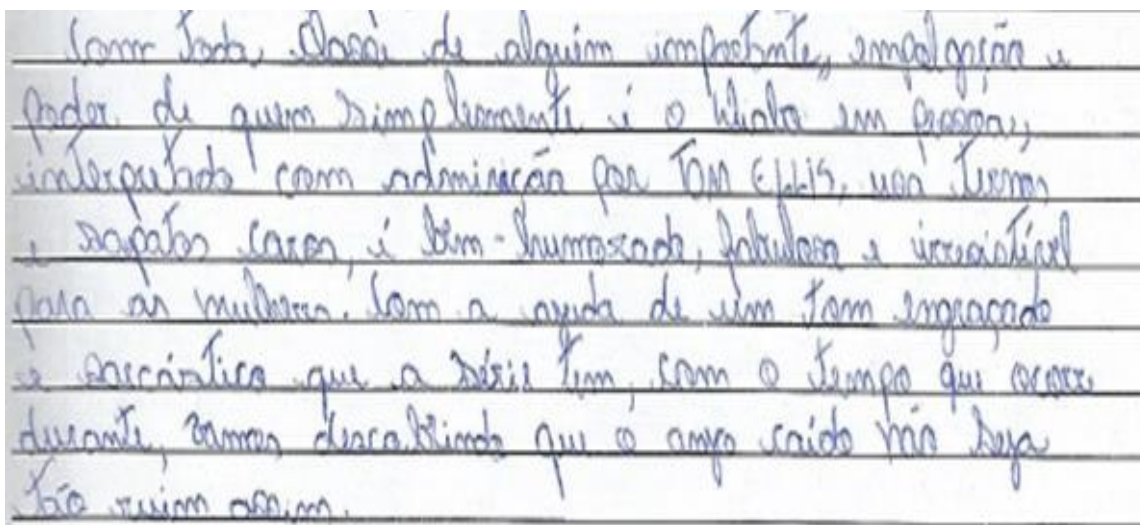
Trecho da PI do aluno Matheus H.



Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus H.

...acompanhada de uma mulher chama Jheny que ele começa a criar laços emocionais, é super recomendável esse mar de aventuras que “você” caro leitor irá viver!

Trecho da PF do aluno Matheus H.



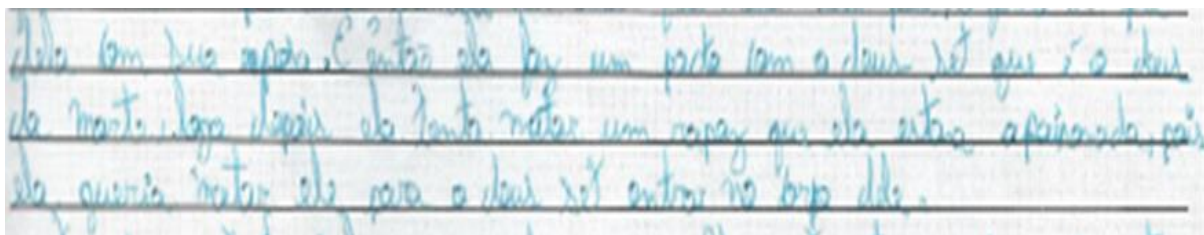
Transcrição do trecho da PF do aluno Matheus H.

Com toda classe de alguém importante, empolgação e poder de quem simplesmente é o diabo em pessoa, interpretado com admiração por TOM ELLIS, usa ternos e sapatos caros, é bem – humorado, fabuloso e irresistível para as mulheres. Com a ajuda de um tom engraçado e sarcástico que a série tem, com o tempo que ocorre durante, vamos descobrindo que o anjo caído não seja tão ruim assim.

O modelo didático de gênero desenvolvido neste trabalho também preconiza que, em uma resenha crítica de filme, o autor do texto precisa estar atento às vozes do discurso, mantendo a voz verbal predominantemente na terceira pessoa, além de fazer uso de outras vozes no texto como citações de falas de personagens e de comentários de profissionais ligados à produção do filme. Nesse critério, os alunos Matheus H. e Jeovana apresentaram um desenvolvimento total, já que nas produções inicial e final de ambos, percebemos o uso predominante de verbos em terceira pessoa, como mostram os exemplos a seguir.¹⁴

¹⁴ Optamos por destacar os verbos nas transcrições para facilitar a visualização da predominância no uso dos verbos em 3ª pessoa pelos dois estudantes.

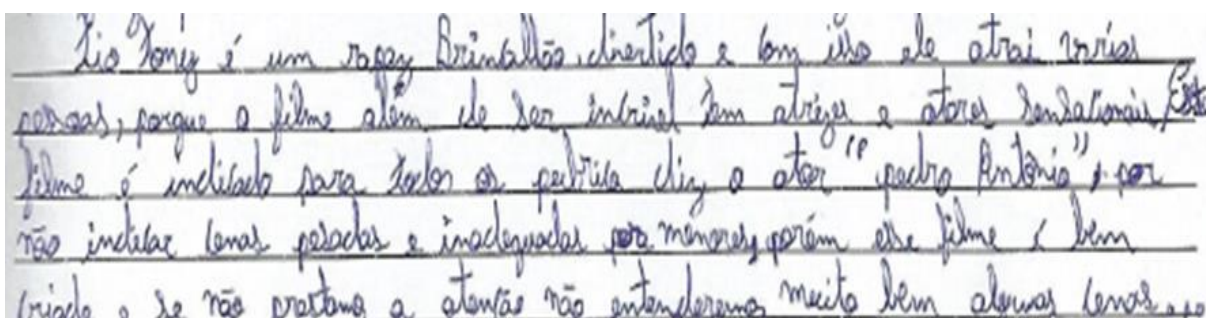
Trecho da PI da aluna Jeovana



Transcrição do trecho da PI da aluna Jeovana

...E então ela **faz** um pacto com o deus Set que **é** o deus da morte, logo depois ela **tenta** matar um rapaz que ela **estava** apaixonada, pois ela **queria** matar ele para o deus se entrar no corpo dele.

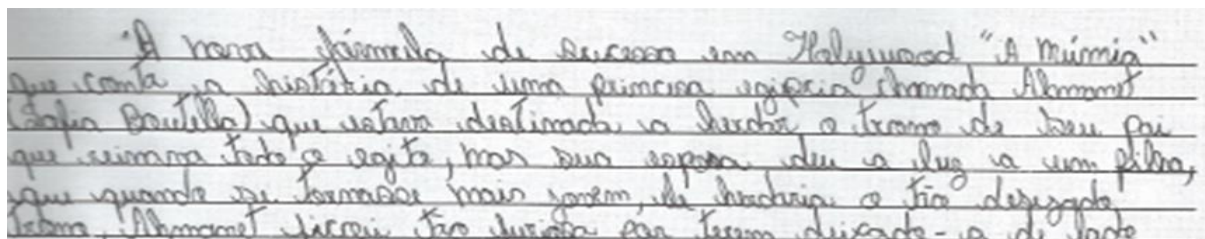
Trecho da PF da aluna Jeovana



Transcrição do trecho da PF da aluna Jeovana

...tio Tony **é** um rapaz Brincalhão, diveridto e com isso ele **atrai** várias pessoal, porque o filme além de ser incrível **tem** atrizes e atores sensacionais Este filme **é** indicado para todos os pubrico **diz** o ator “pedro Antônio”, por não indicar cenas pesadas e inadequadas para menores, porém esse filme **é** bem criado e se não prestarmos a atenção não entenderemos muito bem algumas cenas....

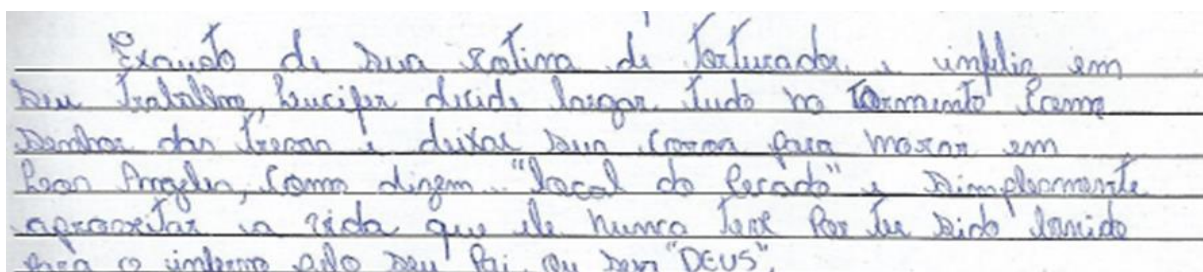
Trecho da PI do aluno Matheus H.



Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus H.

A nova fórmula de sucesso em Hollywood “A Múmia”
que **conta** a história de uma princesa egípcia chamada Ahamanet
(Sofia Boutella) que **estava** destinada a herdar o trono de seu pai
que **reinava** todo o egito, mas sua esposa **deu** a luz a um filho,
que quando se **tornasse** mais jovem, ele **herdaria** o tão desejado
trono....

Trecho da PF do aluno Matheus H.



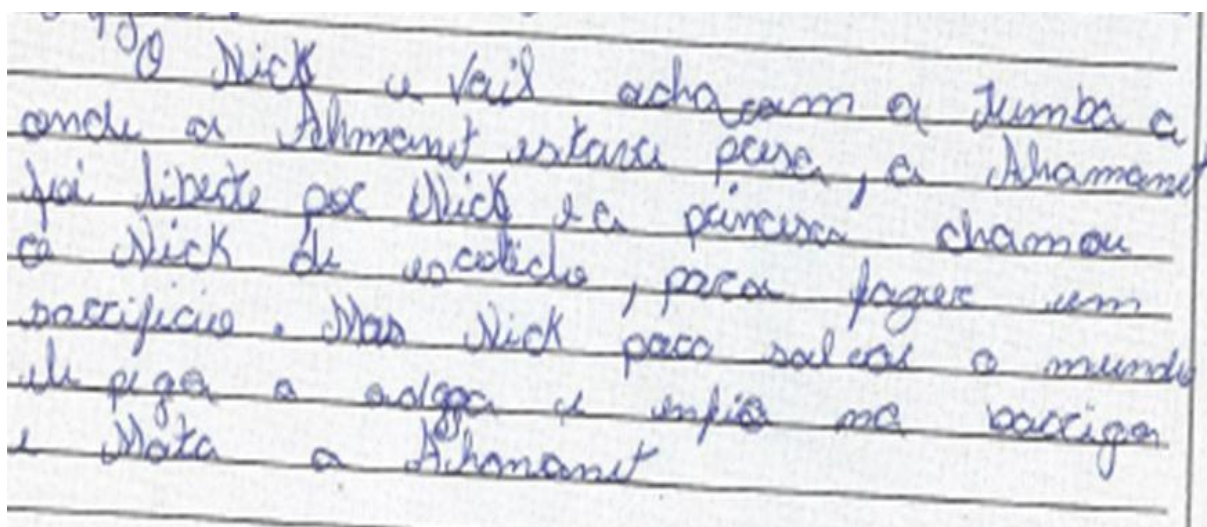
Transcrição do trecho da PF do aluno Matheus H.

Exausto de sua rotina de torturador e infeliz em
seu trabalho, Lucifer **decide** largar tudo no tormento como
Senhor das trevas e deixar sua coroa para morar em
Los Angeles, como **dizem** “local do cercado” e simplesmente
Aproveitar a vida que ele nunca **teve** por ter sido varrido
para o inferno pelo seu pai, ou seja “Deus”

O estudante Matheus P., em contrapartida, não apresenta o mesmo desenvolvimento que os outros colegas, já que faz mais uso de verbos em 3ª pessoa na produção inicial em comparação à produção final, além de desenvolver mais a descrição das cenas na PI quando comparamos seu texto à PF, como comprovam os trechos a seguir, retirados dos dois textos produzidos pelo aluno. Tal ocorrência mostra o que Oliveira (2009) afirma ao citar os estudos de Vigotsky (1989), que o ser humano apresenta uma zona de desenvolvimento denominada pelo pesquisador bielo-russo de “zona de desenvolvimento proximal”, a qual se estabelece entre dois níveis distintos: o nível de desenvolvimento real, que é a capacidade de um indivíduo realizar tarefas de forma autônoma; e o nível de desenvolvimento potencial, que é a capacidade do indivíduo de realizar tarefas com a ajuda de outros que sejam mais capazes do que ele.

No caso do estudante Matheus P., podemos perceber que ele não consegue atingir a zona de desenvolvimento potencial no aspecto relacionado ao uso de verbos em 3ª pessoa, permanecendo na mesma zona de desenvolvimento, já que, em sua PF, o estudante faz pouco uso deste recurso e acaba desenvolvendo menos a descrição de cenas em comparação à sua produção inicial. É importante destacar que isso não implica que o aluno não tenha o domínio desta habilidade, uma vez que, como já foi mencionado anteriormente, o fato de o estudante ter assistido ao filme antes de realizar a produção inicial pode ter influenciado a diferença no desenvolvimento das duas produções.¹⁵

Trecho da PI do aluno Matheus P.

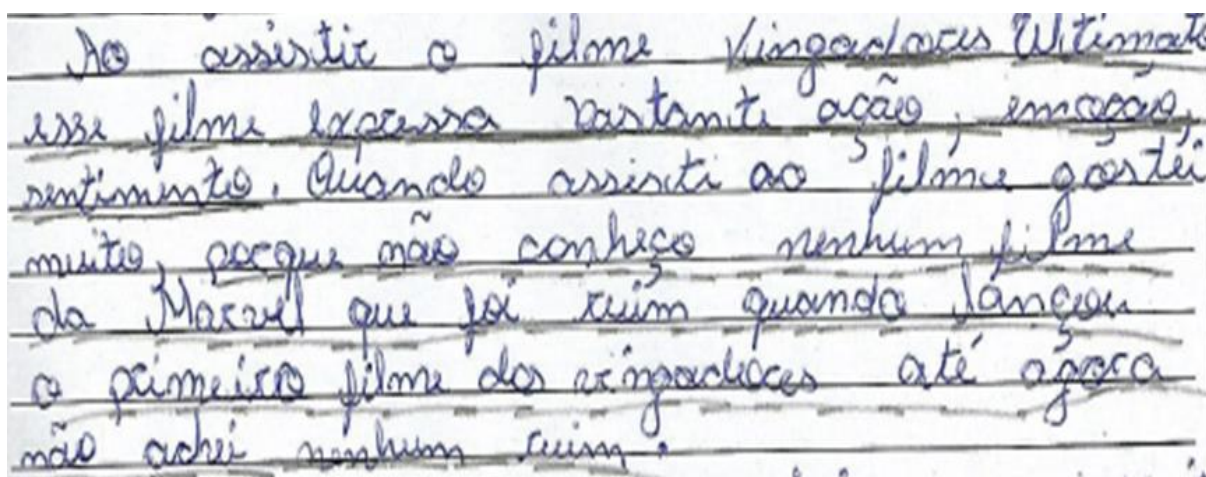


¹⁵ Como foi especificado na atividade referente à produção final, os alunos deveriam assistir a um filme em casa e, em sala de aula, produzir uma resenha sobre esse filme que assistiram em casa, ao passo que, na produção inicial, o filme foi reproduzido em sala de aula e todos produziram uma resenha crítica sobre o mesmo filme.

Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus P.

O Nick e Vail **acharam** a tumba a
onde a Ahmanet **estava** presa, a Ahamanet
foi liberta por Nick e a princesa **chamou**
o Nick de escolhido, para fazer um
sacrifício. Mas Nick pra salvar o mundo
ele **pega** a adaga e **enfia** na barriga
e Mata a Ahmanet

Trecho da PF do aluno Matheus P.



Ao assistir o filme Vingadores Ultimato
esse filme **expressa** bastante ação, emoção,
sentimento. Quando assisti ao filme gostei
muito, porque não conheço nenhum filme
da Marvel que **foi** ruim quando **lançou**
o primeiro filme dos vingadores até agora
não achei nenhum ruim.

Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus P.

Ao assistir o filme Vingadores Ultimato
esse filme **expressa** bastante ação, emoção,
sentimento. Quando assisti ao filme e gostei
muito, porque não conheço nenhum filme
da Marvel que **foi** ruim quando **lançou**
o primeiro filme dos vingadores até agora
não achei nenhum ruim.

A partir da transcrição acima, de um trecho da PF do aluno Matheus P., podemos também afirmar que, em relação ao uso de sequências expositivas e sequências argumentativas, o aluno não apresentou desenvolvimento ao compararmos sua produção inicial com a final, já que a sua produção inicial é formada predominantemente de sequências expositivas e nenhuma sequência argumentativa, enquanto que a sua produção final apresentou apenas uma sequência argumentativa e poucas sequências expositivas. Além disso, a sequência argumentativa da produção final do estudante Matheus P. não foi elaborada de acordo com as estratégias argumentativas ensinadas no módulo III da sequência didática.

Quanto ao uso de sequências textuais, o modelo didático sugere que haja a predominância de sequências expositivas e sequências argumentativas. As sequências expositivas são aquelas que usam de descrição de cenas, de personagens e de outras informações sobre o filme, enquanto que as sequências argumentativas são as que exploram o uso de determinadas estratégias argumentativas, as quais estão descritas nos estudos de Fiorin (2016; 2018) e Koch (2011), e as intercalam com as sequências expositivas no desenvolvimento da apreciação sobre o filme.

Segundo Fiorin (2016), os tipos de argumentos que utilizamos subdividem-se em dois grupos: os que se valem de processos de ligação e os que são utilizados em processos de dissociação, sendo que o primeiro visa aproximar elementos distintos, enquanto que o segundo busca separá-los, o que não observamos nas produções do aluno Matheus P, pois o estudante não elabora argumentos na PI e, na PF, na construção do argumento presente no trecho “Quando assisti ao filme e gostei muito, porque não conheço nenhum filme da Marvel que foi ruim...”, o estudante inicia a construção de uma relação de aproximação entre as informações, o que configura o uso de uma argumentação estruturada a partir de um processo de ligação, mas, por falta de exemplos que sustentem essa relação de aproximação, a argumentação do aluno acaba tornando-se insuficiente.

É importante destacar que os três alunos apresentaram uma apreciação sobre o filme nas produções finais quando comparadas com as produções iniciais e que, nesta mesma comparação, apenas o aluno Matheus P. não compreendeu a sequência lógica de uma resenha crítica de filme, pois ele inicia a PF já apresentando uma apreciação sobre o filme e não faz uso de sequências expositivas intercaladas com sequências argumentativas, o que deve ser realizado na produção de uma resenha crítica de filme, uma vez que, segundo Machado (1996), em uma crítica cinematográfica, é necessário que haja três operações básicas: descrição, apreciação e interpretação.

4.4 Análise das capacidades linguístico-discursivas

Quadro 5 - Análise das capacidades linguístico-discursivas

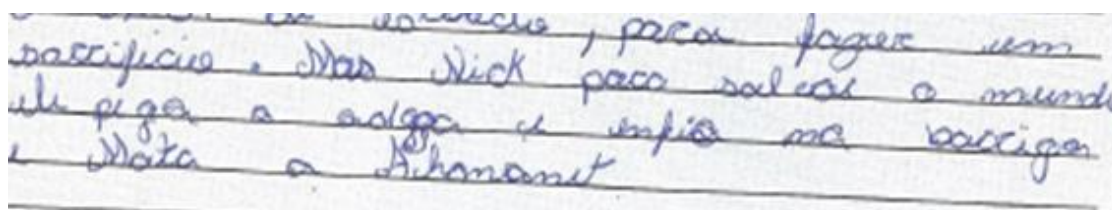
Capacidades de linguagem	Modelo Didático e dimensões ensináveis (SD)		Matheus P.		Jeovana		Matheus H.	
			PI	PF	PI	PF	PI	PF
Capacidades linguístico-discursivas	Modelo didático de gênero	Mecanismos de coesão verbal						
		Mecanismos de coesão nominal						
		Variedade linguística relacionada ao gênero						
Aspectos linguísticos	Dimensões ensináveis (SD)	Predominância de formas verbais no presente						
		Uso de formas verbais no pretérito						
		Uso de conectores textuais argumentativos						

Legenda: Total Parcial Não

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, 2019.

Ao tratarmos dos aspectos linguístico-discursivos desenvolvidos pela sequência didática, seguimos a orientação proposta pelo modelo didático que diz serem os mecanismos de coesão verbal, na crítica de filme, representados por verbos predominantemente no presente em associação com alguns verbos no passado. Por esse aspecto, podemos perceber que os estudantes Jeovana e Matheus H. permaneceram na mesma zona de desenvolvimento, uma vez que já apresentavam o domínio no uso de tempos verbais do presente e do pretérito, enquanto que o aluno Matheus P. teve um desenvolvimento pouco significativo, uma vez que usou mais verbos no presente na produção inicial e, em sua produção final, conseguiu utilizar de forma adequada apenas duas formas verbais no presente (as formas “expressa” e “buscam”), como mostra a comparação entre os dois trechos a seguir.

Trecho da PI do aluno Matheus P.



Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus P.

...Mas Nick para salvar o mundo
ele **pega** a adega e **enfia** na barriga
e **Mata** a Ahmanet

Trechos da PF do aluno Matheus P.

Ao assistir o filme Vingadores Ultimato
esse filme expressa bastante ação, emoção,
sentimento. Quando assisti ao filme gostei

Os Vingadores buscam as joias do infinito
para mudar o seu destino, quando Tony

Transcrição dos trechos da PF do aluno Matheus P.

Ao assistir o filme Vingadores Ultimato
esse filme **expressa** bastante ação, emoção
sentimento...
...Os vingadores **buscam** as joias do infinito

No que tange aos mecanismos de coesão verbo-nominal, o modelo didático elaborado descreve que, ao produzir uma resenha crítica de filme, é necessário que o estudante utilize, predominantemente, verbos no presente do indicativo, substantivos e adjetivos para produzir as sequências expositivas e argumentativas no texto, pois são essas sequências que irão apresentar ao leitor elementos do filme como cenas, personagens, cenários, etc, assim como a apreciação a ser desenvolvida. Além disso, é a partir do uso da voz verbal na 3ª pessoa, com predominância de verbos no presente, que fará com que o filme resenhado pareça recente para o leitor. Logo, percebemos na produção inicial do aluno Matheus P. não só o uso predominante de verbos no pretérito, o que deve ser evitado em uma resenha crítica de filme, mas um uso maior de substantivos em comparação com a produção final, o que nos leva a

inferir que o fato de o aluno ter maior domínio no uso de substantivos contribuiu para que o estudante construísse mais sequências expositivas do que argumentativas, pois, na construção de sequências argumentativas ele teria que usar de características para justificar os argumentos construídos em torno da apreciação elaborada. Desse modo, nos dois trechos transcritos, optamos por destacar: em *itálico*, o uso de verbos no presente do indicativo; em **negrito**, os substantivos utilizados pelo aluno; e, em **negrito e sublinhado**, os adjetivos utilizados por ele, a fim de facilitar a visualização sobre o uso desses recursos linguístico pelo estudante.

Transcrição dos trechos da PF do aluno Matheus P.

A múmia

Em um **egíto** avia um **faraó** e ele
 tinha chamada **Ahamanet** a **princesa**,
 o **faraó** se casou com uma **mulher** depois
 eles tiveram um **filho**, o **erdeiro** do **trono**,
 mas a **princesa Ahamanet** não gostou muito
 e fez um **pacto** com o **deus** da **morte** chama-
 do **Set**,(...)

Transcrição do trecho da PF do aluno Matheus P.

Quando assisti ao **filme** gostei
 muito, porque não conheço nenhum **filme**
 da **Marvel** que foi **ruim** quando lançou
 o primeiro **filme** dos **vingadores** até agora
 não achei nenhum **ruim**.

Por isso, optamos por considerar que o aluno Matheus P., neste aspecto, permanece no mesmo estágio de desenvolvimento, pois quase não utiliza verbos no presente do indicativo, nas duas produções. Além disso, o estudante apresentou pouco domínio no uso de adjetivos, uma vez que não usa desse recurso linguístico para caracterizar alguns elementos do filme, o

que é necessário na produção de uma resenha crítica de filme. Por exemplo, na PF, encontramos apenas dois adjetivos em um parágrafo em que esse recurso linguístico poderia ter sido mais explorado. Do mesmo modo, os estudantes Jeovana e Matheus H. também permaneceram no mesmo estágio de desenvolvimento, com desenvolvimento total nesta habilidade, já que ambos apresentaram na produção inicial e na produção final o uso de verbos no presente do indicativo, além de substantivos e adjetivos na construção do texto, como mostram as transcrições a seguir, nas quais também destacamos os verbos no presente do indicativo, os substantivos e os adjetivos utilizados pelos estudantes em suas produções.

Transcrição do trecho da PI da aluna Jeovana

Tom Cruise no **filme** a múmia *interpreta* Nick um **militar** do **exército** que *está* a procura de **produtos** comercializados totalmente proibidos. O **filme** também *fala* de uma **princesa** chamada **Ahmanet** que *mata* seu **pai**, o **filho** do **pai** dela com sua **esposa**. E então ela *faz* um **pacto** com o **deus set** que *é* o **deus** da **morte**, logo depois ela *tenta* matar um **rapaz** que ela estava apaixonada, pois ela queria matar ele para o **deus set** entrar no **corpo** dele.

Transcrição do trecho da PF da aluna Jeovana

O **filme** um **tio** quase perfeito *é* dirigido pelo **autor** **pedro Antônio**
O **filme** foi lançado em 15 de **Julho** de 2017 e *apresenta* uma **história** bem diferente, pois os **atores** do **filme** *sabem* interpretar muito bem um **filme**. O ator **Marcos Majella** *interpreta* o **tio tony** um **tio** bem divertido e malandro que não sabia, nem por onde começar olhando seus **sobrinhos**, pois ele não estava acostumado com essa **rotina**.

Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus H.

A nova fórmula de sucesso em Hollywood “A Múmia”
que conta a **história** de uma **princesa egípcia** chamada **Ahmanet**
(**Sofia Boutella**) que estava destinada a herdar o **trono** de seu **pai**
que reinava todo o **egito**, mas sua **esposa** deu a **luz** a um **filho**,
que quando se tornasse mais jovem, ele herdaria o tão desejado
trono, **Ahmanet** ficou tão furiosa por terem deixado-a de lado...

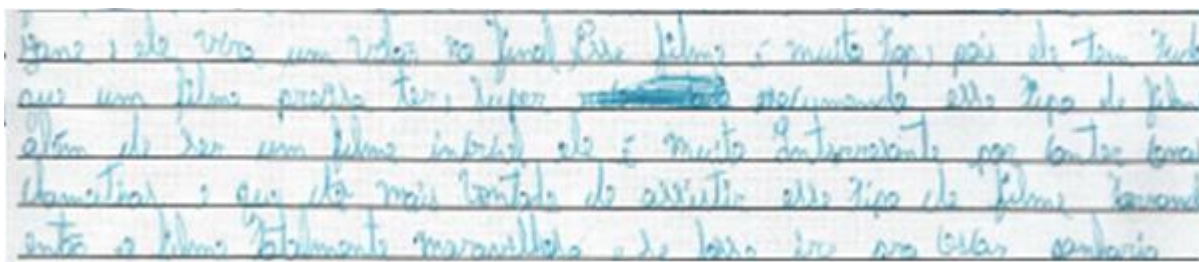
Transcrição do trecho da PF do aluno Matheus H.

Exausto de sua **rotina** de **torturador** e infeliz em
seu **trabalho**, **Lucifer** *decide* largar tudo no tormento como
Senhor das trevas e deixar sua **coroa** para morar em
Los Angeles, como *dizem...* “**local do cecado**” e simplesmente
aproveitar a **vida** que ele nunca teve por ter sido banido
para o **inferno** pelo seu **pai**, ou seja “**Deus**”

Em relação ao uso dos conectores, a aluna Jeovana e o aluno Matheus H. conseguiram avançar nesse aspecto, pois em suas produções finais, em comparação com as produções iniciais, não só elaboraram um número maior de sequências argumentativas, mas exploraram mais o uso dos conectores ensinados no módulo III da sequência didática, o que pode ser observado nos trechos a seguir, em que destacamos em itálico a sequência argumentativa elaborada pelos estudantes e destacamos, em negrito e sublinhado, o conector¹⁶ utilizado na construção da sequência.

¹⁶ Durante a execução do módulo que trata dos aspectos linguísticos relacionados ao gênero, especificamente, do uso dos conectores textuais, foi trabalhada paralelamente com os alunos uma lista de conectores textuais, a qual encontra-se no campo ANEXOS deste trabalho.

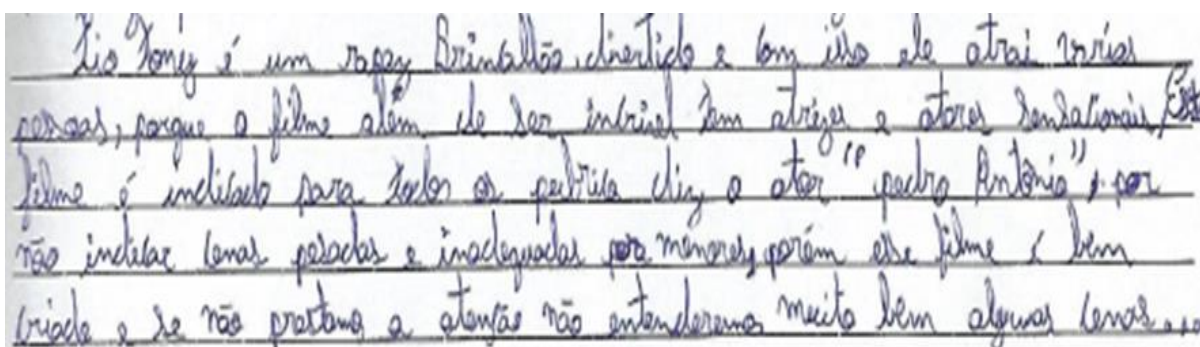
Trecho da PI da aluna Jeovana



Transcrição do trecho da PI da aluna Jeovana

...Esse filme é muito top, pois ele tem tudo que um filme precisa ter, super recomendando esse tipo de filme além de ser um filme incrível ele é muito Interessante por conter cenas dramáticas e que dê mais vontade de assistir esse tipo de filme tornando então o filme totalmente maravilhoso

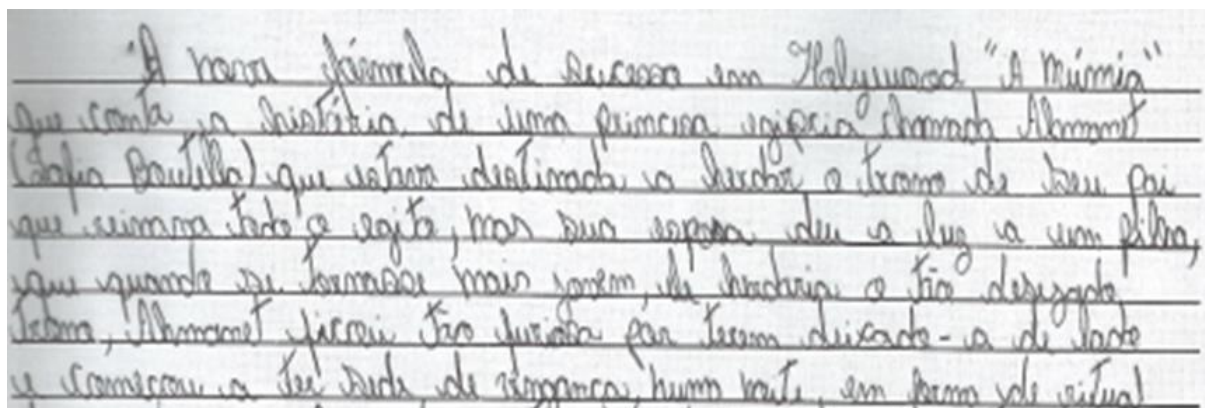
Trecho da PF da aluna Jeovana



Transcrição dos trechos da PF da aluna Jeovana

Tio tony é um rapaz Brincalhão, divertido e com isso ele atrai várias pessoas, porque o filme além de ser incrível tem atrizes e atores sensacionais. Este filme é indicado para todos os públicos diz o ator "Pedro Antônio", por não indicar cenas pesadas e inadequadas para menores, porém esse filme é bem criado e se não prestarmos a atenção não entenderemos muito bem algumas cenas...

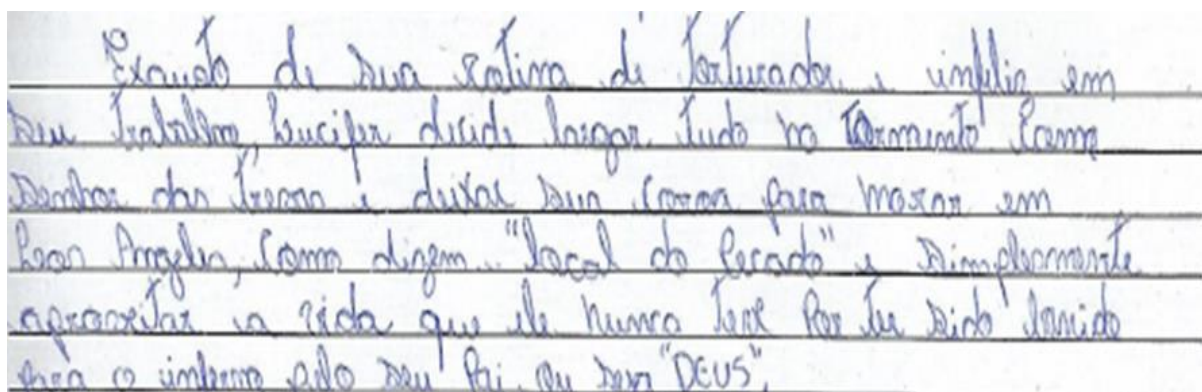
Trecho da PI do aluno Matheus H.



Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus H.

A nova fórmula de sucesso em Hollywood "A Múmia"
que conta a história de uma princesa egípcia chamada Ahmanet
(Sofia Boutella) que estava destinada a herdar o trono de seu pai
que reinava todo o Egito, **mas** sua esposa deu a luz a um filho,
que quando se tornasse mais jovem, ele herdaria o tão desejado
trono, Ahmanet ficou tão furiosa **por terem** deixado-a de lado
e começou a ter sede de vingança....

Trecho da PF do aluno Matheus H.

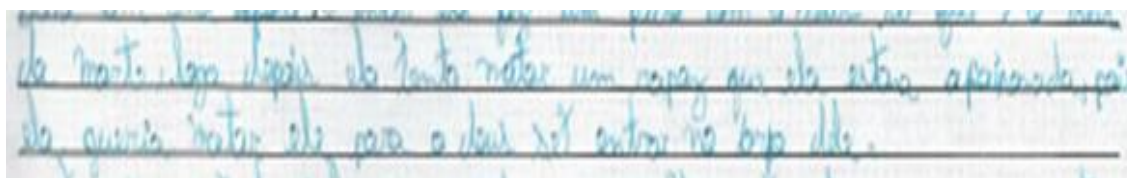


Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus H.

Exausto de sua rotina de torturados e infeliz em seu trabalho, Lúcifer decide largar tudo no tormento como Senhor das trevas e deixar sua coroa para morar em Los Angeles, como dizem... “local do cecado” e simplesmente aproveitar a vida que ele nunca teve por ter sido banido para o inferno pelo seu Pai, ou seja “Deus”.

De acordo com o MDG, a resenha crítica de filme, por ser destinada a um público bem diversificado e por ser um texto de grande circulação e de fácil acesso, deve apresentar uma variedade linguística próxima do padrão-formal, sem o uso de marcas ou construções que aproximem o texto da modalidade oral. Por essa razão, é fundamental que o aluno tenha conhecimento das diferenças entre as modalidades oral e escrita da língua, como mostram os estudos de Marcuschi (2007) que tratam da relação entre fala e escrita. Assim, a estudante Jeovana permaneceu na mesma etapa de desenvolvimento, pois, apesar de seus textos apresentarem maior domínio da variedade padrão-formal, nas produções finais, ela ainda utiliza algumas construções linguísticas próximas da oralidade, como mostra a comparação a seguir em que destacamos, em negrito e sublinhado, as construções que caracterizam uma marca de oralidade presente na PI e na PF da estudante.

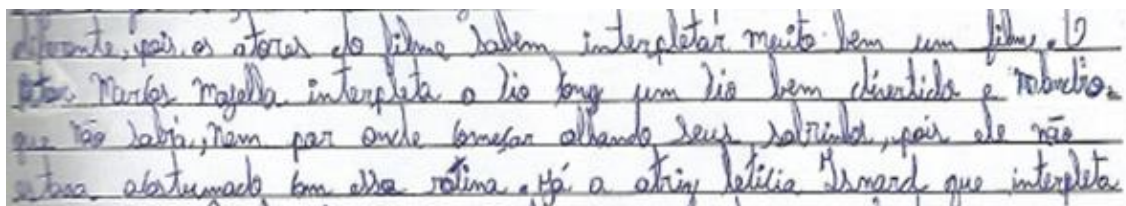
Trecho da PI da aluna Jeovana



Transcrição do trecho da PI da aluna Jeovana

...ela tenta matar um rapaz que ela estava apaixonada, pois ela queria matar ele para o deus set entrar no corpo dele.

Trecho da PF da aluna Jeovana

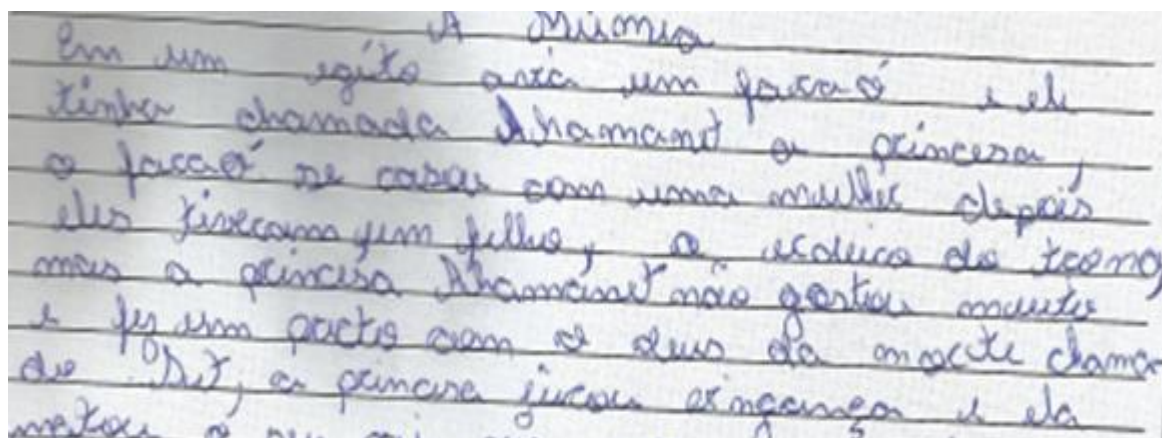


Transcrição do trecho da PF da aluna Jeovana

...pois os atores do filme sabem **interpretar** muito bem o filme. O Ator Marcos Majella **interpreta** o tio Tony um tio bem divertido e Malandro que não sabia, nem por onde começar olhando seus sobrinhos, pois ele não estava acostumado com essa rotina.

Por outro lado, o aluno Matheus P. teve um desenvolvimento significativo, já que a sua produção inicial apresentou muitas marcas de oralidade e construções sintáticas que mostram a influência da fala sobre a escrita, enquanto que na produção final, apesar de ter produzido um texto menor e com a sequência lógica pouco organizada, utilizou melhor a variedade padrão-formal, sem a presença de marcas de oralidade. A seguir, destacamos, em negrito e sublinhado, as expressões que caracterizam marcas de oralidade presentes na PI em comparação com a sua PF.

Trecho da PI do aluno Matheus P.

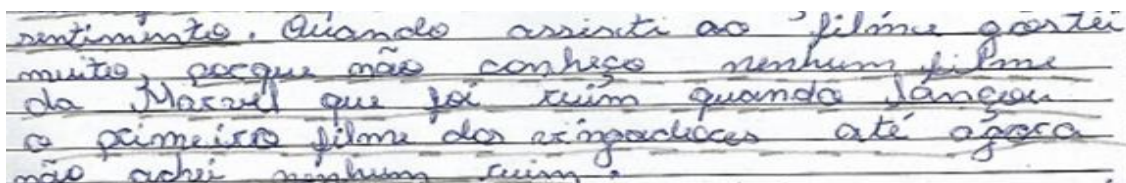


Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus P.

A múmia

Em um egito avia um faraó e ele
tinha chamada Ahamanet a princesa,
 eles tiveram um filho, o erdeiro do trono,
 mas a princesa Ahamanet não gostou muito
 e fez um pacto com o deus da morte chama-
 do Set, a princesa jurou vingança e ela
 matou o seu pai...

Trecho da PF do aluno Matheus P.



sentimento. Quando assisti ao filme gostei
 muito, porque não conheço nenhum filme
 da Marvel que foi ruim quando lançou
 o primeiro filme dos vingadores até agora
 não achei nenhum ruim.

Transcrição do trecho da PI do aluno Matheus P.

...Quando assisti ao filme gostei
 muito, porque não conheço nenhum filme
 da Marvel que foi ruim quando lançou
 o primeiro filme dos vingadores até agora
 não achei nenhum ruim.

Já nas produções do estudante Matheus H. não foi evidenciado o uso de marcas de oralidade em suas produções inicial e final, o que nos leva a inferir que a SD contribuiu pouco para auxiliar na eliminação de marcas orais nos textos dos alunos, uma vez que só o aluno Matheus P. mostrou desenvolvimento neste conteúdo que foi trabalhado pelo material utilizado, ao passo que a aluna Jeovana ainda apresentou o uso dessas marcas orais em sua produção final e o aluno Matheus H. já apresentava desenvolvimento no que compete a não

utilizar elementos da fala em textos escritos que devem usar a variedade linguística padrão-formal.

Portanto, concluímos que o uso da sequência didática para o gênero resenha crítica de filme como estratégia para aprimorar a argumentação dos estudantes e auxiliá-los a eliminar marcas de oralidade em seus textos foi significativamente eficaz, pois, em relação à argumentação, os estudantes elaboraram mais sequências argumentativas e utilizaram um número maior de conectores para elaborar essas sequências textuais, porém, como foi o caso da estudante Jeovana, alguns ainda apresentaram marcas de oralidade em suas produções finais e não conseguiram eliminá-las na segunda produção textual. Tais conclusões serão melhor detalhadas na seção a seguir, que trata das considerações finais deste trabalho.

Considerações finais

Ao longo de 10 anos de magistério como professor de língua materna, inúmeros foram os desafios que enfrentei no que tange à escolha dos métodos de ensino e o do material mais adequado a ser utilizado em sala de aula, a fim de atender à demanda dos alunos de Ensino Fundamental e Médio com os quais já trabalhei.

As maiores dificuldades que sempre enfrentei nas aulas de produção de textos foram a de descobrir como despertar em meus alunos o gosto pela produção escrita, e a de ajudá-los a ter maior domínio sobre variedades linguísticas próximas do padrão formal da língua. Muitos alunos sempre reclamam da aula quando direciono para este tipo de atividade, ou apresentam, em seus textos escritos, construções muito próximas da oralidade, além de não desenvolverem bem a argumentação, outra grande dificuldade percebida quando trabalho textos desta modalidade com eles.

Assim, por entender a importância do processo de formação continuada na vida de um professor, tomei a iniciativa de participar de um projeto que envolvesse de forma dinâmica e interativa não só os alunos com os quais trabalho, mas toda a comunidade escolar. E, por ter consciência de que o perfil dos estudantes brasileiros que chegam à escola hoje, em sua maioria, é oriundo de camadas mais populares, percebi que era necessário nesta pesquisa desenvolver um trabalho que tratasse o ensino de língua materna a partir de elementos que fizessem parte do cotidiano de meus alunos.

Dessa forma, sabendo que uma língua é produzida socialmente, conforme postula Geraldi (2012), entendo que o ensino de língua materna deve ser voltado para aquilo que o estudante irá utilizar na vida em sociedade. Logo, trabalhar com gêneros textuais em sala de aula, na perspectiva de Dolz e Schneuwly (2004), auxiliou-me a compreender que, para atender à demanda de uma geração, que não só apresenta um bom domínio de recursos tecnológicos, mas também está inserida em um contexto em que, cada vez mais, novos gêneros de textos vão surgindo, é essencial utilizar textos autênticos e que se aproximem da vida desses estudantes, o que tornará o ensino mais significativo para eles.

Do mesmo modo, com base na diferenciação feita por Vigotsky (1989) sobre instrumento de trabalho e instrumento psicológico, também compreendi que, para utilizar um gênero textual em um SD, é preciso que o professor tenha em mente que essa estratégia servirá de instrumento psicológico para mediar o desenvolvimento dos alunos em relação à algumas habilidades, como o que foi realizado nesta pesquisa, em que utilizamos na sequência

didática, o gênero resenha crítica de filme como forma de auxiliar os alunos a desenvolver as habilidades propostas neste estudo.

Como mostramos na análise dos resultados, alguns ainda apresentaram marcas de oralidade em suas produções finais, o que comprova ter sido a SD relativamente eficaz para auxiliar os estudantes nesse aspecto. Por isso, notamos que, se a sequência didática trouxesse uma quantidade maior de exercícios sobre a influência da oralidade na escrita, ou, se fosse trabalhada uma SD para gêneros orais, esse tipo de problema, provavelmente, seria solucionado. Além disso, outra situação que pode ter influenciado neste resultado é que muitos alunos que fizeram parte desta pesquisa não participaram de todas as atividades propostas, pois as turmas da escola, em geral, possuem um problema sério de infrequência.

A partir deste estudo, observamos também que o uso da sequência didática em sala de aula é bastante atrativo e fez com que os alunos ficassem muito motivados, principalmente quando foram informados que seus textos seriam utilizados para divulgar uma mostra de cinema produzida por eles. E, ao trabalhar com a hipótese de que, provavelmente, os estudantes tiveram pouco contato com as diferentes estratégias do discurso argumentativo, esta pesquisa contribuiu muito para que eles mesmos pudessem observar o seu desenvolvimento ao comparar o que produziram no início e no final da sequência didática, analisando os pontos positivos e negativos em seus textos, pelo uso do questionário que foi respondido por eles ao término da produção final.

As produções iniciais e finais dos estudantes também mostraram que o fato de a maioria ter produzido os textos dentro do prazo proposto e durante as aulas direcionadas para essa finalidade, se deu em função de que os alunos, desde o início, relataram que gostam muito de filme e que, mesmo não tendo dinheiro para ir ao cinema, sempre que podem, assistem a filmes em casa. Ou seja, o fato de termos escolhido um gênero relacionado a elementos da vida social desses alunos fez com que as atividades propostas neste trabalho fossem executadas por eles com mais motivação e empenho. Por exemplo, em quase todas as aulas, o aluno Matheus P., que sempre apresentou muitas dificuldades com a escrita, sempre folheava o material e perguntava quando leríamos os próximos textos e quando iríamos realizar a mostra de cinema.

Ainda sobre o processo de produção textual, notamos também que, por termos escolhido propostas diferentes para a realização da PI e da PF, isso influenciou no resultado de alguns estudantes. Como mostramos na análise dos resultados, o estudante Matheus P., por ter assistido ao filme antes da PI, apresentou em seu texto uma quantidade maior de sequências expositivas, entretanto, isso não contribuiu para que o aluno desenvolvesse mais o

uso de sequências argumentativas. Por outro lado, observamos que os alunos utilizaram mais sequências argumentativas após a aplicação da SD, pois, não só o aluno Matheus P., mas os outros também utilizaram as estratégias ensinadas no módulo III da SD.

Enfim, este trabalho contribuiu muito para minha formação pessoal e profissional, pois confirma que o ambiente de sala de aula é um local de inúmeras possibilidades e que as metodologias de trabalho não podem ser vistas de maneira estanque. Por essa razão, esta pesquisa abre possibilidades para que sejam realizados estudos que comparem o uso de sequências didáticas com outras metodologias, o que pode contribuir com pesquisas já existentes no campo da Linguística Aplicada. Por outro lado, este trabalho retoma também a importância em exigir dos órgãos responsáveis pela educação no país que passem a dar mais atenção nas avaliações externas a produção escrita dos estudantes do Ensino Fundamental das escolas brasileiras, pois valorizar a escrita na escola é valorizar também o desenvolvimento autônomo dos alunos na vida em sociedade.

Referências

- AMARAL, Emília. (et. al.). *Novas palavras*: 2º ano. 3ª ed. São Paulo: FTD, 2016.
- ANTUNES, Irandé. *Análise de textos*: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 2007.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Gênero de textos, tipos de discurso e sequências. Por uma renovação do ensino de produção escrita*. Pontifícia Universidade Católica: São Paulo, 2010.
- BUENO, Luzia. *Gêneros textuais: uma proposta de articulação entre leitura, escrita e análise linguística*. In: CENP. *Língua Portuguesa: ensinar a ensinar*. São Paulo: Secretaria de Educação, 2009.
- CARMELO, Bruno. *Temporada: Espaços de afeto*. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-266190/criticas-adorocinema/>. Acesso: 16 out. 2018.
- CARVALHO, Rafael. *O lugar da crítica de cinema como gênero do jornalismo cultural e sua crise*. In: *Baleia na rede: estudos em arte e sociedade*. n. 10, vol. 1, 2013.
- CARVALHO, Gisele de. *O gênero 'crítica' em dois veículos de mídia digital: Uma análise sob a perspectiva sistêmico-funcional*. In: *Revista Signos*, n. 1, p. 63-76.
- CEREJA, Roberto William; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens*, 2. 9ª ed. São Paulo; Saraiva, 2013.

CHIZZOTTI, Antônio. *A pesquisa qualitativa em ciência humanas e sociais: evolução e desafios*. In: *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 16, nº 002, Universidade do Minho: Braga/Portugal, 2003.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. *Sequências didáticas para o ensino de línguas*. In: *O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas*. Reinildes Dias e Vera Lúcia Lopes Cristovão (organizadoras). Campinas: Mercado de Letras, 2009.

DAMIANI, Magda Floriana (et. al.). *Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica*. In: *Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel*, Pelotas: maio/agosto 2013.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (Francófona)*. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FAVERO, Leonor Lopes et. at. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GERALDI, João Wanderley Geraldi. *O texto em sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Exame Nacional do Ensino Médio. Resultados. Brasília, 2016. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/educacao-basica/enem/resultados>. Acesso em: 20 set. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Exame Nacional do Ensino Médio. Resultados. Brasília, 2017. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/educacao-basica/enem/resultados>. Acesso em: 20 set. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Provinha Brasil. Disponível em: <http://provabrasil.inep.gov.br/web/guest/provinha-brasil>. Acesso em: 20 set. 2019.

LOUSADA, Eliane Gouvêa. *A abordagem do interacionismo sociodiscursivo para a análise de textos*. In: *Abordagens metodológicas em estudos discursivos*. São Paulo: Paulistana, 2010.

ROJO, R.; CORDEIRO, S. G. *Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer*. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FIGUEIREDO, Laura de. *et. al. Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2015.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. 1ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

FRIEDRICH, Janette. *Lev Vigotsky: mediação, aprendizado e desenvolvimento: uma leitura filosófica e epistemológica*. Campinas: Mercado das Letras, 2012.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MACHADO, Ana Raquel. *A organização sequencial da resenha crítica*. In: *The Specialist*. São Paulo, vol. 17, nº 2, p. 133-149.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L.. *A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros*. In: *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Fala e escrita*. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos e resenhas*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MENDES, Taiane. *Cinderela e o príncipe secreto: a bela e a ferinha*. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-251689/criticas-adorocinema/>. Acesso: 16 out. 2018.

MESSIAS, Carla. *O gênero textual comentário jornalístico radiofônico no ensino do oral: processo de elaboração de um modelo didático*. In: Horizontes, v. 32, n. 2, p. 21-34, jan./jun.2014.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 2009.

PASSARELLI, Ghiuro Maria LÍlian. *Ensino e correção na produção de textos escolares*. 1ª ed. São Paulo: Telos, 2012.

PIETRO, Jean-François; Schneuwly Bernard. *Le modèle didactique du genre: un concept de l'ingénierie didactique*. In: *Les cahiers Théodile* n° 3. Jan. 2003. (p. 27-52)

RAMOS, Rogério de Araújo. *Ser protagonista: Língua Portuguesa: 2º ano: Ensino Médio*. 2ª ed. São Paulo: Edições SM, 2013.

RUSSO, Francisco. *Venon: Planeta dos simbioses*. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-138473/criticas-adorocinema/>. Acesso: 16 out. 2018.

SALGADO, Lucas. 22 de Julho: Fundamentalismo em foco. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-258365/criticas-adorocinema/>. Acesso 16 out. 2018.

SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas*. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SISTEMA MINEIRO DE AVALIAÇÃO. Simave. Belo Horizonte, 2000. Disponível em: <http://simavebancodeitens.educacao.mg.gov.br/>. Acesso em: 20 set. 2019.

SISTEMA MINEIRO DE AVALIAÇÃO. Programa de Avaliação da Aprendizagem Escolar. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <http://simavebancodeitens.educacao.mg.gov.br/>. Acesso em: 20 set. 2019.

TOCAIA, Luciano Magnoni. *Leitura e produção textual na universidade: teoria e prática*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2015.

VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.